

KATYUSCIA OSHIRO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INFÂNCIA EM CAMPO
GRANDE/MS: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES APÓS A
HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL.**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
2010**

KATYUSCIA OSHIRO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INFÂNCIA EM CAMPO
GRANDE/MS: AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES APÓS A
HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação

Área de Concentração: Educação

Orientador: Leny Rodrigues Martins Teixeira

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
2010**

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INFÂNCIA EM CAMPO
GRANDE/MS: AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES APÓS A
HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL.**

KATYUSCIA OSHIRO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Leny Rodrigues Martins Teixeira - UCDB

Prof^a Dr^a Anamaria Santana da Silva -UFMS

Prof^a Dr^a Ruth Pavan - UCDB

Campo Grande, 27 de setembro de 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às crianças e aos profissionais da Educação Infantil para que ele possa contribuir o processo da formação das nossas crianças

AGRADECIMENTOS

Ao senhor Deus.

À minha filha querida Lourdes, peço desculpas pela ausência, mas agradeço por estar ao meu lado, me apoiando, me consolando, e mais por ser sempre compreensiva.

À minha mãe Lourdes e à minha tia Helena, obrigada pela compreensão, amor, dedicação e principalmente por eu fazer parte da vida de vocês.

Aos meus amigos de infância, Sandra, Fabio, Joilma, Cristina, por compreenderem os motivos de tanta ausência.

Aos meus amigos que conquistei no mestrado: Michely - por ter dividido as infinitas bananas; Martinha - pela força e dedicação; Marcelo e o Jairton - pela carona amiga. Agradeço o carinho, e por vocês existirem na minha vida.

Aos meus novos amigos: Gisele, Lenine, e a família Veras que me apoiaram nesse processo e colaboraram para que minha ausência se tornasse menos dolorosa para minha filha. Muito obrigada!

Aos professores do mestrado, sempre acessíveis, sempre disponíveis a sanar as dúvidas e os equívocos das teorias.

Em especial, a minha orientadora Profª Drª Leny Rodrigues Martins Teixeira, por ter sido não apenas uma simples orientadora, mas uma grande amiga, por ter sido quase uma mãe nesse processo, sempre compreensiva às minhas limitações, dosando sempre o quanto da cordinha puxar.

Ao programa de bolsa Capes/inep/seec, por tornar possível essa pesquisa.

OSHIRO, Katyuscia. **A formação de professores para a infância em Campo Grande - MS: as concepções e práticas de educadores após a habilitação em educação infantil.** Campo Grande, 2010. 127p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

O presente trabalho, ligado à Linha de Pesquisa Práticas Pedagógicas e suas relações com a Formação Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, tem por objetivo, identificar como as professoras de Educação Infantil se tornaram as profissionais que são, analisando as contribuições e implicações da Licenciatura em Pedagogia e da Habilitação para Educação Infantil. Mais especificamente, a pesquisa buscou identificar as contribuições e implicações da habilitação em Educação Infantil na vida profissional das professoras que trabalham com as crianças nos Centros de Educação Infantil /CEINFs e Pré – Escola da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS. Para a realização da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, na modalidade descriptivo-explicativa. O estudo foi realizado com cinco professoras sendo três de duas escolas de tempo integral e duas da pré-escola do Centro de Educação Infantil/ CEINFs do município de Campo Grande-MS. A coleta de dados deu-se mediante três tipos de procedimentos: questionário; diário e entrevista recursiva. Em primeiro lugar, foi aplicado um questionário inicial para identificar em quais CEINFs seria possível encontrar professoras que teriam cursado Pedagogia com a Habilitação em Educação Infantil, depois de estarem trabalhando na área. O segundo questionário teve a intenção de mapear os sujeitos da pesquisa: a formação, instituição e o tempo de formação. Por meio dos diários, os professores realizaram o registro das atividades desenvolvidas diariamente por um período de um mês. Tais registros visavam à identificação da prática pedagógica das professoras, bem como fornecer dados preliminares para a elaboração do roteiro das entrevistas, as quais foram realizadas de forma recursiva. Os dados dos diários e das entrevistas foram categorizados e analisados, levando-se em conta aspectos como: formação, rotina, atividades ,desafios e preocupações revelados pelas professoras. Os resultados apontaram os cursos do CEFAM, da Licenciatura em Pedagogia e da Habilitação em Educação Infantil, como fundamentais no processo de formação dessas professoras. As suas concepções se mostraram associadas à compreensão da criança como um ser em desenvolvimento, assim um cidadão de direitos. As suas práticas são reveladoras da crença de que Educação Infantil é um espaço que proporciona o desenvolvimento integral das mesmas porque valoriza o brincar como atividade central da infância, possibilita a construção de autonomia, cooperação, responsabilidade, criatividade e a formação do auto - conceito positivo. A relação do cuidar e educar também compareceu articulada. A qualidade do trabalho desenvolvido por estas professoras aponta para uma formação consistente que provavelmente se relacione com o fato de ter sido realizada simultaneamente ao trabalho na sala de aula.

Palavra – chave: formação de professores, Educação Infantil, habilitação em Educação Infantil, censo especial da Educação Infantil 2000

OSHIRO, Katyuscia. **Teacher training for children in Campo Grande - MS: The concepts and practice of teachers after the major in kindergarten Education.** Campo Grande, 2010. 127p. Thesis (Masters) Pos - graduation Program - Masters in Education, Dom Bosco Caatholic University.

ABSTRACT

This work is connected to the Line of Pedagogical Practices Research and their relationship with the Teacher Training Program for Master and PhD at Dom Bosco Catholic University - UCDB, aims to identify how teachers of kindergarten have become the professionals they are, analyzing the contributions and implications of the Major in Education for Kindergarten Education. More specifically, the research sought to identify the contributions and implications of the qualification in Kindergarten Education in the professional lives of teachers who work with children in Child Education Centers / CEINFs and Pre - School of the Public Schools of Campo Grande. For this research, it was opted a qualitative approach, the descriptive-explanatory method. The study was conducted with five teachers from two schools, three of them from full-time schools and two from pre-school of Child Education Center / CEINFs of Campo Grande-MS. Data collection took place through three types of procedures: questionnaire, interviews and recursive interview. First, a questionnaire was applied to identify on which CEINFs teachers who had attended a Major in Kindergarten Education after being working as a teacher, could be found. The second questionnaire was intended to map the research subjects: the training, the training institution and training time. Through their daily records, the teachers held the record of the activities performed daily for a period of a month. These records were designed to identify the pedagogical practice of teachers as well as provide preliminary data for establishing the series of interviews, which were performed recursively. Data from the diaries and the interviews were categorized and analyzed, taking into account aspects such as training, routine activities, challenges and concerns revealed by the teachers. The results showed the courses of CEFAM's Degree in Education and Major in Kindergarten Education as fundamental in the process of training these teachers. Their conceptions were associated with understanding the child as a developing human being, and a citizen of rights. Their practice reveals the belief that kindergarten is a place that provides the full development of the children because it values playing as central activity of childhood, it allows the construction of autonomy, cooperation, responsibility, creativity and the formation of self - positive concept. The relationship of care and education also attended articulated. The quality of the work of these teachers point to a consistent training that probably relates to the fact that it was conducted simultaneously at work in the classroom.

Key - words: teacher training, Kindergarten Education, major in Early Childhood Education, Kindergarten Education Special Census 2000.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de Municípios que possuem Estabelecimentos com Oferta de Educação Infantil - Creche e/ou Pré-Escola	66
Tabela 2 Número de Estabelecimentos de Educação Infantil por Dependência Administrativa	67
Tabela 3 – Número de Estabelecimentos de Creche e Pré-Escola, por Dependência Administrativa	67
Tabela 4 – Número de Estabelecimentos da Educação Infantil que Funcionam em Prédio Escolar ou de Creche	68
Tabela 5 – Número de Estabelecimentos de Creche com Profissionais de Nível Superior da Área Pedagógica, por Função Exercida	68
Tabela 6 – Número de Estabelecimento de Pré-Escola com Profissionais de Nível Superior da Área Pedagógica, por Função Exercida	69
Tabela 7 – Número de Estabelecimento de Creche com Profissionais de Nível Superior, por Função Exercida	70
Tabela 8 – Número de Estabelecimento de Pré-Escola com Profissionais de Nível Superior, por Função Exercida	70
Tabela 9 – Número de Estabelecimentos da Educação Infantil com Voluntários da Área Pedagógica, por Função Exercida	71

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Questionário para o gestor	124
Anexo 2 – Questionário para o professor	126
Anexo 3 – Quadro com transcrição dos diários	127
Anexo 4 – Roteiro da Entrevista	155
Anexo 5 – Transcrição das Entrevistas	159
Anexo 6 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	189

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A ideia de infância: um conceito construído ao longo do tempo por múltiplas influências	17
I.1 As contribuições dos autores para compreender a importância da infância	18
CAPÍTULO II: A educação infantil no Brasil	37
II.1 A conquista do direito de ser criança no contexto brasileiro	37
CAPÍTULO III: A formação do professor da educação infantil no Brasil: especificidades e desafios	52
III.1 Desafios do professor da educação infantil no Brasil	52
III.2 O professor para educação infantil: especificidades.....	60
CAPÍTULO IV: Os caminhos da pesquisa – objetivos e metodologia	64
IV.1 Panorama da Formação dos Professores da Educação Infantil.....	64
IV.2 Qual Educação Infantil no Brasil e no Estado do Mato Grosso do Sul: Censo Especial da Educação Infantil 2000	65
IV.3 Objetivos e Metodologias.....	71
IV.4 Objetivo Geral	72
IV.5 Objetivo Específico	72
IV.6 Escolha das professoras	72
IV.7 Procedimentos e coleta de dados	73
CAPÍTULO V: A prática das professoras e as implicações dos cursos de formação para professores para educação infantil	76
V.1 A prática das professoras: as marcas do trabalho na Educação Infantil	76
V.2.1 Professora A	76
V.2.2 Professora B	81
V.2.3Professora C	84
V.2.4Professora D	86
V.2.5Professora E	89
V.3 Como se tornaram as professoras que são	96
V.4.1 Professora A	96
V.4.2 Professora B	99
V.4.3 Professora C	102

V.4.4 Professora D	104
V.4.5 Professora E	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS.....	118
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

O cuidado e a educação das crianças de zero a seis anos a partir do século XIX ocorreriam em asilos, creches, orfanatos entre outros espaços. Com as mudanças políticas e econômicas, esse contexto passa a ser uma preocupação geral da sociedade, sendo indispensável um local onde essas crianças permanecessem em segurança, com atendimento e cuidados básicos para que os responsáveis, inclusive a mãe, pudessem trabalhar, pois com a revolução industrial, a mulher entrou no mercado de trabalho como um elemento de grande valor agregatório.

A discussão sobre quem cuida e educa as crianças foi e continua sendo a grande preocupação de muitos pensadores e legisladores. No Brasil, as mudanças mais significativas ocorreram a partir de muitas lutas e movimentos sociais a fim de garantir uma educação de qualidade para os pequenos.

A educação infantil no Brasil ganhou espaço a partir da Constituição de 1988. Esse espaço se consolidou também com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LBD nº 9394/96 que estabeleceu a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, e determinou que o profissional para cuidar e educar essas crianças deveria ter o magistério e no prazo de dez anos ter concluído a formação em nível superior.

A partir dessas exigências legais, muitas iniciativas foram tomadas para qualificar os professores de Educação Infantil, como: cursos emergenciais, cursos de férias, curso de dois anos e outros, realizados a partir de parcerias entre as prefeituras e as Universidades, para que se atendesse a esse quadro. A formação universitária foi feita até recentemente em curso de Pedagogia vigentes até 2006 que foi determinada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia com a Resolução CNE/CP Nº 2/2002, mas sem especificidade para formar esse profissional. Somente a partir da promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia com a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006 passamos a ter um curso com habilitação para educação Infantil.

Se considerarmos o caráter recente das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia e também, que anteriormente nem todos os profissionais que trabalhavam com as crianças tinham se qualificado, à formação de professores para Educação Infantil ainda carece de solidez e tradição.

Como nas demais áreas de formação os cursos são teóricos, sem uma boa articulação com a prática e acrescentando a esses fatores outros relativos à própria natureza dos cursos e que pesam negativamente na qualidade da formação, esta somatória acarretará uma série de dificuldade e equívocos no trabalho desenvolvido na Educação Infantil.

Nesse contexto, considero que é importante ter como objeto de pesquisa questões relacionadas à formação do professor de Educação Infantil, já que é uma área recente no Brasil, e isto justifica ampliar a investigação teórica sobre ela.

Por outro lado a pesquisa também encontra justificativas de ordem subjetiva. Este projeto de pesquisa foi fruto da minha ansiedade pessoal e profissional, ou melhor de uma inquietação que foi se construindo durante a minha formação inicial. No período da minha formação no curso de Pedagogia, era comum encontrar professoras que atuavam com as crianças e que já conheciam autores como Piaget, Vygostky, Emilia Ferreira, entre outros. Elas já sabiam da importância da Música, da Arte, do brincar para a infância. Também havia aquelas que acreditavam ser importante escolarizar as crianças. De qualquer forma, tudo que os professores do curso de Pedagogia falavam ou propunham, como debate, pesquisa e estudo não parecia novo para elas.

Fatos como esses, me fizeram pensar sobre a função do curso para essas professoras, ou seja: quais contribuições a Pedagogia poderia lhes trazer se já haviam cursado o CEFAM ou o Magistério? O que elas estavam fazendo ali, se já trabalhavam com as crianças? Percebia que para a maioria das falas e propostas dos professores da universidade, a resposta delas era a de que já conheciam e ainda ressaltavam – *já vimos tudo isso no Magistério*.

Esses fatos foram também corroborados pela experiência do estágio. Durante a minha formação inicial, tive a oportunidade de fazer estágio na creche da mesma

instituição em que cursava Pedagogia, com uma professora que estudava na minha sala e como curso de Magistério. Realmente, frente à minha inexperiência, ela parecia saber muito e o fato de estar ali cursando Pedagogia me intrigava. Por que ela fazia esse curso se ela já sabia tudo?

Depois de algum tempo, eu percebi que a Pedagogia ainda poderia acrescentar – lhe conhecimentos importantíssimos para construção de seus saberes. Algumas experiências, como a da Iniciação Científica e do trabalho da Monografia, me fizeram perceber que a formação é um processo contínuo. Percebi também, que essas pessoas que passaram por outra formação anterior ao curso de Pedagogia e já estão em sala de aula, podem ter uma outra visão e um outro tipo de relacionamento com os aportes teóricos do curso.

Além das questões teóricas sobre formação de professores para a Educação Infantil, que passaram a me preocupar, inquietações desta natureza, de caráter mais profissional e pessoal, me levaram a escolher essa questão como problema de investigação e a desenvolver um projeto de pesquisa sobre o papel da Pedagogia para a formação de professores. Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo retratar a formação de professores para a Educação Infantil, analisando as contribuições e implicações da Habilidade Específica do professor da Infância para a prática docente de “educadores” atuantes na rede de ensino municipal de Campo Grande/MS

As contribuições para que de fato essa pesquisa fosse desenvolvida ocorreram por meio do programa de bolsas da CAPES/INEP/SECAD, e possibilitaram o financiamento para o desenvolvimento deste estudo.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, os quais têm a intenção de resgatar as contribuições dos autores para compreender como se constituiu a Educação Infantil no Brasil e a formação do professor; para atuar nesse nível, bem como de apresentar os procedimentos utilizados na pesquisa e as análises dos dados coletados. Os capítulos estão organizados da seguinte maneira:

No Capítulo I apresenta um estudo sobre o pensamento dos autores que, no decorrer da história contribuíram para compreender a infância e construir a concepção de infância que temos hoje. Nesse capítulo, iniciamos a reflexão com as ideias de

Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Decroly, Dewey, Montessori, Freinet, até chegarmos às mais atuais de Piaget e Vygotsky.

O capítulo II segue com uma discussão sobre como a Educação Infantil no Brasil se constituiu. As contribuições da Lei e dos documentos que compreendem a criança como ser histórico – social e cultural e que garante seus direitos. O marco para esse contexto foi a Constituição Federal de 1988 que colocou a criança no lugar de sujeito de direitos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA oficializou a criança como cidadã, garantindo medidas legais e protetoras. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional incluiu a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica.

A discussão sobre a formação do Professor da Educação Infantil, bem como seus desafios e especificidades ocorrem no Capítulo III. Apresentamos uma reflexão sobre os desafios da formação do professor para atuar nesse nível, já que não se espera que esse profissional escolarize as crianças. Sendo assim, cabe discutir como e onde eles devem ser formados e o que deve nortear o trabalho com os pequeninos. Outras temáticas ligadas à atuação pedagógica do professor são abordadas, tais como a relação entre o cuidar e educar e o papel brincar como uma atividade intrínseca à infância.

Os caminhos pelos quais se desenvolveu a pesquisa, tendo em vista seus objetivos, estão descritos no Capítulo IV. A situação ou o quadro formação dos professores e dos profissionais envolvidos com infância no Brasil e no Estado de Mato Grosso do Sul também é apresentado nesse capítulo. Para compreender as contribuições e implicações da Habilitação em Educação Infantil na vida das professoras, pesquisamos, um levantamento por meio de um questionário sobre a formação de todas as professoras lotadas nos Centro de Educação Infantil – CEINFs de Campo Grande – MS - para identificar o processo de formação das mesmas. A metodologia utilizada foi o diário de bordo em que as professoras escreveram diariamente no período de um mês a sua organização do trabalho didático. Por meio desse instrumento foi possível elaborar um roteiro de entrevista mais preciso, com a intenção de resgatar junto às professoras, onde e como elas se tornaram as profissionais que são.

A caracterização e análise da prática e da formação das professoras são realizadas no Capítulo V. Foi elaborada uma primeira análise que partiu das escritas dos diários das professoras em que surgiram quatro categorias, dentre elas estão: formação, atividades, rotina, desafios e preocupações. Essas categorias deram bases para elaborar o roteiro da entrevista. A entrevista recursiva foi elaborada em três blocos: Bloco A: dados biográficos gerais; Bloco B: observação das atividades relatadas nos diários e o Bloco C: formação do professor.

Por fim, depois de muitas discussões, descobertas, certezas e incertezas apresentamos as Considerações Finais, as quais têm a intenção de responder aos objetivos da pesquisa cuja intenção era verificar as contribuições e implicações da Licenciatura em Pedagogia na prática pedagógica das professoras.

CAPÍTULO I

A ideia de infância: um conceito construído ao longo do tempo por múltiplas influências

A criança nem sempre foi compreendida como ser humano histórico – social e cultural, portanto com características e necessidades específicas. No decorrer da história, foi vista como uma tábula rasa ou como um adulto em miniatura. Com as mudanças políticas, econômicas e sociais provocadas sobre tudo com a revolução industrial no século XVIII houve profundas modificações na sociedade e na relação do homem com o trabalho. Solicitadas para trabalhar nas fábricas, as mulheres passaram a ocupar um espaço na sociedade, deixando assim de poder cuidar de seus filhos. Com essas mudanças passou a ser necessário um espaço que cuidasse das crianças, enquanto seus responsáveis contribuíam para o desenvolvimento do país.

Paralelamente às ideias de vários filósofos e educadores, foram sendo difundidas outras, que muito contribuíram para a mudança de concepção de infância. Ao longo do tempo se altera-se raciocínios e conclusões até chegarem à compreensão que temos atualmente: criança como ser histórico – social e cultural e como tal, portadora de direitos.

Cabe ressaltar que esta é uma concepção que vem de uma invenção de infância moderna, e como define Kohan (2003) em seus estudos sobre a história da infância, uma ideia de infância frágil e indefesa, associada a uma série de estratégias utilizadas e justificadas para a proteção desta infância, sua educação e bem estar.

Para entender como a criança passou a ser vista diferentemente do adulto, vamos recuperar as colocações dos pensadores que contribuíram para que compreendêssemos a criança e a infância da forma como está constituída atualmente.

I.1 As contribuições dos vários estudiosos para compreender a importância da infância

As mudanças quanto à concepção sobre a infância no decorrer da história tiveram contribuições de vários teóricos . João Amós Comenius, Jean – Jacques

Rousseau, Pestalozzi, Friedrich Froebel, Maria Montessori, Freinet, Decroly entre outros pensadores, acreditavam que as crianças tinham necessidades específicas e próprias muito diferentes da dos adultos, sendo necessário criar um alicerce para uma educação centrada na criança.

João Amós Comenius (1592-1657), no século XVII viveu um período marcado pela intelectualidade e segundo Boto (2002, p. 33) “um tempo assinalado pela busca da racionalização: quanto a valores e referências; mas, sobretudo, quanto aos modos de apreensão do mundo”.

Almeida (2002) ressalta que Comenius é considerado como o maior educador e pedagogista do século XVII e um dos maiores educadores da história. Comenius ao apresentar a *Didática magna*, aborda a didática como uma ciência sistemática com o objetivo de estudar a Pedagogia a partir do signo da universalidade, segundo Boto (2002, p. 34) ao citar Comenius universal significa: “abrir a pretensão de educar todas as crianças e, portanto, a médio prazo, todas as pessoas; universal também compreende a ideia de valer-se de recursos uniformes para proceder a tal escolarização em rede”.

Partindo da hipótese que o fato das pessoas não gostarem de estudar se deve a incapacidade das escolas em criar um método que seja atraente para as pessoas, Comenius concluiu que o único modo de atrair as pessoas para escola deve-se a necessidade que se: “unifique as práticas pedagógicas, racionalize o espaço e o tempo escolares, criando, assim, um meio coerente para as crianças que devem não somente aprender, mas realizar plenamente a sua humanidade” Boto (2002, p. 35)

É Comenius que norteia a moderna concepção de infância relacionada com uma nova concepção de escola, que traz como ideal para escola a “transformação natural e social das crianças”. Sendo assim, Comenius comprehende como o papel da escola, as seguintes funções:

Entendendo como tarefa da educação escolar formar valores como a “temperança, castidade, humildade, gravidade, paciência e continência” (Comenius, 1997: 105), urgia encontrar um método eficaz de transmissão de códigos de valores e de conduta, adequados para serem aprendidos na escola, sem fadiga, sem tédio, rapidamente, “posto diante dos olhos de modo perspicuo e claro” (Comenius, 1997: 106). Havia na esperança religiosa que Comenius depositava em seu credo no método, o desejo de corrigir a escolarização, universalizando a escola para todas as crianças. [...] acreditava que era possível substituir o aprendizado individualizado pelo aprendizado coletivo. Boto (2002, p. 36)

Tendo em vista as ideias de Comenius, é possível compreender que as maiores contribuições da *Didática Magna* foram a universalização da escola e o ensino coletivo.

Outra contribuição importante da *Didática Magna* de Comenius é a divisão de quatro períodos. Segundo Almeida, (2002) Comenius comprehende os anos de vida, considerando os anos de desenvolvimento, dentre eles estão: a infância, puerícia, adolescência e juventude. Cada um desses períodos tinha a duração de seis anos.

A obra *Plano da escola materna* foi mais uma contribuição de Comenius para a criança. Ele responsabilizou os pais pela educação de seus filhos, algo que não ocorria nesse período, constituindo assim, um grande avanço. Ainda relatou que nesse período de vida da criança, ela deve aprender: “*Metafísica, Ciências Físicas, Óptica, Astronomia, Geografia, Cronologia, História, Aritmética, Geometria, Estática, Artes Mecânicas, Dialética, Gramática, Retórica, Poesia, Música, Economia Doméstica, Política, Moral (Ética), Religião e da Piedade.*” (ALMEIDA 2002, p. 3).

Almeida (*ibid*) ainda ressalta que Comenius teve muitas preocupações com o aprendizado da criança e ele apresentou aspectos importantes, que são essenciais para o desenvolvimento de propostas educativas para a infância.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778), no século XVIII na França caracteriza a infância, entendendo a criança como um ser humano que tem ideias próprias, se diferenciando do adulto. É com Rousseau que surge a concepção de que a mente infantil atua diferentemente da dos adultos. É com uma visão naturalista que Rousseau defende que a criança tem a necessidade de experimentar coisas e situações desde cedo. (OLIVEIRA, 1995)

Segundo Almeida (2002, p. 4) a relação da educação com as especificidades da infância foram centralizadas com Rousseau ao “deixar de considerar a criança como um homem pequeno, mas que ela vive em um mundo próprio cabendo ao adulto compreendê-la”.

Todas essas ideias estão colocadas em sua obra “*Emílio*” publicada em 1762. Boto (2002, p. 44) ressalta que “Rousseau propõe-se no “*Emílio*” a descoberta da condição essencial da criança – como ser em si, como conceito e como categoria analítica”. A criança a que o autor se refere em sua obra é o Emílio, um aluno imaginário que receberá a educação por meio das ideias de Rousseau, desde o nascimento até atingir a maioridade.

A educação de Emílio é observada e dirigida por Rousseau com intuito de descobrir as características naturais do desenvolvimento humano. Sendo assim, Rousseau comprehende que para poder interagir com as diferentes fases de desenvolvimento de Emílio e apesar de considerar a natureza da criança é preciso introduzir princípios éticos solicitados pela cultura.

Na obra “Emílio”, Rousseau se coloca como um narrador na primeira pessoa e considera vários aspectos relacionados à infância. Segundo Boto, ao criticar as ideias de Rousseau (2002, p 45) considera os seguintes aspectos: “a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar em sua educação e conduzi-la desde o momento de seu nascimento até que, já homem, não mais precise de outro guia que não ele mesmo”

Almeida (2002, p. 4) relembra que os dois primeiros livros do “Emílio” são dedicados à infância. No primeiro livro Rousseau se refere ao período do nascimento aos dois anos de idade, considerando a valorização da infância, o desenvolvimento da criança e suas especificidades. O segundo livro trata dos dois aos doze anos, fase que Rousseau considera como a idade da natureza. Nessa obra ele fala sobre as questões referentes ao começo da fala, à liberdade ligada ao sofrimento, à educação na infância, ao homem livre, às atitudes do educador, às virtudes, à imitação, à ação e ao pensamento, dentre outros temas.

Rousseau tinha como objetivo educar Emílio de forma a fazer florescer em seu coração a força da natureza. Para tanto, não podia deixar que Emílio fosse influenciado pelo preconceito, pela autoridade e necessidades que existiam no século XVIII em todas as instituições sociais. Rousseau acredita que a Educação humana tem como base, a tríplice origem que engloba: a natureza, as coisas e os homens. Para ele, educar é conservar algo que a natureza proporciona. Sendo assim, segundo Boto (2002, p. 45) “tal necessidade de conservação convive com a mais plena disposição para a mudança e, consequentemente, competiria às gerações mais velhas, cuidar e proteger a infância”.

Ao falar da criança, Rousseau ressalta que ela não age pela racionalidade do adulto. Sendo assim, é diferente do adulto. A criança aprende a realidade mediante as imagens e as sensações. Possui também um estado físico que se diferencia do adulto, pela fisionomia, pelas expressões, cujos traços físicos vão se modificando com muita rapidez. (BOTO, ibid, p. 47)

Boto (ibid, p. 53) ressalta ainda que Rousseau não se preocupou apenas com os aspectos físicos, biológicos e emocionais da criança. Ele foi além, já que a maior

obsessão deste filósofo é a alma da criança. Rousseau defende, que é preciso respeitar e compreender as especificidades da criança e ainda considerar as etapas que a mesma constitui, fazendo gerar um movimento harmonioso da natureza em desenvolvimento, deixando assim, sua alma livre e se relacionando com a natureza. Educar bem a criança deve ir além de acompanhar os movimentos físicos, biológicos e emocionais; é preciso descobrir a sua alma da infância.

Para descobrir-la, o adulto precisa se colocar no lugar da criança, compreender suas ideias, entender suas verdades. Só assim é possível conservar a inocência e alma da criança. Portanto, a inocência da criança depende daqueles que a rodeiam, sendo necessário afastar a criança do adulto, por ele produzir um mundo marcado pela deformidade, tanto nas instituições quanto nas convenções sociais e ainda na forma de sentir e pensar, o que cada vez mais distancia a criança da pureza original. (PIOZZI, p. 249).

Em síntese, as contribuições de Rousseau foram de grande importância para mudar o olhar sobre a infância, na medida em que apregoou a idéia de que era preciso conhecer a criança que se educava, compreender a infância e suas especificidades e ainda que sua inocência dependia dos adultos que estão ao seu redor.

Um outro educador que influenciou nas mudanças da concepção de infância foi Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). Viveu no século XVIII, na Suíça tendo sido considerado o “educador da humanidade”. Influenciado por Rousseau “preocupou-se com a formação do homem natural, contrariamente ao seu antecessor, buscou unir esse homem à sua realidade histórica”. (ALMEIDA, p. 5)

Ao colocar em prática as idéias de Rousseau, Pestalozzi lutou por uma educação não repressiva e passou a se dedicar ao ensino como uma forma de desenvolvimento das capacidades humanas, considerando o sentimento, a mente e o caráter da criança.

Para este educador, a educação verdadeira e natural conduz à perfeição, à plenitude das capacidades humanas, crença que o fez postular a difusão do saber universal a todas as classes sociais como condição para alcançar a dignidade humana. A partir destas ideias passou a ter como propósito descobrir as leis que propiciassem o desenvolvimento integral da criança.

Segundo Zanatta (2005, p. 169) Pestalozzi idealizava a criança, as suas capacidades e a educação intelectual, como descreve:

a criança é concebida como um organismo que se desenvolve de acordo com as leis definidas e ordenadas e contém em si todas as capacidades da natureza humana. Essas capacidades se revelam como unidade da mente, coração, e mão (arte), e devem ser devolvidas por meio da educação intelectual, profissional e moral, estreitamente ligada entre si. A educação intelectual resulta da organização das impressões sensoriais obtidas pela relação homem- natureza. Nesse processo, as seleções das impressões recebidas da natureza transformaram as representações confusas em conceitos precisos e claros. O meio essencial da educação intelectual é a intuição. Para Pestalozzi, a intuição não se limitava a mera visão passiva dos objetos, à contemplação das coisas, mas incluía a atividade intelectual por meio da qual eram criados os objetos.

Sendo assim, o conhecimento intelectual ocorre por meio da intuição, podendo ser manifestado pela palavra, pelo número e ainda pela forma que, segundo Pestalozzi são as maneiras de expressão da inteligência.

Já a educação profissional engloba o aprender trabalhando, fazendo na prática. A preocupação de Pestalozzi foi relacionar os conhecimentos e as atividades práticas, para desenvolver as habilidades exteriores e ainda exercitar os sentidos e os membros.

Pestalozzi considerava a Educação moral ou a religiosa como a que deveria ter maior significado para a formação do ser humano, por proporcionar a formação de valores e modos de agir coerentemente. Pestalozzi considerava que “a educação moral mais do que ensinada tem que ser vivida” (ZANATTA 2005, p. 170) para enobrecer o homem em seu interior e contribuir para sua autonomia moral.

Com o intuito de criar uma forma de unir o desenvolvimento intelectual e a moral do homem, Pestalozzi estabeleceu alguns princípios para o seu método de ensino, conforme cita Zanatta (2005, p. 170)

partir do conhecido para o desconhecido; do concreto para o abstrato; do particular para o geral; da visão intuitiva à compreensão geral por meio de uma associação natural com outros elementos e, finalmente, reunir no todo orgânico de cada consciência humana os pontos de vistas alcançados.

Pestalozzi mostrou que a criança era diferente do adulto. Ressaltou a importância do papel da família nas relações das crianças com a educação escolar. Dedicou-se ainda à criação do jardim de infância, à formação de professores, elaboração de métodos e criação de materiais concretos para que a criança os sentisse em vez de ouvir falar dele. Segundo Oliveira (1995, p. 14) “Pestalozzi ofereceu para as crianças atividades de música, arte, soletração, geografia, aritmética e muitas atividades de linguagem oral e de contato com a natureza.”

Almeida (2002, p. 5) destaca que, apesar das idéias de Pestalozzi terem sido introduzidas no século XVIII, suas contribuições foram de “grande valia para estruturação do pensamento educacional do século XIX”.

No século XIX na Alemanha, Friedrich Froebel (1728-1852) educador, protestante, reuniu as idéias de Rousseau e Pestalozzi, desenvolvendo “suas teorias arraigadas em pressupostos idealistas inspiradas no amor à criança e à natureza”. (ibid, 2002, p.6)

Kishimoto e Pinazza (2007, p.38) se referem à teoria de Froebel da seguinte maneira: “ele compôs um construto teórico original de sugestões práticas que superam o seu tempo e inspiram muitas reflexões pedagógicas”. Froebel elaborou canções e jogos para educar sensações e emoções e ressaltou o valor educativo da atividade manual.

A Pedagogia da infância proposta pelo filósofo e educador alemão Friedrich Froebel foi coerente com a Filosofia que acredita que criança é um ser humano criativo. Na visão de Froebel, a educação deve ser proposta pela auto-atividade e pelo jogo, seguindo a lei fundamental do desenvolvimento humano: a lei das conexões internas.

Froebel com suas ideias sobre infância passou a idealizar maneiras mais naturais para educar e instruir crianças de três a sete anos, o que resultou na sua grande realização “o Kindergarten” que passou a ser reconhecido por desenvolver e estimular a vida social livre e cooperativa. O seu projeto pedagógico visava emancipar a educação infantil. Froebel preocupou-se também com a formação da pessoa que cuidaria da criança.

Froebel acreditava, que existe uma força interna que é capaz de impulsionar o processo de desenvolvimento da criança. Compreende também, que a evolução humana ocorre gradualmente e continuamente e que todas as fases da vida estão interligadas, mantendo um grande vínculo da idade adulta até a mais tenra infância.

Para Froebel, pensar é relacionar os opostos, como: amor e ódio; quente e frio; leve e pesado, entre outros. Sendo assim, para este autor, pensar é fazer conexões internas, através dos opostos. Como relatam:

Ao admitir conexões internas feitas pela criança, Froebel supera a proposta de Pestalozzi de usar as coisas reais como um fundamento para o treino intelectual pelos sentidos, definindo a auto-atividade como princípio central, que move a ação da criança. Assim, o filósofo a comprehende como ser ativo e criativo, a qual faz conexões internas, tem capacidade de aprender, adquire experiência por meio da auto –

atividade, faz reflexão e chega à autoconsciência com auxílio do adulto. (KISHIMOTO e PINAZZA, 2007, p. 44)

Froebel compreendia o conhecimento como o resultado do sentimento, da vontade, do imaginário e do pensamento. Sendo assim, a mente humana não pensa separadamente da percepção, da razão, do sentimento e da vontade. Há ainda uma relação entre o indivíduo que aprende e o mundo que tem suas conexões internas.

Para este educador, toda criança é concebida por meio da ação e intenção em contato com o mundo externo. Com a Pedagogia de Froebel a Educação Infantil passou a ser compreendida pela promoção do desenvolvimento e não pela aquisição do conhecimento. No seu livro destinado a estudar e educar as crianças “Mutter und Koselieder” sugere músicas e jogos para as mães e as crianças. Com essa iniciativa propõe uma educação que integra o cuidado e a educação do bebê em domicílio, tendo ainda inventado uma proposta de aprender brincando direcionada à criança menor de três anos.

Froebel considerou que ao cuidar do bebê, a mãe tem a possibilidade de auxiliar a aquisição da fala. Sugere que no brincar é possível evidenciar a trilogia: criar, sentir e pensar.

Tendo em vista todas essas modificações da concepção de infância, e como concluem Kishimoto e Pinazza (2007, p. 47) “a infância não é mais um período que se deve esquecer, renegar, mas um momento de perfeição. A criança não é mais um adulto em miniatura, mas um ser em germinação”.

No século XX, John Dewey (1859-1952), foi considerado um pensador educacional moderno, muito respeitado em sua pátria e fora dela. (PINAZZA, p. 70). Almeida (2002, p.8) destaca que John Dewey foi: “denominado como o máximo teórico da escola ativa e progressista, foi considerado um dos mais importantes teóricos da educação americana e, por que não dizer, da educação contemporânea”.

A Pedagogia atual e a Pedagogia da infância têm muitas influências da concepção de educação de Dewey. Visa à libertação do homem. Ao citar as concepções de Dewey sobre a educação para as crianças, Pinazza (2007, p.74) relata que o mesmo não aceita o processo educacional como a preparação para “as responsabilidades e regalias da idade adulta”, ou mesmo na preparação do adulto “para a outra vida”.

Dewey ressalta ainda que a criança deve ser compreendida como ser humano “imaturo e incompleto” e que aos poucos o adulto deve conduzir-se à maturidade,

portanto o mundo deve ser mostrado por meio de uma apresentação ordenada de matérias de estudos e lições. Ao apresentar ordenadamente para a criança as matérias e a lições que estudarão, elas têm a possibilidade de refletir sobre suas experiências pessoais e começam a aprender os conhecimentos científicos. Dewey divide as atividades da seguinte maneira: “atividades ou ocupações construtivas ou ocupações ativas (atividades físicas, trabalhos manuais, jogos, artes, etc.) que se aproximam das vivências cotidianas da criança, valorizando mais atividades intelectuais (com base em conceitos abstratos e simbólicos)” (PINAZZA, 2007, p. 74)

Dewey defende suas ideias em relação às atividades das crianças, e afirma que a “criança aprende fazendo”. Acreditando nisso, propõe que o estágio inicial do currículo deve contemplar as artes e um bom objetivo educacional é aquele que leva a criança a observar, a realizar experiência, observar as modificações e as condições das experiências. Tais atividades devem ser intrínsecas às suas necessidades. Para ocorrer o processo de aquisição do conhecimento o professor deve considerar as experiências pessoais da criança juntamente com os planos escolares. Só assim é possível interagir com o conhecimento e acomodá-lo tornando possível o processo de aquisição de conhecimento da criança.

Para Dewey não basta relacionar as experiências da vida da criança com os planos escolares. É preciso ainda, educar para a liberdade. A liberdade não pode ser compreendida como um capricho momentâneo, nem mesmo na satisfação de impulsos e desejos imediatos. A liberdade segundo Dewey consiste em:

Livre é poder projetar, elaborar julgamentos sobre as coisas, selecionar e ordenar meios para buscar fins percebidos como relevantes. Não se trata somente de liberdade de movimentos, de expressão corporal: “a única liberdade de importância durável é a liberdade da inteligência (...) a liberdade de observação e de juízo exercida com respeito a propósitos que tem um valor intrínseco. (...) a liberdade supõe uma ação inteligente com previsibilidade de consequências, a partir da identificação clara de propósitos e fins” (PINAZZA, 2007, p 75)

A pedagogia de Dewey visa à liberdade. Cabe ao professor e à escola saber explorar os ambientes físicos e sociais em todas as suas possibilidades para fortalecer as experiências que serão valiosas para as crianças.

Outra contribuição importante de Dewey para infância é o trabalho de projetos, por ser uma proposta que visa à formação da criança reflexiva. O trabalho por projeto

ocorre por meio da experimentação, pela investigação e pela reflexão, resultando na conexão dos saberes das crianças com os saberes curriculares.

Pinazza (2007, p. 84) relata que Dewey sugere que nas atividades das crianças sejam introduzidos alguns instrumentos e materiais, tais como:

Há trabalhos com papel, papelão, madeira, couro, barbante, argila e areia, e metais, com ou sem aparelhos e instrumentos ou máquinas. Os processos empregados são: dobrar, cortar, furar, medir, modelar, fazer moldes e modelos, aquecer e esfriar, e as aplicações próprias de instrumentos como martelos, serrote, limas, etc. excursões, jardinagem, cozinar, costurar, imprimir, encadernar livros, tecer, pintar, desenhar, cantar, dramatizar, contar histórias, ler e escrever – como trabalhos ativos com finalidades sociais (e não como simples exercícios para adquirir proficiência que futuramente seja usada) além de inumerável variedade de brinquedos e jogos, constituem algumas espécies de ocupação.

Os jogos e as brincadeiras também estão incluídos nas ocupações construtivas, uma vez que todas as ocupações são educativas por proporcionarem experiências inteligentes com fatos, instrumentos e objetos do ambiente, formando assim, uma organização progressiva de informações e conceitos, por meio da experimentação.

Dewey ressalta a importância do papel do professor, pois é ele quem proporciona o contexto para as crianças e ainda organiza os processos educativos. Pensando em uma escola democrática, defende a individualidade do professor e valoriza a independência, a iniciativa, e a criatividade dos profissionais da educação.

No século XX, na Bélgica, o médico Ovide Decroly (1871-1932) apresenta uma Pedagogia com base na Biologia e na Psicologia, propondo uma “a escola pela vida, para a vida”. Decroly acreditava que a escola deveria respeitar a Psicologia da Criança e assim poderia corresponder à necessidade da sociedade e ainda, que a escola deveria estar a serviço da criança e não o oposto.

Segundo Haddad (2008) Decroly foi um dos maiores colaboradores da Pedagogia e da Psicologia. O seu sistema educativo foi desenvolvido com muitos anos de investigação sobre casos patológicos que resultavam em problemas pedagógicos especiais.

Decroly criou um programa educativo escolar, que tem como base o *centro de interesse*. O objetivo do *centro de interesse* é desenvolver atividades de aprendizagem sobre o homem e suas necessidades e ainda, as relações entre o homem, a família, a comunidade, a sociedade, a vida vegetal, a vida animal e os corpos celestes.

O centro de interesse de Decroly ressalta três grande princípios:

A criança não se realiza se não encontrar estímulos no meio em que cresce. A exploração do meio é feita desde as primeiras visões de conjunto da vida que interessa à criança. Normalmente esta primeira visão é global, mas a medida que a criança revê as mesmas noções de ângulos diferentes, estas noções são modificadas em certos pontos e completadas em outros. O *meio*, que chama e satisfaz a necessidade, é o *educador* por excelência. Centro de interesse importante, o meio natural e humano, solicita, sob múltiplas formas, a atividade total da criança. É sempre possível explorar um dado meio, enriquecê-lo e ordená-lo para promover uma atividade fecunda tendo em conta o *grau de maturação* dos alunos, porque a atividade parte da própria criança e ela mergulha totalmente num apetite de saber.

A descoberta do mundo pela criança é inicialmente global. Este é considerado o princípio que mais caracteriza o Método Decroly. Para o autor, a globalização é a única via de aprendizagem. A criança não aprende fatos isolados, e não percebe as coisas só em seus detalhes, mas na sua totalidade. Este princípio se estende a toda função do pensamento.

O interesse condiciona o despertar e o desenvolvimento da inteligência. A criança se adapta ao seu meio físico e humano, pelo impulso e desenvolvimento da inteligência, que de sensório-motora, se torna, progressivamente conceitual. (MATOS, RODRIGUES e SILVA, 2004, p. 4)

Matos, Rodrigues e Silva, (2004, p.6) cita a descrição que Hamaide (1929) faz sobre o *centro de interesse*, o qual contemplava três momentos: a observação, a associação e a expressão:

Observação: este momento consiste em habituar a criança ao conhecimento dos fenômenos, fazendo-a procurar a causa e observar as consequências. Dar-lhe de maneira mais concreta possível as noções complexas, relativas à vida. Fazê-la estudar as manifestações da vida nos seres. As lições são divididas em dois grupos: lições de observação ocasional que são observações obtidas no cotidiano da sala de aula, por exemplo, crescimento de uma planta, mudanças meteorológicas, morte de um animal, etc., e as lições de observação direta que estão ligadas ao centro de interesse em estudo.

Associação: as lições de associação têm por fim levar a criança a ligar os conhecimentos novos, adquiridos pela observação, com outros já sabidos e trazidos na memória. Para atingir esse objetivo o professor (a) aproximará da personalidade e da vida do aluno as noções adquiridas, fazendo-o tirar conclusões de ordem intelectual e moral. As lições de associação põem em jogo a imaginação infantil e fazem as crianças confrontarem o que percebem no momento com o que já perceberam de análogo anteriormente. As lições de observação têm grande importância também sob o ponto de vista moral e social, pois delas decorre, para a criança, a noção de quanto deve a seus semelhantes e daí vem, naturalmente, a ideia de solidariedade e acrescenta que tais lições têm

ainda o fim de conhecer o “determinismo das coisas” facilmente compreendido pela criança.

Expressão: comprehende tudo o que permite a tradução do pensamento, tornando-o acessível aos outros. Referindo-se à palavra, à escrita, ao desenho e principalmente ao trabalho manual, em relação com uma idéia que se procura materializar, precisar. Estas lições dividem-se em expressão concreta (modelagem, recorte, cartonagem, desenho) e em expressão abstrata (leitura, conversação, escrita, ortografia, trabalhos espontâneos). (HAMAIDE, 1929)

Haddad (2008, p. 59) cita as colocações de Wallon, que ressalta que o método de Decroly torna a criança ativa ao desenvolver suas iniciativas e é uma forma de suscitar verdadeiramente a atividade intelectual da criança”.

O jogo também é apontado por Decroly como fundamental para a infância e o classifica em três modalidades: jogos relacionados ao desenvolvimento das percepções sensoriais e da motricidade; jogos de ideias gerais ou de associações indutivas e dedutivas e jogos didáticos. Decroly ainda desenvolveu o método global de alfabetização e o método de alfabetização ideovisual.

Ainda no século XX, na Itália, Maria Montessori (1879-1952) se torna médica com uma vasta formação acadêmica. Almeida (2002, p. 9) destaca que inicialmente foram os homens que começaram a se preocupar com a infância e “Maria Montessori a primeira mulher, dentre os teóricos, a se preocupar com a educação infantil, sendo ela uma das mais importantes representantes dessa mudança radical que se dá no contexto escolar com relação à concepção de ensino e aprendizagem.”

Segundo Angotti (2007, p. 104) “a perspectiva educacional constituída por Montessori sustenta-se na pedagogia científica, fundamentada na educação sensorial e implementada sob os princípios do método experimental”.

Silva (2005) destaca as principais obras publicadas por Maria Montessori direcionadas ao contexto educacional. Dentre elas estão: Método da pedagogia científica aplicada à educação (1909), Auto – educação nas escolas elementares (1912), O método Montessori avançado (1919), A criança (1936), Educação para um novo mundo (1946), A mente absorvente (1949).

As ideias da Maria Montessori sobre a educação tiveram como intuito propor no âmbito educacional que ele fosse ao encontro das necessidades das crianças.

Angotti (2007, p. 104) ressalta as ideias sobre a questão educacional de Montessori da seguinte maneira:

A perspectiva educacional aqui focada foi desenvolvida sob a grelha de uma pedagogia científica, fundamentada em diferentes ciências, que tem por foco a educação, a cultura, o organismo e a fisiologia do corpo humano como condição fundamental de prover o desenvolvimento do homem livre e autônomo, que busca alcançar a plenitude de sua vida ao viver. [...] o ideal de escola nessa pedagogia reside em propiciar e garantir as manifestações espontâneas e da personalidade da criança, de permitir o aflorar do livre desenvolvimento da atividade no ser humano em sua infância.

Outra colocação importante de Montessori está relacionada ao papel do professor, pois o “professor deve aprender com a criança sobre a própria criança e sua natureza, por meio de observação atenta de seus períodos sensíveis, de seus interesses e necessidades latentes, permitindo aflorar o potencial oculto e a satisfação do mesmo”. Angotti (2007, p. 109).

O papel do professor também assume uma importante função na proposta Montessoriana, que segundo Angotti é bastante complexa, pois tem um nível muito alto de exigência e rigor.

Araújo e Araújo (2007, p. 124) ao citarem as colocações de Montessori referentes ao papel do professor e da criança, ressaltam que: “a criança é transformada em centro de atividade, aprendendo sozinha, escolhendo livremente as suas ocupações e os seus movimentos, cabendo ao professor observar e conhecer as crianças sem intervir”

Montessori desenvolveu um método que respeita o ambiente por possibilitar e favorecer a expressão do potencial da criança, e os materiais direcionados para a criança; dentre esses materiais estão o mobiliário da sala de aula, que dentro desta proposta é importantíssimo.

Montessori se preocupou com todo espaço e organização da escola, dentre eles estão: divisão por faixa etária, ambiente, características de um ambiente, ambientes necessários a uma casa-escola, ambiente geral de classe, movimento, meios ou motivos de atividades, cuidados com o ambiente interno, ambiente ao ar livre, exercícios de cuidados pessoais e as relações sociais.

Também no século XX, Célestin Freinet (1896-1966) esteve preocupado com mudanças sociais e dedicou sua vida e os seus esforços à área educacional, defendendo os métodos naturais, pois acreditava ser a própria manifestação da vida. Sendo assim, sua maior preocupação está relacionada com os impulsos da vida infantil, pois aprender a ler e a escrever será tão simples como aprender andar, a falar, a desenhar, a pintar, a dançar, a cantar, a raciocinar, a ouvir, a exprimir, a criar, aprender e viver.

A aquisição da linguagem é desenvolvida depois de muitas tentativas e aproximações, estimuladas pela necessidade que a criança encontra de descobrir o mundo e poder se comunicar com seus pares. Ler, escrever, desenhar, pode ocorrer no mesmo processo.

Freinet distingue a Educação Infantil em três etapas educativas, segundo Elias e Sanches (2007, p. 162):

1. Período de pré-ensino: do nascimento até por volta dos 2 anos. Em seu livro *Conselho aos pais*, insiste na importância primordial e determinante desses primeiros anos para a formação; deles depende – e muito – o êxito pedagógico, individual, social e humano ao longo das etapas ulteriores da educação. É o período da prospecção por tentativa, quando a criança procura familiarizar-se com o mundo. Para esse período, prevê atividades em parques, jardins públicos e espaços livres, nos quais as crianças possam ter contato direto com a natureza através de experiências tateantes.

2. Período correspondente aos jardins – de - infância: dos 2 aos 4 anos. É o período da adaptação ou arrumação, no qual a criança não se contenta em conhecer por simples curiosidade. Nesse período que precede a educação sistemática, o educador deve deixar a criança entregue a múltiplas experiências, as quais servirão de ensaios preparatórios para que atinja por si a eficiência social, antes de atingir a etapa seguinte.

3. A escola maternal e infantil: dos 4 aos 7 anos. É o período em que a criança inicia a ordenação de sua personalidade. Aos 4 anos, tenta dominar o meio; é o período da arrumação, quando, não satisfeita em conhecer, passa a organizar a vida e suas experiências tateantes, embora em um plano ainda puramente experimental.

Toda dedicação de Freinet é para defender uma educação para o exercício da cidadania afim de libertar as crianças para que possam enfrentar a realidade. Retrata a criança como sujeito histórico – social , um ser afetivo, um ser inteligente e criador de cultura como o adulto, artífice de seu próprio desenvolvimento e saber. Não adota a imagem de uma criança idealizada, mas concreta.

Educar para Freinet é construir junto, devendo a Pedagogia envolver quatro eixos fundamentais: a cooperação – como forma de construção social do conhecimento; a documentação – registro da história que se constrói diariamente; a comunicação – como forma de integrar o conhecimento; a afetividade – elo de ligação entre pessoas e objeto do conhecimento.

O autor elaborou técnicas que pudessem contribuir e enriquecer as experiências diárias das crianças, com intuito de dinamizar as atividades escolares e propiciar que as crianças se comunicassem e expressassem seus pensamentos.

Sendo assim, a criança poderia construir pontos de vistas próprios em relação ao mundo vivido e poderia superar a visão de que o conhecimento não está apenas no contexto escolar. A técnica de Freinet trabalha com:

- o texto impresso: pouco a pouco, ele vai mudar o clima e o trabalho da classe, instaurar a via por meio da qual a tradição mantém seus direitos, operar uma inversão decisiva de toda a prática escolar, abrir novos caminhos para o comportamento da criança real e sensível;
- a correspondência escolar: alarga o universo infantil, motiva as atividades humanas, responde a afetividade expansiva das crianças, traz unidade de trabalho e de comportamento em classe;
- o texto livre: libera o pensamento o pensamento da criança, facilita sua expressão, está na origem de uma literatura autêntica, da qual histórias de crianças reais ou imaginárias são uma demonstração positiva;
- a livre expressão: facilita a criatividade da criança no desenho, na música, no teatro, nas extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável pelos comportamentos afetivos, intelectuais e culturais;
- a aula- passeio: se o interesse das crianças estava no que ocorria fora da sala de aula, no vôo dos pássaros e das abelhas zumbindo e batendo nos vidros das janelas empoeiradas, Freinet sairá da sala de aula, organizando as aulas – passeio. Nessa atividade, descobriu que um dos meios mais poderosos de aprendizagem é o envolvimento afetivo que liga os conteúdos aos interesses concretos dos alunos. Os alunos descrevem o que observam sem constrangimentos, procurando redigir um texto que seja compreendido por todos;
- o livro da vida: nele ficam registrados os momentos mais significativos da vida da classe. Essas anotações representam o caminho percorrido pelo grupo-classe, materializando em diferentes linguagens: desenhos, colagens, modelagem, música, poemas, etc., tornando-se, assim um registro do vivido. (ELIAS e SANCHES, 2007, p. 165)

Esses instrumentos têm o intuito de contribuir com aprendizagem das crianças, é possível ainda verificar o interesse da criança por esses instrumentos. Essas técnicas só fazem algum sentido em um contexto de atividades significativas, que possibilitem as crianças sentirem-se sujeitos do processo pessoal de aquisição do conhecimento.

Um outro pesquisador, embora não educador, teve uma grande influência na concepção de infância que temos hoje. Jean Piaget (1896-1980), nascido na Suíça doutorou-se em Biologia, campo do qual extraiu a ideia básica de adaptação usada para sua reflexão acerca do desenvolvimento da inteligência que possibilita a construção do conhecimento humano, o que o coloca no campo da epistemologia. Piaget descreveu o processo de construção das estruturas lógicas, típicas da inteligência humana, como um processo de adaptação ou troca do organismo e o meio, adaptação esta que se torna cada vez mais complexa, na medida em que as trocas como meio se distanciam do real e se

realizam no nível abstrato ou formal. A partir deste critério, Piaget descreve o desenvolvimento do pensamento, caracterizando sua construção em diferentes etapas ou níveis progressivos de equilibração.

Os períodos do desenvolvimento propostos por Piaget foram divididos em quatro estádios: o sensório-motor (de 0 a 2 anos); o intuitivo ou pré-operatório (dos 2 aos 7 anos); o das operações concretas (7-12 anos) e o das operações formais (12-16 anos).

Segundo Castro (1983) Piaget observava na criança comportamentos gerais e comuns, característicos e definidores da estrutura lógica do período.

No período da inteligência sensório-motora, a adaptação da criança se faz por meio de ações de caráter sensorial e motor. A criança que ao nascer possuía somente reflexos vai aos poucos construindo esquemas relativos à noção de objeto, espaço tempo e causalidade. Dessas noções apenas a noção de objeto se constitui neste período. No início quando o adulto esconde o objeto, o bebê acredita que este não existe mais. Com alguns meses, passa a procurá-lo, considerando assim, o objeto como permanente, ou seja com existência independente da sua percepção imediata sobre ele.

Dessa forma a inteligência no período senso-motor é:

essencialmente prática, isto é, tendente a resultados favoráveis e não ao enunciado de verdades, essa inteligência nem por isso deixa de resolver, finalmente, um conjunto de problemas de ação (alcançar objetos afastados, escondidos etc.), construindo um sistema complexo de esquemas de assimilação, e de organizar o real de acordo com um conjunto de estruturas espaço-temporais e causais. Ora, à falta de linguagem e de função simbólica, tais construções se efetuam exclusivamente apoiadas em percepções e movimentos, ou seja, através de uma coordenação sensório-motora das ações, sem que intervenha a representação ou pensamento. (PIAGET, INHELDER, 1973, p.12)

O período seguinte, compreendido de 2 a 7 anos é chamado de pré-operatório. A novidade que marca o seu início é a possibilidade de representar alguma coisa por outra. Assim, um objeto, ação, esquema conceptual podem agora ser representados por uma imagem mental, por um gesto, por uma linguagem (símbolos e signos). Em outras palavras surge a função semiótica em que significados já construídos e por construir podem ser representados por significantes que permitem o surgimento de uma inteligência representativa. A aquisição da linguagem é intensa e assume um papel fundamental neste período, porque ajuda a criança a se liberar do concreto, do presente e a se referir ao passado e ao futuro; e a se comunicar com o outro. Estas são

características que podem ser observadas no jogo simbólico praticado de forma espontânea pelas crianças. A inteligência, no entanto, não se estrutura na mesma velocidade, o que torna o pensamento da criança egocêntrico, isto é, centrada em um ponto de vista, dada à dificuldade de coordenar as ações de forma reversível. O pensamento é intuitivo, sendo as relações que as crianças tentam realizar são baseadas na experiência sensorial e não nos princípios da lógica operatória, ou seja, da classificação e da seriação.

Do ponto de vista social, as relações são inicialmente centradas no sujeito, de tal forma que as crianças mesmo quando brincam coletivamente, não estabelecem propriamente um diálogo, mas um monólogo coletivo, evoluindo no final do período para uma fala socializada pela qual é capaz de estabelecer um diálogo com o outro. Dadas estas características, o período é marcado pelas relações sociais de submissão ao adulto e de uma moral heterogênea.

O período das operações concretas se inaugura por volta dos 7 anos. Marca o início das operações entendidas por Piaget e Inhelder (1973) como transformações reversíveis manifestas sob a forma de inversão ou de reciprocidade. O que há de novo, é que as estruturas do pensamento podem se organizar com base em relações lógicas ou necessárias e não mais em relações contingentes, como era o caso do pensamento pré-operatório. Esse fato redonda em uma “descentração, fundada nas coordenações gerais da ação, que permite constituir os sistemas operatórios de transformações e as invariantes ou conservações que liberam a representação do real de suas aparências figurativas ilusórias” (ibid. p.109). É esse processo que permite à criança responder de forma lógica aos testes de conservação de substância quando questionadas sobre a comparação entre duas bolinhas de massa (admitidas como tendo a mesma quantidade), na qual uma delas sofre uma transformação em salsicha ou bolacha. . Nesse caso a criança responde que a quantidade não variou só a forma, ou que a quantidade é a mesma porque não se colocou nem tirou massa. Diferentemente das crianças mais novas, neste nível elas são capazes de pensar sobre as transformações e não só sobre os estados que objetos ou matérias podem assumir.

Do ponto de vista social, há também transformações que acompanham as mudanças no pensamento. A linguagem egocêntrica começa a desaparecer a criança passa a dialogar e perceber o ponto de vista do outro. Como troca pontos de vista é, capaz de reconsiderar, a reflexão aparece na medida em que interioriza os pontos de vista concretizados no diálogo. Isso tudo permite que a criança se torne mais autônoma.

Embora a estrutura do pensamento se torne operatória a criança só é capaz de raciocinar dessa forma em situações concretas. De fato, só mais tarde na adolescência, o raciocínio operatório reversível poderá se aplicar amplamente à lógica das proposições verbais. Essa última etapa descrita por Piaget como das operações formais, se caracteriza pelo uso do pensamento hipotético-dedutivo, que permite raciocinar com um elevado grau de abstração e explorar sistematicamente as possibilidades de combinações de diferentes variáveis.

Apesar das inúmeras contribuições de Piaget para área educacional, cabe ressaltar que Piaget não era pedagogo, mas como sugere Macedo (2000) é necessário que o professor saiba o que significa cada um desses estádios para compreender o desenvolvimento das crianças. Além disso, as idéias piagetianas importam na medida em que assinalam os fatores do desenvolvimento das estruturas lógicas. Além da maturação, da experiência física, lógico-matemática (que permite a dedução) e a experiência social, Piaget destaca a auto-regulação como um elemento que leva em consideração a capacidade de assimilação do sujeito, e como tal é condicionante das possibilidades de aprendizagem de cada um. As experiências não são, portanto vivenciadas igualmente por todas as crianças, mesmo que vivam em um mesmo ambiente ou que estejam numa mesma escola ou família. Neste aspecto, Piaget é pouco preocupado com a aprendizagem no sentido estrito do termo, porque a auto-regulação é dada pelo processo mais amplo do desenvolvimento.

Macedo (2000, p.45) contextualiza melhor as diferenças entre aprendizagem e desenvolvimento seguindo as idéias de Piaget:

Para Piaget, a aprendizagem refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, seja ela obtida de forma sistemática ou não. O desenvolvimento seria uma aprendizagem no sentido lato e ele é o responsável pela formação dos conhecimentos. Sendo assim, Piaget interessou-se muito mais em descrever e analisar o desenvolvimento da criança do que suas aprendizagens. Segundo Piaget, a criança pré-escolar encontra-se em uma fase de transição fundamental entre a ação e a operação, ou seja, entre aquilo que separa a criança do adulto. Além disso, é uma fase de preparação para o período seguinte (operatório concreto). Enquanto fase de transição, o que caracteriza o período pré-escolar? Trata-se de um período com características bem demarcadas no processo de desenvolvimento e que Piaget chamou de pré-operatório. Este período localiza-se entre o sensório-motor e o operatório concreto. Suponho ser útil aos professores saberem o que significa cada um destes três períodos, para poderem apreciar a direção do desenvolvimento psicológico na perspectiva de Piaget. Saber de onde a criança vem e para onde vai em termos de desenvolvimento é, em uma perspectiva genética, tão importante quanto saber onde ela está, ainda que um aspecto não anule o outro.

O russo Lev Semenivich Vygotsky (1896-1934) desempenhou algumas experiências como educador e tinha como ideal, uma educação que desempenhasse o papel de transformar o homem e a humanidade. Na sua visão educativa, aborda dois conceitos: o de formação social das funções psicológicas superiores e o da via dupla do desenvolvimento, real e potencial Vygotsky (1991). Mas sua grande contribuição é o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP - que tem como objetivo compreender a relação entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento proximal e resulta nas interações mediadas culturalmente.

A Zona de Desenvolvimento Proximal pode ser compreendida como um parâmetro para atuação pedagógica e pode ainda funcionar como princípio educativo, o que implica a relação entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. A Zona de Desenvolvimento Proximal explica claramente a relação entre a educação e a conduta tipicamente infantil, o comportamento lúdico.

Para criança, o que facilita a ZDP é o jogo, pois o jogo gera a zona de desenvolvimento proximal por instigar a criança, controlar suas ações, experimentar habilidades, criar maneiras de operar. Os jogos e as brincadeiras ainda propiciam o desenvolvimento da imaginação e das regras.

Vygotsky também faz referência à imitação da realidade, porém o mais importante é a imaginação da criança. Quando brinca, ela cria uma situação imaginária com regras próprias.

Vygotsky considera que toda brincadeira ou jogo tem símbolo imaginário e regra, que mesmo que não estejam explícitas elas passam a ser claras no decorrer da brincadeira ou do jogo.

O ideal vygostkyano para a primeira infância “é dimensionar quais bases efetivamente propiciam o desenvolvimento na sua multiplicidade cognitiva, afetiva, social, psicomotora e moral, divisões estas que, na acepção histórico-cultural, não são tratadas separadamente, mas em uma perspectiva holística, integrada”. (PIMENTEL, 2007, p.222)

Depois de discorrer sobre todo esse percurso histórico, fica evidente que a concepção sobre a infância foi sendo constituída, pensada e debatida no decorrer dos últimos séculos por vários pesquisadores e estudiosos.

Eles apontaram que a criança é um ser humano com potencialidades, necessidades e particularidades muito diferentes dos adultos e, além disso, que as mesmas têm condições de se tornar cidadãs de direitos e sendo respeitadas como um sujeito social e histórico.

Todo esse resgate apontado até aqui, nos faz compreender que a concepção de infância foi sendo construída historicamente e aos poucos se modificando pelas necessidades enfrentadas. Mas para compreender a concepção de infância tivemos as contribuições de vários autores.

Sendo assim, Comenius teve pretensão de educar todas as crianças, mas é Rousseau que percebe que a criança é diferente do adulto, com idéias próprias. O Jardim de Infância nasce com Pestalozzi, mas não deveria ser um local de aquisição do conhecimento e como pretendeu Froebel, o Jardim da Infância deve ser um local onde se promova o desenvolvimento da criança. E para promover esse desenvolvimento Decroly traz a idéia do centro de interesse, já começa a pensar na importância dos jogos para o desenvolvimento da criança. Dewey visa uma educação libertadora e o trabalho com a criança deve ocorrer por meio de projetos. O espaço e a organização da Educação Infantil foi pensado por Montessori e Freinet também visava uma educação para a libertação e ainda deixou contribuições técnicas que pudessem enriquecer as atividades das crianças. Piaget produziu a teoria do estágios do desenvolvimento por acreditar que ele se constitui por um processo de construção que revela as características peculiares do pensamento e vida social na infância, apontando que não é a experiência direta que ajuda o desenvolvimento da criança, mas os desafios colocados pelo meio é que podem levá-la a produzir respostas novas. Vygotsky enfatizou o papel da cultura para a constituição da infância e a importância do meio como estimulador do desenvolvimento das potencialidades da criança.

Foi com as ideias de todos esses pensadores, que chegamos à concepção de infância que temos atualmente. Mas, para que todas essas concepções fossem colocadas em prática e garantidas para a criança foram necessária leis e documentos que regulamentassem e assegurassem seus direitos. Sendo assim, o próximo capítulo visa discutir e analisar leis e documentos que asseguram à criança tratamento de ser humano portador de direitos. E direito a uma educação infantil de qualidade.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

II.1 A conquista do direito de ser criança no contexto brasileiro

A criança foi conquistando na sociedade seu espaço, depois de séculos de lutas. Como foram colocados até aqui, pesquisadores, filósofos, pedagogos, psicólogos, militantes e tantos outros, muito contribuíram para que as crianças tivessem seus direitos assegurados na sociedade.

Inicialmente, lutaram para garantir que as crianças tivessem direito enquanto cidadãs, atualmente continuam lutando para que esses direitos de fato sejam cumpridos e respeitados.

Seguindo o raciocínio descrito acima, pretendemos, nesse capítulo, refletir sobre quais foram os caminhos que asseguraram à criança o direito à infância e quais são os documentos que norteiam a Educação Infantil no Brasil. Os documentos sobre os quais refletimos são a Constituição Federal de 1988 que consideramos um marco para Educação Infantil; o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - que oficializou a criança como cidadã, com medidas legais e protetoras da infância; e a Lei de Diretrizes e Bases – LDB que inseriu a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica Brasileira. Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil – RCNEI - por ser uma proposta que tem encaminhado o trabalho do professor desse nível. Para concluir o capítulo discutimos os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) que visam estabelecer critérios para uma Educação Infantil de qualidade.

No Brasil, é a partir da Constituição Federal de 1988 que se reconhece a criança como ser de direito e se faz referências a direitos específicos da infância. Esta Constituição nomeia formas concretas de garantir, não só o amparo, mas principalmente o acesso à Educação Infantil. Sendo assim, coloca a criança no lugar de sujeito de direitos, em vez de tratá-la, como ocorria nas leis anteriores a esta, como objeto de tutela. (CERISARA, 2002, p.8)

Além disso, mostrou novas direções quanto às políticas de atendimento à infância, garantindo de fato, à criança seu espaço enquanto cidadã como está expresso no texto da lei, no seu artigo 227:

É dever da família, da sociedade e o do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

No Brasil, outra conquista para assegurar os direitos da criança foi a Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 - O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que oficializou a criança como cidadã, com medidas legais, protetoras da infância.

Tendo suas bases na Constituição Federal de 1988, e na Declaração Universal de Direitos Humanos, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990, p. 3), passa a defender as Declarações das Nações Unidas que proclama que: “todo homem tem capacidade de gozar os direitos e as liberdades nela estabelecidos, sem distinção de qualquer espécie, seja raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição.”

No que se refere à criança, com base na Declaração Universal de Direitos Humanos o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990, p. 4) defende que:

A criança, em decorrência de sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento [...]. Visa que a criança tenha uma infância feliz e que possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciadas e apela a que os pais, os homens e as mulheres em sua qualidade de indivíduos, e as organizações voluntárias, as autoridades locais e os Governos nacionais reconheçam estes direitos e se empenhem pela sua observância mediante medidas legislativas e de outra natureza, progressivamente instituídas, de conformidade com os seguintes princípios.

O ECA (1990, p.4) pede que todos se empenhem e respeitem os dez princípios que ele descreve detalhadamente, pois a “humanidade deve à criança o melhor de seus esforços”.

Dessa forma, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - passa a defender e a compreender a criança como um ser dotado de qualidades intrínsecas, em peculiar processo pessoal e social de desenvolvimento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n 9.394/96) constituiu outro avanço, pois passou a considerar a Educação Infantil como a primeira etapa da

Educação Básica e como tal passou a ser da criança, o direito de estar na creche e na Pré- escola.

Em função desses requisitos legais foram produzidos documentos com orientações gerais para a implementação da Educação Infantil. Dentre tais documentos ressaltamos as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, como orientadores da ação pedagógica a ser realizada neste nível.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil ressaltam a importância do Cuidar e Educar, que se inicia no âmbito familiar até o âmbito público. O documento relata a necessidade do atendimento a dois grupos específicos: o de criança com necessidades especiais de aprendizagem e a criança de baixa renda.

Esse documento destaca que o Ensino Médio cabe ao Estado e o Ensino Fundamental é responsabilidade dos municípios. No entanto as responsabilidades não estavam sendo desempenhadas devidamente, o que significa que os recursos não estavam sendo aplicados corretamente. O Fundef em 1996 foi criado com objetivo de organizar a atribuição dos recursos bem como as divisões de tarefas entre o Município e o Estado.

O documento ainda aponta um grande problema no que se refere à formação dos professores para atuar com a Educação Infantil. Existe “um descaso e o despreparo dos Cursos de Formação de Professores em Nível Médio, dos chamados Cursos Normais, bem como os de Pedagogia em nível Superior na definição da qualificação específica de profissionais para o trabalho com crianças de 0 a 6 anos.” (BRASIL, 2001, p. 14)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil afirmam que as propostas curriculares devem estar de acordo com Projetos Pedagógicos para Educação Infantil, não devendo antecipar a escolarização dessas crianças. Sendo assim é responsabilidade dos professores da Educação Infantil propiciar a adequada transição, tanto do convívio familiar para Educação Infantil, quanto da Educação Infantil para as Séries Iniciais.

Com intuito de contribuir com propostas para organizar o currículo que atendesse à criança de zero a seis anos de idade que freqüentam as creches e pré – escola, o MEC elaborou em 1998 o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). Este documento tem a intenção de indicar metas de qualidade que contribuam para que a criança possa ter o desenvolvimento integral.

Além disso, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil tem também como finalidade, oferecer soluções educativas que superem tanto a tradição assistencialista, quanto a antecipação da escolaridade nas pré-escolas.

O documento compõe um conjunto de referências e orientações pedagógicas que pretende contribuir com a implantação e implementação de práticas educativas com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento integral da criança, tendo em vista o exercício da cidadania das crianças brasileiras.

O Referencial defende a ideia de que para se respeitar a criança, enquanto cidadã de direitos, é necessário considerar suas especificidades. Sendo assim, este documento se ancora nos princípios abaixo:

O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc;

O direito das crianças brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998, p. 13)

Este documento está dividido em três volumes:

Um documento introdução, que apresenta uma reflexão sobre creches e pré-escolas no Brasil, situando e fundamentando concepções de criança, de educação, de instituição e do profissional, que foram utilizadas para definir os objetivos gerais da educação infantil e orientarem a organização dos eixos de trabalho que estão agrupados em dois volumes relacionados aos seguintes âmbitos de experiência: Formação Pessoal e Social (construção da identidade e autonomia) e Conhecimento de Mundo (movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática). (BRASIL, 1998, p. 8)

Nesses três volumes, este documento aborda a concepção de infância, o cuidar, educar, o brincar, orientações gerais para o professor sobre como lidar com a criança, entre outros.

A partir destas considerações os RCNEI pretendiam possibilitar a concretização do direito da criança a ter acesso à Educação Infantil, assegurados pela Constituição de 1988 e pela LDB/ 1996. A análise do conjunto desses documentos nos faz concluir que se trata de uma proposta de educação, que desenvolva capacidades da criança de maneira heterogênea, e que propicie seu desenvolvimento de forma integral. E para que isso ocorra é necessário pensar no desenvolvimento de capacidades envolvendo aquelas de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, de relação interpessoal e inserção social. Essas capacidades não são desenvolvidas por meio unicamente de lápis e papel, como os teóricos da infância, analisados anteriormente, propõem. Não podem ser desenvolvidas por meio de atividades das crianças com viés escolarizante, mas também não podem se reduzir a cuidados e guarda das mesmas. Isso posto, cabe refletir como devem ser as atividades direcionadas para as crianças.

Segundo a proposta dos RCN para a Educação Infantil, a aprendizagem das crianças deve ocorrer por meio do conhecimento o que implica ter momentos para a Língua Portuguesa, Matemática e assim sucessivamente. Este documento idealiza os conteúdos da seguinte maneira:

O referencial concebe os conteúdos, por um lado, como a concretização dos propósitos da instituição e, por outro, como um meio para que as crianças desenvolvam suas capacidades e exercitem sua maneira própria de pensar, sentir e ser, ampliando suas hipóteses acerca do mundo ao qual pertencem e construindo-se em um instrumento para a compreensão da realidade. (p.49)

O Referencial contempla os conteúdos de uma forma ampla ou seja, como conceituais, procedimentais e atitudinais:

Os conteúdos abrangem, para além de fatos, conceitos e princípios, também os conhecimentos relacionados a procedimentos, atitudes, valores e normas como objetivo de aprendizagem. (p.49)

Os conteúdos conceituais se relacionam com conceitos, fatos e princípios. Sendo assim, esse conteúdo possibilita a capacidade de operar os símbolos, idéias, imagens e representações que dão sentido à realidade. O Referencial (idem, p. 50) ainda ressalta que:

Os conteúdos conceituais são possíveis de serem apropriados pelas crianças, durante o período da Educação Infantil. Outros não, e estes necessitarão de mais tempo para que possam ser construídos. Isso significa dizer que muitos conteúdos serão trabalhados com o objetivo apenas de promover aproximações a um determinado conhecimento, de colaborar para elaboração de hipóteses e para a manifestação de formas originais de expressão.

Elaborar as atividades a partir dos conteúdos conceituais permite que as aprendizagens se tornem mais significativas, por proporcionarem um processo de elaboração e construção pessoal do conceito. Essas atividades devem ter as seguintes relações:

Atividades experimentais que favoreçam que novos conteúdos de aprendizagem se relacionem substantivamente com os conhecimentos prévios; atividades que promovam uma forte atividade mental que favoreça estas relações; atividades que outorguem significado e funcionalidade aos conceitos e princípios; atividades que suponham um desafio ajustado às possibilidades reais, etc. (ZABALA, 1998, p. 43)

Oferecer as atividades às crianças pensando nessas relações proporciona a compreensão dos conceitos.

Os conteúdos procedimentais já tratam do saber fazer. A aprendizagem dos conhecimentos proporciona à criança condições de construir instrumentos e estabelecer os caminhos para que ela mesma realize e organize suas ações. Segundo o Referencial (p.51) os conteúdos procedimentais são:

aprendizagem de procedimentos que se constitui em um importante componente para o desenvolvimento das crianças, pois relaciona-se a um percurso de tomada de decisões. Desenvolver procedimentos significa apropriar-se de ferramentas da cultura humana necessárias para viver. No que se refere à Educação Infantil, saber manipular corretamente os objetos de uso cotidiano que existem à sua volta, por exemplo, é um procedimento fundamental, que responde às necessidades imediatas para inserção no universo mais próximo.

Zabala (1998) ressalta que os conteúdos procedimentais incluem regras, técnicas, métodos, destrezas, habilidades, estratégias e procedimentos. Os conteúdos procedimentais envolvem: traduzir, classificar, calcular, observar, desenhar, ler, recortar, saltar entre outros. O autor ainda divide os conteúdos procedimentais em três eixos: motor/cognitivo; poucas ações/muitas ações e *continuum algorítmico/heurístico*.

Já os conteúdos atitudinais estão associados a valores, atitudes e normas. Segundo Zabala (1998, p. 47) cada um destes grupos tem uma natureza diferente que ele especifica da seguinte maneira:

Entendemos por valores os princípios ou as idéias éticas que permitem às pessoas emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido. São valores: a solidariedade, o respeito aos outros, a responsabilidade, a liberdade, etc. As atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis das pessoas para atuar de certa maneira. São a forma como cada pessoa realiza sua conduta

de acordo com valores determinados. Assim, são exemplo de atitudes: cooperar com o grupo, ajudar os colegas, respeitar o meio ambiente, participar das tarefas escolares, etc. As normas são padrões de comportamento que devemos seguir em determinadas situações que obrigam a todos os membros de um grupo social. As normas constituem a forma pactuada de realizar certos valores compartilhados por uma coletividade e indicam o que pode se fazer e o que não pode se fazer neste grupo.

Como a função da Educação Infantil é de socialização da criança, os conteúdos atitudinais estão sempre presentes nesse contexto. O Referencial (1998) discute que, para a criança aprender os conteúdos atitudinais é necessário que o professor, bem como o profissional que faz parte da instituição possa: “*refletir sobre os valores que são transmitidos cotidianamente e sobre os valores que se quer desenvolver.*”

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil estabelece como objeto de conhecimento para a infância os seguintes eixos: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

Nem sempre o movimento é compreendido como um momento de aprendizagem, ele é entendido como uma situação que impede a concentração e atenção da criança, sendo assim atrapalha a sua aprendizagem. É por meio do movimento que a criança se expressa. E desde o berçário o professor pode tanto estimular quanto desestimular a criança. O movimento para os pequenos é de suma importância, pois significa mais do que mexer partes do corpo, a criança se comunica por meio de gestos.

Segundo os Referenciais (idem, p. 19): “*os jogos, as brincadeiras, a dança e as práticas esportivas revelam, por seu lado, a cultura corporal de cada grupo social, constituindo-se em atividades privilegiadas nas quais o movimento é aprendido e significado.*” sendo assim, os deslocamentos, as brincadeiras, as conversas não devem ser compreendidas como desordem, e sim como uma forma de expressão das crianças.

O movimento para as crianças de zero a três anos tem como objetivo desenvolver as capacidades de:

familiarizar-se com a imagem do próprio corpo;
explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação;
deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras;
explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para o uso de objetos diversos. (idem, p.20)

Para as crianças de quatro a seis anos os objetivos se ampliam:

ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;
explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades de seu corpo;
controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações;
utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para ampliar suas possibilidades de manuseio dos diferentes materiais e objetos;
apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos e desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo. (idem, p.21)

O professor ao trabalhar com o movimento precisará compreender as diferentes capacidades das crianças, bem como entender as diferentes culturas que estão presentes na sociedade, para que os pequenos possam ir desenvolvendo suas capacidades, agindo com mais intencionalidade.

Os conteúdos contemplados pelo movimento são: expressividade, equilíbrio e coordenação. A expressividade trata das expressões e comunicações de ideias, sensações e sentimentos pessoais como as manifestações corporais que estão relacionadas com a cultura. O equilíbrio e coordenação são atividades como: empinar pipa; jogos de regra, entre outros.

Outro conhecimento que deve ser apresentado para a criança é a música. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.45) “*a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio*”. A música se faz presente em todas as culturas e nas mais diversas situações, sendo uma forma de expressão dos seres humanos, que se faz importantíssima para o desenvolvimento da criança.

Na Educação Infantil a Música vem atendendo inúmeros propósitos, como: a formação de hábitos, atitudes e comportamentos. No entanto, essa linguagem deve ser compreendida como um conhecimento que se constrói e não um produto pronto, em que se aprende a reproduzir.

As atividades a partir da música podem ser exploradas por meio do aprendizado de uma canção, brincadeira de roda, brinquedos rítmicos, entre outros. Os RCNEI (1998, p. 50) propõe que a musicalização deva “*garantir à criança possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões musicais, num exercício sensível e expressivo que*

também oferece condições para o desenvolvimento de habilidades, de formulação de hipóteses e de elaboração de conceitos.”

O referido documento (1998, p.57) propõe que o trabalho com a música propicie o desenvolvimento das seguintes capacidades:

Para as crianças de zero a três anos “ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais; brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais”. Já para as crianças de quatro a seis anos “explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo; perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.”

Os conteúdos de música estão divididos entre o: fazer musical e a apreciação musical. O fazer musical é compreendido como uma maneira de se comunicar e de se expressar através da improvisação, composição ou interpretação das crianças. E a apreciação musical trata da audição e interação com as variadas músicas. A apreciação musical pode ser desenvolvida por meio de oficinas, jogos e brincadeiras. As fontes sonoras podem reunir desde brinquedos até instrumentos de boa qualidade. Todas essas situações podem ser registradas por meio do desenho. Ressaltando que o mais importante é que ela possa ouvir, cantar e tocar.

As Artes Visuais são uma forma de comunicação e expressão dos seres humanos. Segundo os RCNEI (1998, p 89) as Artes Visuais :

expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais.

Na vida diária da criança, as Artes Visuais estão presentes, uma vez que os pequeninos desenhem no chão, na areia, no muro, entre outras situações. Mas, esse conhecimento tem sido realizado na Educação Infantil apenas como um passatempo. Por meio da Arte, a criança sente, explora, age, reflete e pode elaborar sentidos de suas experiências, sendo esse um ponto de partida para ela construir significações sobre o que faz, o que é, para que serve.

Os RCNEI (1998, p. 90) ressaltam que as Artes Visuais devem ser compreendidas como:

uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos:

fazer artístico — centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;

apreciação — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição²⁴, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;

reflexão — considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas.

O aprendizado em Arte para criança de zero a três anos tem como objetivo garantir que a criança se torne capaz de:

ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;

utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação. (RCNEI, p. 96)

Já para as crianças de quatro a seis anos os objetivos em Artes devem aprofundar e ampliar os que foram estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos e proporcionar que os mesmos sejam capazes de:

interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura; produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação. (RCNEI, p. 97)

Os conteúdos em Artes estão organizados em dois blocos: o fazer artístico e a apreciação em Artes Visuais. Apesar de estarem divididos em blocos, as crianças vivenciam esses conteúdos de forma integrada.

Por meio do fazer artístico, a criança pode explorar e manipular diversos materiais como: lápis, pincel, carvão entre outros. Criar desenhos, pinturas, modelagens entre outros.

Na apreciação em Artes Visuais, a criança pode observar e identificar imagens, conhecer a diversidade da produção artística como: desenhos, pinturas, ilustrações, cinema etc; apreciar suas produções e de outros; observar os elementos constituintes da linguagem visual.

O RCNEI ainda dividiu as atividades de Artes em permanentes e sequência de atividades. A atividade permanente pode ocorrer tanto diariamente como semanalmente através dos ateliês em que se pode oferecer várias atividades simultâneas: pintar, desenhar, modelar, e tantas outras. A seqüência de atividade deve ser planejada e orientada para promover a aprendizagem específica e definida, como: jogos de percepção, desenhar, observar figuras humanas nas imagens de arte.

A aprendizagem oral e escrita é um dos eixos básicos a Educação Infantil; é por meio da linguagem que a criança aprende não somente as palavras, mas os seus significados que historicamente foram construídos. A linguagem está relacionada com a competência de falar, escutar, ler e escrever.

A linguagem oral e escrita para a criança de zero a três anos tem como objetivo promover as seguintes capacidades:

participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências;
interessar-se pela leitura de histórias;
familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc. (RCNEI, p.)

Para as crianças de quatro a seis anos devem ser aprofundados os objetivos da faixa etária anterior e:

ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas;
familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;
escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor;
interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional;
reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano;
escolher os livros para ler e apreciar.

O Referencial Curricular ainda propõe atividades permanentes para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Essas atividades envolvem leitura, jogos de escrita, faz-de-conta entre outros. Essas atividades devem estar atreladas à rotina da criança, sempre ludicamente.

Outra forma de explorar a Linguagem oral e escrita é por meio de projetos. Com o projeto é possível envolver conteúdos de diferentes eixos, ou realizar um trabalho específico com linguagem oral e ou escrita.

A área das ciências está dividida em blocos: Dentre eles estão: “Natureza e Sociedade” envolvem temas sobre o mundo social e natural e sempre esteve no currículo e nos programas de Educação Infantil. As crianças de zero a três anos devem ser capazes de: “*explorar o ambiente, para que possa se relacionar com pessoas, estabelecer contato com pequenos animais, com plantas e com objetos diversos, manifestando curiosidade e interesse*” (idem, p.176). E para as crianças de quatro a seis anos, os objetivos ampliam-se:

interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre os acontecimentos, buscando informações e confrontando idéias;
estabelecer algumas relações entre o modo de vida característico de seu grupo social e de outros grupos;
estabelecer algumas relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana. (idem, p.176)

Esse documento dividiu Natureza e Sociedade em blocos de conteúdos da seguinte maneira: organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar, lugares e suas paisagens, objetos e processos de transformação, os seres vivos e os fenômenos da natureza.

Na organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar, as crianças deverão participar, conhecer e valorizar a diversidade de hábitos, modo de vida e costumes de diferentes épocas, lugares e povos para que ela possa conhecer essa diversidade.

No bloco “Lugares e suas Paisagens” a crianças deverão observar a paisagem e valorizar as atitudes de conservação e preservação da natureza.

Com o bloco “objetos de transformações” os pequeninos podem participar, reconhecer e conhecer os objetos presentes em seu meio.

“Seres vivos” é um bloco de conteúdos que tem a intenção de desenvolver atitudes de respeito e preservação à vida e ao meio ambiente.

Os fenômenos da natureza são presenciados pelas crianças diariamente, o que facilita a observação desses conteúdos.

As atividades permanentes podem ser realizadas através do cuidado dos animais e plantas, jogos e brincadeiras e o desenvolvimento de projetos.

Os conhecimentos sobre a matemática estão presentes na vida da criança desde o momento que ela nasce. As crianças de zero a três anos devem ser capazes de: “*estabelecer aproximações a algumas noções matemáticas presentes no seu cotidiano, como contagem, relações espaciais etc.*” (RCNEI, p. 217) e a faixa etária de quatro a seis anos deve ter condições de:

reconhecer e valorizar os números, as operações numéricas, as contagens orais e as noções espaciais como ferramentas necessárias no seu cotidiano; comunicar idéias matemáticas, hipóteses, processos utilizados e resultados encontrados em situações-problema relativas a quantidades, espaço físico e medida, utilizando a linguagem oral e a linguagem matemática; ter confiança em suas próprias estratégias e na sua capacidade para lidar com situações matemáticas novas, utilizando seus conhecimentos prévios. (idem, p.218)

Os conteúdos que são trabalhados com a infância são: números e sistema de numeração, contagem, notação e escrita numérica, operações, grandezas e medidas, espaço e forma. Esses conteúdos não devem ser trabalhados apenas pelo registro, no caderno, no papel, ele pode ser explorado por meio de brincadeiras, músicas, jogos entre outros.

Apesar desse documento não ser o ideal para nortear o trabalho do professor da Educação Infantil por estar disposto de uma forma que favorece a escolarização das crianças, o MEC ainda determina que o mesmo seja utilizado pelas creches e pré-escolas, pois só assim é possível receber as verbas que vem para a formação dos professores dessa área. E como afirma Cerisara (2002, p.4)

O que chama a atenção nesse projeto é o fato de que os municípios só podem participar dele se "optarem" por implementar o RCNEI em suas instituições, o que o transforma de uma proposta denominada pelo próprio MEC como "aberta, flexível e não obrigatória" em obrigatória e única. Ou seja, os municípios que não aderirem ao RCNEI como "a referência" para o seu trabalho, por questionarem as concepções ali presentes, não são contemplados com o "pacote de formação" que está previsto nos "Parâmetros em ação". Apenas esse dado já é suficiente para questionarmos a forma pouco

democrática como o MEC tem "cumprido com a sua tarefa de subsidiar os sistemas de ensino com relação à formação de suas profissionais".

Tendo em vista esse contexto, fica inviável o professor optar por outro tipo de orientação da prática pedagógica na Educação Infantil.

Apesar de ser um documento bastante detalhado ele tem sido passível de críticas.

Dentre as críticas estão a separação do cuidar e educar e os conteúdos são abordados com viés escolarizante, pois vem dividido por disciplinas, Cerisara (2002, p.337) ressalta essas análises da seguinte maneira:

Esta forma de organização e o conteúdo trabalhado evidenciam uma subordinação ao que é pensado para o ensino fundamental e acabam por revelar a concepção primeira deste RCNEI, em que as especificidades das crianças de 0 a 6 anos acabam se diluindo no documento ao ficarem submetidas à versão escolar de trabalho. Isso porque a “didatização” de identidade, autonomia, música, artes, linguagens, movimento, entre outros componentes, acaba por disciplinar e aprisionar o gesto, a fala, a emoção, o pensamento, a voz e o corpo das crianças.

Além da Diretrizes e dos Referenciais, o Ministério da Educação e Cultura – MEC - criou, recentemente, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) que visam estabelecer critérios para uma Educação Infantil de qualidade que possibilitasse o desenvolvimento integral, como os aspectos físico, psicológico, intelectual e social da criança nas creches e pré-escolas do Brasil.

Esse documento vem dividido em dois volumes. No primeiro volume, é definido o parâmetro de qualidade, para educação infantil e apresenta a concepção de infância, de Pedagogia da Educação Infantil e a legislação nacional para essa área.

E o segundo volume apresenta a característica das instituições de Educação Infantil. Esse documento tem a intenção de “transformar em práticas reais, adotadas no cotidiano das instituições, parâmetros que garantam o direito das crianças de zero até seis anos à Educação Infantil de qualidade” (BRASIL, 2006, p. 10).

Silva (2003, p.23) ressalta que os critérios de qualidade para educação infantil são um marco por: “deslocar os objetivos da educação infantil, tanto de uma concepção assistencialista, que prioriza o atendimento ligado aos cuidados com o corpo e com a saúde, como também da visão escolar que limita a educação infantil ao treinamento de habilidades”. Compreendemos que esse documento é mais uma tentativa de garantir a qualidade da Educação Infantil no Brasil

Findamos esse capítulo, considerando situada a trajetória da constituição legal da Educação Infantil no Brasil. Lembrando, mais uma vez, que foi necessário a Constituição Federal de 1988 para garantir o acesso da criança à Educação Infantil, o ECA, primeiro documento que determina medidas protetoras para a criança e a LDB que inclui a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Além disso, outros documentos como as Diretrizes e os Referenciais procuraram orientar as atividades pedagógicas, na tentativa de assegurar um atendimento de qualidade para a infância, e os Parâmetros de Qualidade para Educação Infantil, que têm a intenção de garantir a qualidade nos Centros de educação infantil, as creches e pré-escolas. No entanto, todas essas orientações e legislações não são suficientes para garantir esse objetivo. É necessário ainda, um profissional qualificado, que compreenda a especificidade da Educação Infantil. Um professor que compreenda a importância do brincar, que cuide e eduque, que propicie um ambiente estimulante para o desenvolvimento integral da criança. Sendo assim, no próximo capítulo vamos refletir sobre as questões ligadas à formação desse profissional e as especificidades do profissional desse nível.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: ESPECIFICIDADES E DESAFIOS

III.1 Desafios do professor da educação infantil no Brasil

A questão da formação do professor da Educação Infantil tem sido um grande desafio, ressaltando-se que a formação desses profissionais só passou a ser reconhecida e regulamentada na década de 90. Apesar de todas as iniciativas para que esses professores tivessem uma formação qualificada, e pudessem oferecer uma educação de qualidade para as crianças, há muitas especificidades e desafios que envolvem essa formação. É isto que pretendemos caracterizar neste capítulo.

O grande marco para formação do professor para atuar com a infância foi a Lei de Diretrizes e Bases 9394-96 que passou a exigir formação mínima em nível médio. Essa mesma lei estabeleceu um prazo de 10 anos para que todos os professores tivessem formação específica para atuar nessa faixa etária, muito embora até hoje isso não tenha sido possível.

Anterior a essa lei, as pessoas que trabalhavam com as crianças não tinham formação e mesmo as pessoas que tinham formação para o magistério não possuíam habilitação específica para atuar na Educação Infantil. A formação dos professores no Brasil iniciou-se com a criação das Escolas Normais, tendo sido realizada posteriormente pelo magistério em nível médio (HEM), pelo CEFAM, Normal Superior e a nos cursos de Pedagogia criados em (2006) e que atualmente, depois das Diretrizes Curriculares da Pedagogia, em 2006 constituem que é modelo atual de formação de professores, tanto para as séries iniciais quanto para educação infantil no Brasil.

Como já foi apontado, a Educação Infantil passou a ser um direito com a Constituição Brasileira de 1988. Por sua vez a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n 9.394/96), passou a considerar a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, fato que consequentemente acarretou a necessidade de qualificação profissional para todos que atuam na área, ou seja os que trabalham nas creches e pré-escolas. Esse requisito foi reforçado à medida em que a formação prévia e em serviço dos professores ou educadores, que trabalham diretamente com os alunos é

um dos principais critérios de qualidade utilizados internacionalmente. (CAMPOS, FULLGRAF e WIGGERS, 2006).

A LDB no artigo 62 estabeleceu regras referentes à formação dos profissionais da Educação Básica passando a exigir a formação em nível superior: os professores devem ser formados em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e ou Institutos Superiores de Educação. No entanto, para atuar com a Educação Infantil, foi estabelecido como formação mínima o magistério, em nível médio na modalidade Normal.

Os cursos podem também ser promovidos por entidades públicas, privadas, havendo mesmo aqueles que são organizados por Secretarias de Educação ou de Assistência Social.

Essa variedade de experiências para se formar o professor para atuar na Educação Infantil, nos mostra que se, por um lado a sociedade vem compreendendo a importância da Educação Infantil, por outro fica claro a falta de uma política articulada para esta etapa e para a formação desses professores.

Apesar de a LDB ter garantido o direito das crianças ao acesso à educação infantil e estabelecer a formação mínima para se trabalhar com elas, o professor da Educação Infantil ainda encontra muitos desafios, o que nos faz refletir sobre a questão da identidade desse profissional que encontra em seus maiores desafios, a falta de formação especializada e a desvalorização do trabalho com a criança. Nesse sentido, Kishimoto afirma que vivemos em uma sociedade que não comprehende a importância da Educação Infantil, nem da formação do professor para atuar com a criança:

O imaginário popular e até dos meios oficiais pouco afeitos às reflexões sobre a criança e a educação infantil referendam, ainda, a perspectiva romântica do século passado, de que para atuar com crianças de 0 a 6 anos basta ser "mocinha, bonita, alegre e que goste de crianças, e a idéia de que não há necessidade de muitas especificações para instalar escolas infantis para os pequenos. Essa parece ser também a forma de pensar que reina entre membros do atual Conselho Nacional de Educação, refletida nas propostas oficiais que se distanciam de uma formação profissional qualificada. (1999, p. 11)

Campos, Fullgraf e Wiggers têm essa mesma posição ao argumentar a desvalorização em muitos Estados e Municípios:

Em muitos estados e municípios persiste a mentalidade de que creches e pré-escolas não necessitam de profissionais qualificados e bem remunerados, de serviços eficientes de supervisão, não requerem prédios e equipamentos adaptados às necessidades infantis, não precisam de livros nem de brinquedos, e assim por diante. (2006, p.15)

Muitos estudiosos e pesquisadores apontam a formação para atuar na Educação Infantil como um dos maiores desafios para atingir de fato a qualidade neste nível.

Machado (2000, p. 199) ao discutir as especificidades e a importância da formação do professor para trabalhar com a criança, ressalta que, “reivindicar uma formação específica para os profissionais, não pode significar portanto, um preparo para copiar um modelo da escola de ensino fundamental, mas sim captar as especificidades do trabalho com crianças de 0 a 6 anos”.

Kishimoto é objetiva ao discutir os encontros e desencontros na educação infantil e observa que existem muitas contradições nos cursos que formam professores para trabalhar com as crianças ao ressaltar que:

As contradições aparecem nos cursos amorfos que não respeitam a especificidade da educação infantil. Se a afirmação da Pedagogia da Infância representa um momento de encontro, de acerto, ao exigir um corpo de conhecimentos capaz de perceber especificidades para as crianças de 0 a 6 anos e de 7 a 10 anos, as práticas adotadas, de um curso sem diferenciação para formar profissionais, a fim de educar crianças de 0 a 10 anos, representam desencontros de concepções e de ações, conduzindo a Educação Infantil ao reboque das Séries Iniciais do Ensino Fundamental (2002, p. 107)

Kramer (2002) aborda as questões e as tensões na formação do professor da Educação Infantil tanto de natureza econômica e política quanto de natureza social e cultural.

Referente às questões e tensões de natureza econômica e política, a autora discute os conflitos entre as resoluções e deliberações estaduais e municipais com a LDBEN e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, resoluções e deliberações essas que caminham em sentido contrário à Lei n. 9.394/96 e por isso acabam por inserir na prática, profissionais com formação distinta. A autora faz outra crítica em relação à formação do professor, a qual não deve ser feita em cursos esporádicos e emergenciais, pois não contribuem nem para o âmbito pedagógico, nem para a carreira do professor.

As questões e tensões de natureza social e cultural fazem relação com a identidade do professor da Educação Infantil, uma vez que, quem desempenha o papel de cuidar e educar a criança no âmbito da família, geralmente é a mãe. Historicamente, a mulher tem atuado na Educação Infantil não por seu profissionalismo e sim por ser ter mais tato com a criança, dado o papel que lhe foi tradicionalmente atribuído pela cultura. Estas são algumas das questões que fazem com que o trabalho do profissional de Educação Infantil admita pouca qualificação e menor valor perante a sociedade. Kramer (2002) mostra as consequências da não compreensão da importância do papel do professor da Educação Infantil, se colocado da seguinte maneira: “A ideologia presente camufla as precárias condições de trabalho, esvazia o conteúdo profissional de carreira, desmobiliza os profissionais quanto às reivindicações salariais e não os leva a perceber o poder da profissão”. (p. 125)

Formosinho (2002, p.172) ao refletir sobre as potencialidades e dilemas da formação do professor para trabalhar com a criança, observa que a “entrada da formação de educadores de infância na universidade teve inegáveis vantagens à formação profissional, para além das relacionadas com o estatuto social da profissão.”. A autora ressalta, também que existem muitos riscos e benefícios na formação universitária do professor da Educação Infantil.

Dentre os riscos, a autora aponta para a inadequada formação e a valorização acadêmica distanciada da prática. Quanto aos benefícios, afirma que a Universidade tem um grande diferencial quando comparados com outras instituições de ensino, pois a Universidade não é uma instituição que apenas ensina, mas ela faz com que o professor investigue, reflita e realize ainda a análise crítica de suas ações.

Na pesquisa realizada por Azevedo (2000) sobre as necessidades formativas de profissionais de Educação Infantil com 4 (quatro) profissionais da Educação Infantil, a pesquisadora encontrou um aspecto comum revelado pelas professoras investigadas referente à ausência de conhecimentos relativos à educação infantil e, segundo às professoras investigadas, os conhecimentos referentes à Educação Infantil foram adquiridos na prática.

A pesquisadora conclui em sua análise que as necessidades formativas são:

- A necessidade de compreensão adequada das teorias psicológicas sobre o desenvolvimento infantil;
- Necessidade de visão crítica do aspecto lúdico na educação infantil;
- Necessidade de valorização do contexto sócio-cultural na educação das crianças.

Segundo a autora, os cursos de formação para o professor da Educação Infantil desenvolvem o modelo da racionalidade técnica e que são reproduzidos pelos próprios formadores, sendo assim, para que ocorram mudanças significativas é preciso que os formadores dos professores repensem sua concepção sobre os cursos que estão oferecendo.

A autora ainda sugere para melhoria na formação do professor:

Mudança de paradigma que rompa com a racionalidade técnica em direção a uma epistemologia da prática, visando à formação de professores críticos e reflexivos. Isto conduz à reconceptualização da teoria e do desenvolvimento prático do professor, enriquecida por olhares teóricos mais adequados à condição da criança como ser histórico e social que é. (AZEVEDO. 2000 p.15)

A racionalidade prática pode ser uma maneira de formar o professor reflexivo de tal forma que ele possa construir um caminho de acesso à teoria, a partir tomada de consciência de suas ações seus elementos reguladores.

Um outro problema ou empecilho na formação do professor da Educação Infantil, apontado por Sarat (2001) é a formação diferenciada das profissionais, tendo dois perfis que se dividem nas tarefas. De um lado, temos um profissional para exercer a função do cuidado, com baixos salários, com carga horária de seis a oito horas por dia em tempo integral e com onze meses de trabalho por ano. De outro, temos o profissional com formação pedagógica, responsável pela educação, com melhores salários, com carga horária de quatro horas diárias e que trabalha no período letivo que segue o calendário escolar.

Segundo a autora, essa problemática é recorrente também na legislação para educação infantil, pois a própria LDB 9394/96, no texto do artigo 30, divide as ações dentro do espaço da instituição de Educação Infantil.

Outra crítica que a autora faz é sobre o texto do da LDB 9394/96. O artigo 62, refere-se à questão da formação docente, prescrita para atuar na educação básica. Segundo a Lei, essa formação deve ocorrer em nível superior, em curso de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação. Esta é admitida como formação mínima para o exercício do magistério tanto na educação infantil como nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, podendo ser oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Segundo a autora, a legislação indica como deverá ser conduzida a formação, propondo assim, um viés escolarizante, uma vez que não sugere nada sobre a especificidade da educação infantil e não considera as pessoas que estão trabalhando nas creches, pelo fato de as mesmas não possuírem formação específica ou não terem formação alguma.

Quanto à questão da formação para atuar com a criança, Sarat (2001) observa ainda que os cursos de Pedagogia e da formação feita em cursos emergenciais, cursos de complementação, reciclagem, formação continuada, entre outros não alcançam a pretensão de atender a Educação Infantil, como afirma: “Esses cursos não respondem aos anseios de uma formação competente e ainda comprometem o que há muito tempo vem sendo construído na Universidade, nos cursos de Pedagogia, ou seja, toda estrutura que envolve ensino, pesquisa e formação para docência.” (SARAT, 2001, p. 146).

Nessa mesma direção Kishimoto (1999) faz algumas críticas ao curso Normal Superior ao comparar com a Pedagogia. Segundo ela, existem duas razões para criação do Curso Normal Superior: primeira - para elevar a qualificação dos profissionais dedicados à Educação Infantil e - segunda para associar a teoria e prática.

Segundo a autora, o Curso Normal Superior segue em direção contrária à qualidade do ensino, pois o mesmo é realizado em apenas dois anos e o corpo docente que se exige é de apenas 10% de mestres, o que não contribui para qualidade do ensino.

Campos, Fullgraf e Wiggers (2006) ao analisarem os dados obtidos por meio de levantamento de resultados recentes de pesquisas empíricas sobre a qualidade da Educação nas instituições de Educação Infantil brasileiras, que foram divulgadas entre 1996 e 2003, apontaram alguns dos principais problemas da formação de profissionais da Educação Infantil, e verificaram que os problemas existem tanto na formação desses profissionais quanto nos que não têm formação.

O profissional que tem formação seja no curso de magistério, ou até mesmo, Pedagogia, não tem a qualificação necessária para desempenhar seu trabalho educativo com a criança. A rotina é marcada com modelos pautados na escolarização, e o mesmo acaba por se estender às crianças de zero a três anos, que são atendidas em tempo integral nas creches.

Nesse sentido, Sarat (2001, p. 148) faz críticas ao modelo escolarizante, pois além de não preparar esse profissional adequadamente para atuar nessa faixa etária ainda exclui as crianças de 0 a 3 anos, pois não é possível escolarizar esses pequeninos. Como ela diz: “essa proposta escolarizante expõe uma das mazelas do atendimento aos

pequenos, que é a falta de qualificação do profissional que atua nos berçários e maternais ”. Devemos então reivindicar uma formação específica como ressalta Machado (2000, p. 199) “uma formação específica para os profissionais não pode significar, portanto, um preparo para copiar o modelo da escola de ensino fundamental, mas sim captar as especificidades do trabalho com crianças de 0 a 6 anos”

Já as educadoras ou monitoras que tem ou não o ensino médio, têm como alicerce no seu trabalho conhecimentos do contexto do lar, como: higiene, alimentação e segurança isso ocorre pela herança de nossa cultura. E como Kishimoto (1999, p. 11) ressalta : “o imaginário popular e até dos meios oficiais pouco afeitos às reflexões sobre a educação infantil referendam, ainda, a perspectiva romântica do século passado, que para atuar com as crianças de 0 a 6 anos basta ser mocinha, bonita, alegre e que goste de crianças”

E os cursos de formação em serviço e programas de supervisão, quando existem, estão cheios de falhas, desde sua concepção até a falta de horário remunerado para planejamento. Sobre essas ações paliativas Sarat (2001, p.151) tece algumas críticas:

No sentido de avaliar os cursos como ações paliativas, nas quais não acreditamos como resolução do problema imediato. Essa experiência de formação soluciona o problema crucial da falta de qualificação, não permite ascensão profissional e não causa mudanças significativas a curto prazo, nem para as crianças, nem para os profissionais da instituição. Poderíamos afirmar que ela só está atendendo apenas à resolução nº 194, de 23 de setembro de 1998.

Outra lacuna que aparece na formação das professoras, tanto da creche como da pré-escola, é a relação com a família que é compreendida de forma negativa pelos mesmos. Haddad (2008, p. 94) ressalta a importância de a educação infantil caminhar junto com a família. Ela defende essa posição da seguinte maneira:

A reestruturação dos serviços oferecidos é urgente e deve caminhar no sentido de romper polaridades tradicionalmente marcadas pela alternância entre o cuidado custodial e o enfoque escolarizante, pela ênfase ora nos direitos da família, ora nos direitos da criança e que acabam provocando cisões entre cuidar e educar, corpo e mente, família e instituição, acentuando a separação entre o ambiente educacional e a vida fora dele.

III. 2 O PROFESSOR PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPECIFICIDADES

A especificidade do professor para atuar na Educação Infantil é uma questão recente e que vem sendo discutida e refletida por pesquisadores, professores e outras pessoas envolvidas e preocupadas com a Educação Infantil.

Os professores e as pessoas que atuam atualmente na Educação Infantil foram formados das mais diversas maneiras: entre nível médio e ensino superior, sem nenhuma formação na Educação Infantil. Apesar da formação do professor estar ocorrendo nos cursos de Pedagogia, Normal Médio entre outros, nem todas essas instituições tem um currículo que se preocupa com as diferenças existentes entre a Educação Infantil e as Séries Iniciais. Neste sentido, Kishimoto (2002) ressalta que os cursos de formação não têm clareza do perfil desejado desse profissional.

O professor da Educação Infantil não deve ser aquele que escolariza e que entende o ensino como função e finalidade principal ensinar os conhecimentos científicos por meio das disciplinas de forma fragmentada. Por outro lado, o professor da Educação Infantil também não deve ser a segunda mãe da criança, que cuida dela, enquanto os pais não podem cuidar e educar. Diante de tais colocações é preciso refletir qual é o perfil do professor para atuar na Educação Infantil.

Vamos arrolar aqui a descrição desse perfil segundo alguns autores.

Campos (1999) sintetiza o perfil dos professores de creche tanto na formação prévia quanto na formação em serviço, segundo Morsoni e Orsoni (1997), como constituído de alguns saberes. Dentre eles estão:

- a) saber. O que se refere aos conteúdos da formação de base e à importância da cultura, permitindo o confronto do conhecimento teórico com a situação real vivida com as crianças. Esse aspecto requer uma formação permanente que alimente a prática docente;
- b) saber ser. Para atingir essa meta é necessário que exista uma estrutura de apoio na instituição, que dê condições aos professores para lidar com estresse, prevendo momentos de descanso e rodízio de funções;
- c) saber interagir. Os professores precisam interagir com vários “outros” e não só com o aluno. Sua competência social deve incluir o desempenho de seu papel na dinâmica da equipe de trabalho, em seu relacionamento com as famílias e os profissionais de outras agências educativas e sociais;
- d) saber fazer. Para desempenhar bem seu trabalho cotidiano, os professores precisam aprender a refletir sobre sua prática, construindo um projeto educativo próprio, utilizando a documentação, a avaliação, a pesquisa e a observação.

Segundo Haddad (2006) o perfil desejado para atuar com as crianças de 0 a 6 anos é do professor que reflete as múltiplas funções da Educação Infantil e para tanto,

Além do conhecimento profundo de Pedagogia e Psicologia Infantil, Sociologia da Infância e de cultura da criança, associado à grande dose de experiência prática, a formação inicial deve incluir a educação do corpo, dos sentimentos, das emoções, da fala, da arte, do canto, do conto e do encanto. (HADDAD, 2006, p. 540)

No mesmo sentido, Kishimoto concorda com Haddad e afirma que a criança não deve aprender por campos disciplinares, o que resulta em consequências nefastas em vários sentidos. Para autora, a aprendizagem na Educação Infantil deve ocorrer menos, de forma mais sistemática e disciplinada e mais, a partir de situações vivenciadas no ambiente educativo, para a qual o professor planeja uma certa exploração. Para tanto, a criança aprende

Do contato com amplo ambiente educativo que a cerca, que não pode ser organizado de forma disciplinar. A linguagem é desenvolvida em situações do cotidiano, quando a criança desenha pinta ou observa uma flor, assiste a um vídeo, brinca de faz-de-conta, manipula um brinquedo, explora areia, coleciona pedrinhas, sementes, conversa com amigos ou com seu professor. (KISHIMOTO, 2002, p. 108)

Sendo assim, espera-se que o professor da Educação Infantil possa mediar o processo educacional por meio de atividades exploratórias que despertem a curiosidade da criança, incentive o espírito investigativo, a autonomia e a cooperação, entre as mesmas.

Neste sentido, segundo Oliveira (1995, p.4) o professor da Educação Infantil precisa ser “polivalente, dominando os conteúdos e fazendo as transposições didáticas adequadas ao cuidado e educação,” ao mesmo tempo em que as noções a serem trabalhadas com as crianças mantenham o caráter de ludicidade, elemento fundamental por ser intrínseco à infância.

O professor para atuar na Educação Infantil precisa conhecer e entender as necessidades da criança, bem como, organizar situações de aprendizagem com a finalidade de possibilitar que a mesma amplie seus conhecimentos e que possa adquirir novas linguagens, ao mesmo tempo em que desenvolve o prazer da descoberta.

A atuação do professor da Educação Infantil necessita ser planejada e, portanto intencional de tal forma a atingir o objetivo de possibilitar o desenvolvimento da criança por meio de situações que a envolvam ativamente e possibilitem seu acompanhamento.

Pelo descrito podemos concluir que não é fácil tornar-se um bom professor para atuar na Educação Infantil. São necessárias ainda muitas mudanças, as quais compreendem, desde a qualidade da formação especializada para atuar com a criança, até a valorização social do trabalho com essa faixa etária.

O professor da Educação Infantil deve ser alguém identificado com sua atividade e como tal um pesquisador constante do seu ofício:

Co-construtor do conhecimento, tanto do conhecimento das crianças como dele próprio, sustentando as relações e a cultura da criança, criando ambientes e situações desafiadoras, questionando constantemente suas próprias imagens de criança e seu entendimento de aprendizagem infantil e outras atividades, apoiando a aprendizagem de cada criança, mas também aprendendo com ela. (MOSS, 2002, p.246)

O professor desse nível além de trabalhar com as atividades exploratórias de maneira intencional deve compreender que a atividade intrínseca à infância é o brincar. Segundo Andrade, Piaget, Kishimoto, Vygotski, entre outros teóricos concordam que por meio da brincadeira a criança experimenta, constrói, aprende, reflete sobre suas vivencias, ou seja, tanto se integra à realidade como pode mudá-la ou corrigi-la.

Para Oliveira (1995, p.90) a brincadeira se constitui em:

Uma situação social onde ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações, e onde também está presente a afetividade: desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor.

Com as brincadeiras, as crianças têm a oportunidade de transformar conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por meio da brincadeira, a criança cria a independência, pois ela precisa escolher com quem ou com o que vai brincar.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil dividem a brincadeira em três modalidades: brincar de faz de conta ou com papéis, brincar com materiais em construção e brincar com regras. Apesar de estarem divididas, as

brincadeiras devem ter como finalidade o desenvolvimento integral da criança, pois é por meio do brincar que a criança vivencia e aprende.

Cabe ainda, apontar que o professor da Educação Infantil deve ter a dimensão da relação intrínseca entre o educar e o cuidar, pois essas duas ações caminham juntas. Desde o nascimento da criança, ela se torna totalmente dependente do adulto quanto aos aspectos físicos, biológicos e psicológicos, mas apesar desta dependência, ela participa do e no meio em que vive.

Sobre esta questão, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil defende a ideia que:

A criança é um ser capaz de interagir num meio natural, social e cultural desde bebê. A partir de seu nascimento, o bebê reage ao entorno, ao mesmo tempo em que provoca reações naqueles que se encontram por perto, marcando a história daquela família. Os elementos de seu entorno que compõem o meio natural (o clima, por exemplo), social (os pais) e o cultural (valores) irão configurar formas de conduta e modificações recíprocas dos envolvidos. (p.14)

Como a criança é capaz de interagir no meio em que vive, é necessário que ela tenha um ambiente rico de estimulação e que possibilite a ela se desenvolver continuamente. A creche e a pré-escola são espaços de continuidade da família que devem atender à criança. Esse espaço deve ser oferecido com o nível de qualidade e riqueza para que as crianças possam se desenvolver integralmente. No entanto, não basta que se tenha um espaço físico adequado, é preciso ainda que as instituições de Educação Infantil integrem as funções indissociáveis do cuidar e educar exercida pelas professoras da Educação Infantil.

Bonetti (2000) ao pesquisar a especificidade da docência na Educação Infantil por meio dos documentos (Referenciais para formação de professores, 1998; Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores de Educação Básica em curso de nível superior, maio/2000 e Parecer CNECP n. 009/2001) elaborado pelo Ministério da Educação e da Cultura – MEC constatou que:

“A dicotomização entre o cuidar e educar apresentados nos documentos reforça as discriminações e hierarquizações entre quem cuida e quem educam. Ela ofusca o entendimento de que todas as ações realizadas com a criança são essencialmente educativas. Um olhar mais atento das relações entre adultos e crianças no âmbito institucional nos leva ao entendimento de que os dilemas e a fragmentação entre o cuidar e educar se justifica apenas nos atos dos adultos, negando à criança que vive nesses contextos, que se apresenta sempre inteira em suas necessidades, possibilidades e saberes em suas relações.” (p.13)

O professor da educação infantil deve compreender o cuidar e o educar como reflete Cunha e Carvalho (2002, p. 7) o cuidar é: “compreendido como uma atitude que envolve tanto aspectos afetivos/emocionais, quanto cognitivos como pensar, refletir, planejar; ou seja, quando se comprehende o cuidar como uma ação racional, estamos considerando que é possível educar para o cuidado.”

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil que tem como objetivo estabelecer padrões de referência, orientadores para o sistema educacional tanto da organização quanto do funcionamento já trata o cuidar e educar de forma indissociável.

Para que ocorra atendimento de qualidade nas instituições de educação infantil, sem fragmentação entre as ações voltadas ao cuidado e à educação é necessário que se tenha na educação infantil professores bem formados e que compreendam a especificidade da Educação Infantil, bem como sua função socializadora.

Em síntese, as especificidades e os desafios da docência para a infância mostram a complexidade desta tarefa. Muitos requisitos são necessários a este exercício e é preciso examinar como estas exigências se integram na prática, ou como constituem no dizer de Tardif (2002) um amálgama de saberes. É esta a tarefa que pretendemos realizar com este trabalho e que passamos a descrever agora

CAPÍTULO IV

OS CAMINHOS DA PESQUISA – OBJETIVOS E METODOLOGIA

IV.1 Panorama da Formação dos Professores da Educação Infantil

Esta pesquisa trabalha com uma abordagem qualitativa. Para Santos Filho (1997) a pesquisa qualitativa tem sua raiz no paradigma fenomenológico. Nesta modalidade, a relação entre o pesquisador e o objeto pesquisado não é neutra, a linguagem deve estar próxima do real, e como tal, os valores, as crenças determinam o que se deve considerar dos fatos. A pesquisa qualitativa se preocupa, portanto, em compreender ou interpretar o fenômeno social, sem pretender descoberta de leis sociais. A abordagem do pesquisador qualitativo é a compreensão da situação das pessoas que são pesquisadas. O pesquisador, na pesquisa qualitativa, deve imergir no fenômeno pesquisado, tendo como objetivo principal a busca das relações subjacentes aos fatos pesquisados.

No primeiro momento, com a intenção de situar a Educação Infantil e a formação dos professores, foi feito um levantamento com base nos dados do Censo Especial da Educação Infantil (Inep) a respeito da formação desses profissionais. Os dados do Censo Especial foram selecionados levando-se em conta a comparação da situação do município de Campo Grande e do Estado do Mato Grosso do Sul, frente aos dados do Brasil, com o intuito de retratar o quadro geral no qual se inserem os professores pesquisados neste trabalho. Além disso, os dados foram utilizados como forma de atender à exigências do Projeto do Observatório da Educação intitulado **IEPAM-INOVAÇÃO EDUCACIONAL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE AVALIAÇÃO E MELHORIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL** que está registrado no GAP/CE/UFSM nº 23920 - CAPES/INEP/SECAD, Ed. 001/2008 – Observatório da Educação Projeto em Rede 3284. Esse projeto em rede envolve três Universidades, sendo: a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Universidade Federal do Paraná – UFPR e a Universidade Católica Dom Bosco- UCDB.

IV.2 A Educação Infantil no Brasil e no Estado do Mato Grosso do Sul: Censo Especial da Educação Infantil 2000

Este Censo teve como objetivo ampliar as informações sobre as creches e as pré – escolas; mais especificamente tem a intenção de levantar informações sobre o número de matrículas, infra – estrutura, a quantidade e qualidade do corpo docente, material didático, mobiliário, bem como os espaços direcionados para as crianças.

Os dados já estão sendo utilizados para financiar programas que visam à saúde da criança e à formação do professor, que vai trabalhar com a mesma que aparece da seguinte maneira:

Os dados referentes à educação infantil são utilizados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) no financiamento de dois programas do MEC: o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que atende a alunos da pré-escola matriculados na rede pública e o programa "Atenção à Criança", dedicado à formação continuada de professores, aquisição e distribuição de material didático e implementação do referencial curricular para a educação Infantil.

Para tal levantamento, o Censo Especial da Educação Infantil enviou os questionários para todas as creches e pré- escolas que estavam cadastradas no MEC, sendo que as que não estavam cadastradas também tiveram a oportunidade de preencher o formulário.

A seguir, apresentaremos apenas alguns dos dados selecionados a partir do levantamento feito pelo censo, segundo os interesses desta pesquisa.

Na tabela a seguir, serão apresentados os dados relativos à quantidade de municípios que oferecem Educação Infantil, tanto creche como pré – escola em nível nacional e estadual.

Tabela 1- Número de Municípios que possuem Estabelecimentos com Oferta de Educação Infantil - Creche e/ou Pré-Escola

Unidade da Federação	Total de Municípios	Municípios com Oferta de Educação Infantil			
		Creche		Pré-Escola	
		Total	%	Total	%
Brasil	5.507	3.964	72,0	5.402	98,1
Mato Grosso do Sul	77	72	93,5	76	98,7

Fonte:MEC/INEP/SEEC

No estado do Mato Grosso do Sul apenas em 1 município não há Instituição pré-escolar e em 5 municípios não existem creches. Já em nível nacional esses números

seguem outra proporção, pois há 105 municípios que não oferecem a pré –escola para as crianças, mas o número de instituições que não atendem às crianças pequenas de 0 a 3 anos é pior, pois desse total 1.543 municípios atendidos não oferecem atendimento às mesmas. Comparando a situação do Brasil, no que se refere à pré-escola, com o estado do Mato Grosso do Sul a diferença não é tão grande; já quando analisamos a situação das creches, a diferença é maior. Desse total de municípios 28% não oferecem atendimento à criança pequena. Nesse sentido, o estado do Mato Grosso do Sul, frente ao Brasil, apresentou índices melhores de atendimento por município.

Tabela 2 - Número de Estabelecimentos de Educação Infantil por Dependência Administrativa

Unidade da Federação	Estabelecimentos da Educação Infantil, por Dependência Administrativa				
	Total	Estadual	Federal	Privada	Municipal
Brasil	92.526	5.384	46	24.907	62.189
Mato Grosso do Sul	917	37	0	348	532

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Tanto em nível nacional, quanto estadual, o maior oferecimento de vagas ocorre por parte do município, seguido pela rede privada. Com uma quantidade menos significativa está o poder Federal e o Estadual, o que é compreensível, pois o município tem que atuar prioritariamente no Ensino Fundamental e Educação Infantil, embora o mesmo deva ser organizado em colaboração com a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Chama atenção, no entanto o número de estabelecimentos da rede privada, que no Estado chega a ser cerca de dois terços dos estabelecimentos da rede municipal. Este dado pode ser indicativo de atendimento diferenciado conforme poder aquisitivo dos usuários, aponta também que a clientela da escola pública está ligada às classes populares.

Tabela 3 – Número de Estabelecimentos de Creche e Pré-Escola, por Dependência Administrativa

Unidade da Federação	Estabelecimentos da Creche e Pré-Escola, por Dependência Administrativa									
	Creche					Pré-Escola				
	Total	Estadual	Federal	Municipal	Privada	Total	Estadual	Federal	Municipal	Privada
Brasil	24.014	466	28	13.214	10.306	85.786	5.253	34	57.628	22.871
Mato Grosso do	358	36	0	182	140	875	31	0	506	338

Sul

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Com estes dados, fica possível verificar que o oferecimento e provavelmente a necessidade da Pré-escola seja maior do que a da Creche. A Pré-escola tem sido oferecida no Brasil e no Estado do Mato Grosso do Sul em sua maior parte pelo município, o que nos faz compreender que ele vem tentando desempenhar sua função quanto ao atendimento da criança, conforme determinado pela Constituição. No entanto, no nível do Brasil a rede municipal atende mais que o dobro da rede privada. No entanto esse percentual não é o mesmo no Estado do Mato Grosso do Sul, onde os números de atendimento do município estão bem mais próximos dos da rede particular.

No que se refere à creche, o quadro se reverte. No âmbito nacional os números da rede privada estão próximos aos da rede municipal. Mas no Estado do Mato Grosso do Sul o município têm mais estabelecimentos do que a rede privada. Entendemos esse dado como positivo, pois isso pode ser um indicador de que o município tem feito um bom trabalho quanto à oferta de vagas.

Tabela 4 – Número de Estabelecimentos da Educação Infantil que Funcionam em Prédio Escolar ou de Creche

Unidade da Federação	Estabelecimentos de Educação Infantil que Funcionam em Prédio Escolar ou de Creche									
	Total	Educação Infantil		Total	Creche		Total	Pré-Escola		
		Quant.	%		Quant.	%		Quant.	%	
Brasil	92.526	78.942	85,3	24.014	20.394	84,9	85.786	73.433	85,6	
Mato Grosso do Sul	917	830	90,5	358	313	87,4	875	791	90,4	

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Mais uma vez é possível observar que a creche é mais prejudicada, tanto em nível nacional quanto estadual, pois as escolas não têm estrutura própria e adequada para essa faixa etária.

Tabela 5 – Número de Estabelecimentos de Creche com Profissionais de Nível Superior da Área Pedagógica, por Função Exercida

Unidade da Federação	Estabelecimentos de Creche com Profissionais de Nível Superior da Área Pedagógica							
	Total	Coordenador/Orientador Pedagógico		Professor		Educador		
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	

Brasil	24.014	7.616	31,7	3.900	16,2	1.993	8,3
Mato Grosso do Sul	358	108	30,2	105	29,3	25	7,0

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Para o atendimento da criança de 0 a 3 anos que ocorre nas Creches a quantidade de professores, educadores formados é mínima. Esse dado nos mostra ainda o quanto desvalorizado é o trabalho com as crianças pequenas, levando-nos a refletir sobre quem são as pessoas que estão trabalhando com essas crianças e de que forma desempenham seu trabalho com as mesmas. Esse dado, naquele momento, era bastante preocupante, tanto no Brasil como nos Estados e Municípios de MS. Atualmente, muito provavelmente, o quadro seja outro.

A seguir a tabela 6 mostra a quantidade de profissionais com nível superior trabalhando nas pré – escolas.

Tabela 6 - Número de Estabelecimento de Pré-Escola com Profissionais de Nível Superior da Área Pedagógica, por Função Exercida

Unidade da Federação	Estabelecimentos de Pré-Escola com Profissionais de Nível Superior da Área Pedagógica						
	Total	Coordenador/Orientador		Professor		Educador	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Brasil	85.786	30.269	35,3	22.890	26,7	3.304	3,9
Mato Grosso do Sul	875	539	61,6	497	56,8	48	5,5

Fonte:MEC/INEP/SEEC

No atendimento das crianças de 3 a 6 anos da Pré-escola, o percentual de professores e educadores formados, tanto no Brasil como no Estado, é menor do que o da creche. No entanto, nesse mesmo caso, a quantidade de professores em nível superior é bem mais elevado. Ao compararmos a quantidade de professores da creche em território brasileiro, com os professores da pré-escola é possível notar uma diferença de 10% a mais de professores que atendem às crianças de 3 a 6 anos. Como vemos, a distribuição de profissionais com nível superior se dá nesta ordem: 1º coordenadores, 2º professores e 3º educadores.

Mas, a diferença está ao compararmos a quantidade de professores formados em nível nacional e no Estado, que tem o dobro de professores habilitados, apesar de ser apenas 56,8% de professores formados. Embora com indícios melhores que os

nacionais, ainda é preciso muitas mudanças para que essas crianças sejam atendidas adequadamente.

Tabela 7 – Número de Estabelecimento de Creche com Profissionais de Nível Superior, por Função Exercida

Unidade da Federação	Total	Estabelecimentos de Creche com Profissionais de Nível Superior, por Funções Exercidas											
		Diretor		Vice-diretor		Administrativos (administrador, contador, secretária, escriturário)		Apóio de Saúde (médico, dentista, enfermeiro, auxiliar de enfermagem)		Apóio Sociopsicológico (assistente social, psicólogo)		Nutrição (nutricionista, cozinheiro, merendeira, auxiliar de cozinha)	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Brasil	24.014	9.442	39,3	1.804	7,5	4.018	16,7	1.954	8,1	4.860	20,2	2.368	9,9
Mato Grosso do Sul	358	235	65,6	20	5,6	63	17,6	29	8,1	76	21,2	15	4,2

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Dentre as profissões exercidas nas creches, verificamos que a frequência maior de envolvimento de profissionais de nível universitário é a do diretor (nível nacional e estadual) seguidos pelos profissionais de apoio sócio – psicológico e dos administrativos. Em todos os setores, o estado tem percentuais iguais ou superiores ao Brasil, embora esses sejam pequenos.

Tabela 8 - Número de Estabelecimento de Pré-Escola com Profissionais de Nível Superior, por Função Exercida

Unidade da Federação	Total	Estabelecimentos de Pré-Escola com Profissionais de Nível Superior, por Funções Exercidas											
		Diretor		Vice-diretor		Administrativos (administrador, contador, secretária, escriturário)		Apóio de Saúde (médico, dentista, enfermeiro, auxiliar de enfermagem)		Apóio Sociopsicológico (assistente social, psicólogo)		Nutrição (nutricionista, cozinheiro, merendeira, auxiliar de cozinha)	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Brasil	85.786	32.658	38,1	10.164	11,8	14.100	16,4	3.297	3,8	8.835	10,3	3.738	4,4
Mato Grosso do Sul	875	695	79,4	136	15,5	248	28,3	77	8,8	171	19,5	38	4,3

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Mais uma vez, é possível observar a disparidade entre o atendimento e a quantidade de profissionais envolvidos na creche e na pré-escola. Apesar das porcentagens serem menores, a oferta é muito superior, chegando a pré – escola a oferecer três vezes mais a quantidade de profissionais de nível superior do que a creche.

Embora o percentual de profissionais formados para exercer suas funções não ser o desejado, em todo o caso, os índices do Estado não supera os do país. Um dado chama atenção: enquanto no Brasil a quantidade é de 38,1% no Estado a quantidade chega a 79,4%, mostrando assim a importância de se ter profissionais adequados para se trabalhar e cuidar dos direitos das crianças.

Tabela 9- Número de Estabelecimentos da Educação Infantil com Voluntários da Área Pedagógica, por Função Exercida

Unidad e da Federaç ão	Estabelecimentos com Voluntários, por Função Exercida													
	Creche						Pré-Escola							
	Total	Coordenação ou Orientação pedagógica		Professores		Educadores		Total	Coordenaç ão Ou Orientação pedagógica		Professores		Educadores	
		Quant	%	Quant	%	Quan t.	%		Quant	%	Quant.	%	Quant.	%
Brasil	24.014	1.782	7,4	1.746	7,3	1.457	6,1	85.786	3.492	4,1	5.689	6,6	1.997	2,3
Mato Grosso do Sul	358	25	7,0	15	4,2	15	4,2	875	52	5,9	49	5,6	24	2,7

Fonte:MEC/INEP/SEEC

Podemos observar que a quantidade de voluntários atuando como educadores, tanto no Brasil quanto no Estado é maior na creche do que na Pré-escola. A realidade do professor também é a mesma no Brasil e só difere no Estado, pois a quantidade de professores voluntários é maior na pré-escola.

Os voluntários que desempenham a função de coordenador ou orientador pedagógico, mais uma vez é maior na creche do que na pré-escola o que nos mostra o caráter assistencialista que ainda ocorria com as crianças pequenas, principalmente com as de 0 a 3 anos.

IV.3 - Objetivos e Metodologia

Diante deste contexto em que o processo de formação para educadores infantis está se tornando cada vez mais uma necessidade evidente, consideramos ser necessário investigar que formação atende às especificidades do trabalho com as crianças neste nível.

Acreditamos que a Educação Infantil é um espaço que passou a fazer parte da Educação Básica - tem necessidade de profissionais qualificados, ou seja profissionais que conheçam a natureza da infância. Esse professor deve compreender as necessidades e especificidades da criança e saber realizar atividades pedagógicas que, ao mesmo tempo propiciem oportunidade para o seu desenvolvimento e respondam às

características peculiares dessa faixa etária. Portanto, embora acreditando na importância da formação e na necessidade de habilitar os futuros professores por meio de cursos de formação, sabemos que a formalização da habilitação em si mesma, não é condição suficiente para formar os professores de que necessitamos. Cabe, portanto investigar a natureza dessa formação.

No caso deste estudo, há preocupação em analisar a formação que esses profissionais estão tendo nas Universidades ou Centros de Formação e como esta formação está interferindo na prática dos mesmos. Neste sentido, o objetivo deste trabalho pode ser resumido em:

IV.4 - Objetivo Geral

Retratar a formação de professores para a Educação Infantil, analisando as contribuições e implicações da Habilidade Específica do professor da Infância para a prática docente de “educadores” atuantes na rede de ensino municipal de Campo Grande/MS

IV.5 - Objetivos Específicos

- Retratar os dados nacionais, estaduais e municipais relativos à formação das educadoras e professoras da Educação Infantil a partir dos dados do INEP;
- Fazer um levantamento do número de educadores que realizaram habilitação em Educação infantil durante o exercício da profissão;
- Analisar os documentos do projeto de habilitação e das leis que regulam a habilitação em Educação Infantil;
- Descrever a prática pedagógica dos professores de Educação Infantil, por meio da escrita de diários de aula;
- Coletar informações com os profissionais sobre o processo de formação dos agentes ao longo da sua trajetória profissional e as contribuições da Habilidade em Ed. Infantil para sua prática;

IV.6 - Escolha das professoras

Iniciamos nossa investigação na busca por professoras que tivessem trabalhado na Educação Infantil sem habilitação e que a obtiveram no decorrer do exercício nesse contexto. Para encontrar esses profissionais foi elaborado um questionário, ou seja, “*um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado*” (GIL, 2002, p. 90), entregue para todos os diretores dos Ceinfs do município de Campo Grande, por ocasião de uma reunião mensal.

O questionário teve a intenção de identificar em quais Ceinfs seria possível encontrar professores com essas características.

Foram entregues 90 questionários, dos quais retornaram 87. Embora tenha sido possível encontrar 83 desses profissionais em 47 instituições, apenas 16 professores encontravam-se nas mesmas creches e pré-escola. O restante dos professores havia mudado de função e ou de profissão.

Para identificar a formação desses profissionais foi elaborado um segundo questionário, cuja finalidade era obter alguns dados gerais relativos à formação inicial, continuada, instituição e o ano de formação.

Nesse segundo levantamento realizado com os 16 profissionais, escolhemos apenas sete, por serem os únicos que obtiveram a habilitação em Pedagogia durante o período em que estavam trabalhando na Educação Infantil; tais professores tinham pelo menos três anos de formados com habilitação específica em Educação Infantil. Os demais ainda estavam em formação e outros já haviam mudado de cargo e até mesmo de profissão.

No decorrer da pesquisa, cinco professores que estavam lotados nos Ceinfs foram trabalhar em duas escolas de tempo integral no município de Campo Grande que atende crianças a partir da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental. E os outros dois permaneceram nos CEINFs.

IV.7 - Procedimentos e coleta de dados

Para compreender quais foram as contribuições do curso de Pedagogia para a prática desses profissionais, decidimos que estudaríamos os profissionais que não tinham nenhuma formação e já trabalhavam com a infância e depois foram procurar um curso em nível superior, seja por causa das mudanças da Lei 9394/96, seja por terem se identificado com a profissão.

Procuramos a Secretaria de Assistência Social - SAS que naquele momento da pesquisa era responsável pela Educação Infantil, sendo os Centros de Educação Infantil - CEINFs ligados ao município. Conversamos, apresentamos a carta de solicitação para a pesquisa para a responsável, explicamos os objetivos do estudo e a necessidade de encontrar os profissionais para que a mesma fosse realizada. A responsável pela Educação Infantil se mostrou disposta a ajudar e falou sobre o funcionamento, acompanhamento e os encontros que a SAS tem com os CEINFs. Ela marcou um novo encontro juntamente com todas as diretoras dos CEINFs, o qual ocorria mensalmente na SAS.

Nesse encontro foi possível apresentar o projeto de pesquisa às diretoras, tendo as mesmas levado para os CEINFs os questionários (Anexo 1) para realizar o primeiro levantamento.

Depois de um mês os questionários retornaram e a partir dos levantamentos dos dados elaboramos outro para os professores relacionados para participarem da pesquisa (Anexo 2). De todo o levantamento, relacionamos 7 professores e desses, 5 continuaram até o final da pesquisa.

Para a obtenção de elementos necessários à realização desta etapa da pesquisa foram escolhidos três instrumentos para a coleta de dados: o questionário, o diário e a entrevista semi-estruturada, realizada com equipamentos de gravação e áudio.

Hess (2006) relata que o hábito de se escrever no diário é histórico e teve início em 1600. Dentro os primeiros diaristas estão John Locke, Marc-Antoine Jullien e Janusz Korczak. O autor, ainda relata que existem muitas possibilidades da escrita do diário, como: diário íntimo, diário de viagem, diário filosófico, diário de pesquisa, diário de formação, entre outros.

O diário é um instrumento da abordagem qualitativa, fundamental para essa pesquisa uma vez que, pode proporcionar ao professor a compreensão da sua prática pedagógica. Segundo Zabalza (1994, p.10) por meio do diário é possível:

Explorar o pensamento do professor e suas relações com a ação. [...] explorar os dilemas dos professores tanto no que diz respeito à sua elaboração mental como no que diz respeito ao seu discurso sobre a prática [...] é através do diário que uma pessoa desenvolve a consciência individual da sua própria experiência.

Larrosa (2006) ressalta que o diário é a forma de escrita de si que acaba orientando o autoconhecimento.

Hess (2006) ainda discute as formas gerais dos diários, sendo ele um registro que ocorre diariamente e o autor é o sujeito do diário que escreve sobre o que ocorre no seu presente, o que propicia registrar o que vive e ou que pensa. O diário é forma de escrita com fragmentos. É impossível registrar todos os aspectos vividos. Segundo o autor, essa técnica é uma forma de escrita transversal, dada a sua diversidade. Ele ainda tem dois eixos: duração e intensidade e é um procedimento de acumulação, mesmo que o sujeito escreva apenas uma página por dia, no final do ano chega um acúmulo razoável.

Mignot (2008, p. 108) ressalta que a escrita do diário não é uma tarefa fácil e sugere que:

escrever sobre a própria vida profissional exige paciência, introspecção, tomada de consciência e, por isto, deve ser visto como uma conquista, um convite, uma sugestão. É um exercício formador e como tal, deve ser estimulado, incentivado, sem se tornar uma camisa de força para os professores que cotidianamente inventam a sala de aula.

Com base na reflexão desses autores, fizemos uso do diário dos professores, como forma de tentar compreender como os professores organizam seu trabalho cotidiano e como se sentem em relação a ele.

Inicialmente, foi realizado o contato direto com os diretores dos Ceinfs e das Escolas, para que os mesmos tivessem conhecimento dos objetivos da pesquisa. Posteriormente, realizamos o contato com as coordenadoras e com as professoras selecionadas com intuito de apresentar a proposta da pesquisa, solicitar e formalizar a coleta dos dados.

Após confirmar a aceitação de cada uma das professoras para realizar a pesquisa, foi pedido o primeiro procedimento para coleta dos dados em forma de diário, no qual as professoras deveriam relatar diariamente no período de um mês suas atividades pedagógicas e sua rotina na sala de aula. Esse diário teve a intenção de identificar como essas professoras trabalham e onde elas aprenderam aquilo que realizam na sala.

Os diários começaram a ser escritos no mês de agosto, mas só na primeira quinzena de novembro de 2009 os mesmos foram entregues para a pesquisadora.

Durante a escrita dos diários, duas professoras não conseguiram continuar na pesquisa.

Depois que os diários foram entregues, as anotações foram transcritas e categorizadas. As categorias elencadas foram: a rotina, a formação, desafios, preocupações e atividades.

Um segundo procedimento utilizado foi a entrevista semi-estruturada por acreditar como Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1999, p.168) que: “*a entrevista permite tratar de temas complexos, que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade*”. No nosso caso, a entrevista nos permitiu, a partir da descrição da prática dos professores, sondar o papel da habilitação em Pedagogia para as concepções e práticas dos mesmos.

A entrevista semi-estruturada foi elaborada a partir das categorias construídas com base no exame dos diários de bordo de cada professora. Esse procedimento se organizou em três blocos: bloco A: Dados Biográficos Gerais; bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários; bloco C: A formação do professor (Anexo 3). As entrevistas foram realizadas de forma recursiva, ou seja, por meio de vários encontros com o mesmo professor.

No bloco A, sobre os dados biográficos, foi possível compreender o processo de formação dessas professoras, bem como suas escolhas profissionais. Com o bloco B, observação das atividades relatadas nos diários foram realizados questionamentos sobre as atividades que as professoras desenvolvem com as crianças, a reflexão sobre como e onde elas aprenderam a ser as professoras que são. E o bloco C, a formação do professor teve a intenção de identificar as contribuições do magistério, da Pedagogia e a Pós – Graduação.

CAPÍTULO V

A PRÁTICA DAS PROFESSORAS E AS IMPLICAÇÕES DOS CURSOS DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

V.1 A PRÁTICA DAS PROFESSORAS: as marcas do trabalho na Educação Infantil

As professoras realizaram durante um mês, o registro de suas atividades pedagógicas por meio de um diário, a partir do qual foi possível traçar algumas características da prática pedagógica das mesmas. Ao realizar a leitura dos diários surgiram alguns aspectos recorrentes que constituíram, categorias para análise tais como: rotina, formação, desafios, preocupações e atividades.

Para analisar a prática descrita, nos referiremos às professoras como: Professora A, Professora B, Professora C, Professora D e Professora E. As Professoras A, B e C trabalham na pré escola com crianças entre 4 e 5 anos de idade, em escolas que têm o ensino Básico em tempo integral; as Professoras D e E trabalham em CEINFs no jardim III com crianças de 3 e 4 anos de idade com período de 4 horas diárias. Todas trabalham no município de Campo Grande-MS.

V.2.1 - PROFESSORA A

A Professora A trabalha com a pré-escola e relata que se sente bem em trabalhar com as crianças, gosta de ser desafiada e se vê como uma pessoa muito corajosa, “*Escolhi vir para essa escola por gostar de desafios, pois acredito que trabalhar nesta instituição requer muita coragem e se deve querer muito o novo.*” (diário). A escola em que esta professora trabalha, utiliza a Metodologia da Problematização de Berbel¹, para a qual os professores tiveram uma formação específica durante quatro meses, com oito horas diárias. A proposta da Escola tem filosofia e princípios diferenciados em relação ao restante da rede pública da cidade.

Ela contou que se sente muito incomodada com as promessas e os acordos não cumpridos por parte da escola, principalmente com a falta do horário para o almoço.

¹ A metodologia da problematização visa à integração entre as áreas do conhecimento. Essa metodologia segue alguns passos, dentre eles: observação da realidade em que os alunos são levados a observar e refletir sobre seu dia a dia e assim formular os problemas. A fase seguinte é a da teorização, momento em que os alunos formulam respostas para os problemas a partir de hipótese de solução e pesquisa.

A rotina da escola não é fácil, nem tudo que se prometeu está sendo cumprido. No começo foi muito difícil, trabalhar o dia todo. Há dias que não se tem nem tempo para o almoço e essas coisas vão estressando-nos.

Almoçamos na escola e a comida também não é muito boa, não há restaurante perto. No início, eu trazia comida de casa, mas agora já não consigo mais fazer isso. Há dias que não como nada, isso também estressa muito. (diário)

Observa ainda que a escola é nova, só tem um ano. E por ser uma escola que desenvolve um trabalho em tempo integral com uma proposta diferenciada, toda a equipe está em fase de adaptação.

Depois da rotina de entrada inicial na escola e na sala, a professora conta histórias e canta músicas para as crianças “*vamos para a sala, onde fazemos a rodinha. Para falar sobre os combinados, euuento uma história e cantamos algumas músicas*”. (diário)

A rotina dessa professora transcorre da seguinte maneira:

Na primeira hora de trabalho das 7:30 às 9:00 horas não dá tempo para fazer muita coisa. 7:30 eu pego as crianças na entrada e vou até o pátio, como a escola é grande demora-se um pouco nessa ida e vinda. No pátio central fazemos oração, a diretora, e as coordenadoras dão os avisos e fazem alguns combinados. Cantamos, e às vezes os alunos fazem alguma apresentação. Em seguida tomamos café da manhã e vamos para sala, onde fazemos a acolhida, os combinados. (diário)

A professora relatou que sente a necessidade de estudar para dar as aulas. “*Hoje eu tenho 3 horas de estudo, das 9 às 11:30; apesar de precisar muito desse estudo, tem dia que não rende*”(diário)

Sua maior preocupação é com a alimentação, a higiene e o descanso das crianças. Quanto à alimentação, além de se preocupar com as refeições, os projetos pedagógicos giram em torno dessa temática “*na escola tenho que ficar me preocupando com a alimentação delas. Umas não comem verduras, outras só querem arroz. Têm ainda, aqueles que só comem feijão, não é fácil fazê-las comerem bem.*” (diário). Ao realizar a entrevista a Professora A afirma novamente sua preocupação com a alimentação o que se evidencia na sua fala: “*Eu me preocupo muito com a alimentação, por que acredito que saco vazio não para de pé. Muitos deles não se alimentam bem em casa. E uma alimentação equilibrada ajuda o rendimento na escola.*”(diário)

A brincadeira também está presente na prática da professora, apesar das colocações sobre o parque “*Hoje é meu dia de parque fixo até às 9h. Nossa parque é lindo, mas não gosto muito dos brinquedos de ferro e do banco de areia, pois quando chove não podemos utilizá-lo*” . (diário). Na entrevista a Professora reafirma o fato de não utilizar o parque: “*O ambiente da escola que eu mais gosto é o ambiente virtual. Eu não gosto do sol do parque, nem da areia nem dos brinquedos de ferro. Eu gosto do pátio, pois é maior e eu posso desenvolver várias atividades.*”(diário)

O horário do parque nesta escola é fixo, cada sala já tem agendado o dia e a hora e quando chove ou quando está muito quente é inviável ir ao parque.

Todos os dias ela realiza leitura para as crianças “*gosto de ler para as crianças, não só livros de história. Às vezes leio uma poesia, uma mensagem, uma notícia do jornal. Não sei se eles entendem, mas tem hora que eles ficam me olhando.*”(diário)

A pesquisa também está presente na vida dessas crianças.

Nesta semana vou trabalhar as plantas que tem perto da casa das crianças, pois pedi para que eles fizessem um levantamento na sexta-feira. Nos meus dois tempos vou trabalhar com isso, depois vou para o laboratório fazer pesquisa sobre essas plantas em seguida eles têm tempo livre.

A pesquisa foi muito legal, as crianças ainda têm bastante dificuldades para fazer pesquisa sozinhas, mas já sabem manipular o mouse, o teclado, onde liga e desliga o computador.

Usamos o google na parte de imagens para ver se aquelas árvores eram as mesmas que existem próximo as suas casas. Como a mangueira foi uma árvore que apareceu na pesquisa de todos que trouxeram a tarefa, buscamos no google informações sobre ela. Apesar de nem todas as crianças terem esse interesse a aula foi bem legal. (diário)

As crianças têm uma aula específica para trabalhar com pesquisa, que utiliza a nomenclatura de ACC1 – Iniciação à pesquisa.

O desenho é pedido sempre, ora livre, ora com o objetivo de registro.

No período da manhã recordamos a pesquisa que as crianças realizaram em casa com os pais nas quais eles desenharam as árvores e plantas junto com os mesmos. Fizemos um painel com o desenho de todas as crianças. [...] Pedi para eles desenharem as verduras que mais gostam [...] hoje vou dar desenho livre. (diário)

Segundo o relato da professora A a maioria das atividades das crianças envolve exposições. “*Fizemos vários saquinhos com as plantas medicinais que as crianças trouxeram, entre elas estão: camomila, cravo, babosa, capim cidreira, boldo entre outros. Agora vou pesquisar com eles, para que serve cada uma dessas. E vamos fazer uma exposição para a escola toda.*”(diário)

Outra atividade que a professora gosta de incluir é a experimentação “*Hoje vamos experimentar as frutas que as crianças pegaram nos pés próximos de suas casas. Teve manga verde, amora, acerola, pitanga, buriti e coco verde. As crianças gostaram bastante da atividade*”(diário)

As atividades registradas ocorrem por meio do livro didático e atividades que são elaboradas para os projetos.

Hoje vou trabalhar com o livro didático. Recebemos o livro só agora no meio do ano, ainda estou no começo, fazendo as atividades sobre o nome de cada um e dos amigos. [...] Nessa semana vamos trabalhar com as plantas alimentícias. Pedi para as crianças fazerem uma pesquisa sobre com seus pais em casa. As crianças falaram e trouxeram registrados que seus pais utilizam, cebolinha, salsinha, alho, cebola, frutas, verduras, legumes, raízes, entre outras coisas. Como os alunos não sabem a diferença de raízes e frutas e verduras, vou trabalhar com esse tema essa semana, apesar de não ter sido isso que havia planejado. (diário)

A Professora relata ainda que gosta de trabalhar com projetos, pois acredita: “*Eu gosto de trabalhar com projetos, pois é uma forma mais organizada é uma maneira de ter mais objetivos e é mais sistematizado*” (diário) e utiliza o livro didático como um recurso pedagógico “*O livro didático eu uso mais como um recurso, se eu estiver trabalhando um conteúdo e tiver algo para ajudar eu uso se não, não.*”(diário).

A proposta da escola não faz uso de livro didático, a SEMED mandou para a escola os livros que sobraram com o propósito de auxiliar na elaboração das atividades.

As demais atividades de que a professora faz uso são: recorte e colagem, elaboração de painel, cartaz e listas.

No período da manhã recortamos a pesquisa que as crianças realizaram em casa com os pais nos quais eles desenharam as árvores e plantas junto com os mesmos. Fizemos um painel com o desenho de todas as crianças. [...] Hoje tive as aulas da manhã, as crianças trabalham com recorte de revista sobre plantas. Fizemos um cartaz. [...] Pedi para eles desenharem as verduras que mais gostam e fiz uma lista com o nome de todas as verduras que apareceu na conversa. (diário)

Ela acredita que por meio de cartazes, listas (frutas, animais, brinquedos, entre outros), painéis e recortes e colagens a criança desenvolve habilidades de leitura e escrita:

A lista, o recorte e colagem, painel, cartaz é uma maneira de desenvolver várias habilidades, inclusive a leitura e escrita, é um momento que eles têm contato com a leitura e escrita e varias formas de organização do texto, e assim eles conseguem aprender os conteúdos.(diário)

A Professora A descreveu também que todas as atividades como: história, música, parque, pesquisa, desenho, exposição, experimentação, modelagem, filmes são importantes, no entanto a escolha das atividades depende dos objetivos.

Os espaços físicos da escola que a professora utiliza são: parque, biblioteca, multimídia, pátio, brinquedoteca.

No momento do tempo livre, as crianças podem ir para o parque, pátio, brinquedoteca ou para a multimídia. O tempo livre começa às 10:00 e termina às 11:30. [...] Hoje a aula foi tranquila, pois usamos muitos espaços da escola: a sala de informática, a biblioteca, o parque e as crianças ainda brincaram com os brinquedos que trouxeram de casa. (diário)

V.2.2 PROFESSORA B

A Professora B trabalha com pré-escola e relata seu horário de trabalho e a forma como é distribuído “*os professores nessa escola trabalham 40 horas, apesar de terem 12 horas aulas fora da sala de aula.*”(diário) Mesmo tendo essas horas fora da sala de aula que são dedicadas ao planejamento e estudo a Professora A sente dificuldades:

O dia-a-dia desta escola é bem diferente, a dinâmica não é fácil e não me acostumei ainda, já trabalhava 40 horas, mas não sei dizer ao certo porque é tão diferente, tive vontade de desistir por várias vezes e ainda tenho, também não sei por que continuo a cada dia que passa.

Ela ressaltou a importância do apoio da equipe pedagógica.

A escola tem bastante funcionários e eu tenho ajuda direta de uma monitora e o Ronaldo que é “pau para toda obra”. Fora isso, temos a diretora e a diretora adjunta, as secretárias e as coordenadoras. Não temos orientadora e supervisora, só as coordenadoras que executam os dois papéis. Contamos também com o pessoal da faxina e da merenda. (diário)

A professora sente a necessidade de estudar mais para dar as aulas. “*temos polo, formação continuada, mas ainda sinto que preciso estudar mais; sempre tenho a sensação que está faltando alguma coisa. São poucas as aulas que saio com a sensação de missão cumprida* ”(diário)

Sua maior preocupação relacionada às crianças é com alimentação, não só o que comem no dia-a-dia na escola, mas também o que vão comer em casa e se têm alimentos ou não para as mesmas.

A alimentação também me preocupa muito. Elas se alimentam muito mal. Nos dias que não temos aula até fico preocupada. A alimentação da escola não é como a da minha casa, mas para as crianças que atendemos, talvez seja as únicas refeições do dia. A aparência delas, não de todas as crianças, mas de algumas dessas crianças é muito triste. Se eu pudesse pegaria e levaria para minha casa. (diário)

Ao perguntar sobre a preocupação com a alimentação na entrevista a Professora B reafirmou sua preocupação e relatou da seguinte maneira:

Eu me preocupo com a alimentação, primeiro por que saco vazio não para em pé. Essas crianças são tão fraquinhas. Os pais também enchem o saco quanto à alimentação dos filhos. A maioria dos pais quando eu vou entregar me pergunta: O meu filho comeu? a pergunta é sempre a mesma. Por mais que tenha que dar remédio a primeira pergunta é sempre a mesma. (diário)

A professora B utiliza muitos filmes para contextualizar suas aulas e reclama quando não consegue um filme para trabalhar determinado assunto ou tema. Os filmes são: documentários, desenhos, filmes infantis e religiosos.

Como metodologia da aula de hoje usei um filme sobre a importância das plantas e as consequências para o mundo sobre a não preservação e conservação.

O filme é da National Geographic que na verdade é um documentário, mostra como era o mundo, e como tem ficado e quais serão as consequências do desmatamento, da poluição, dos gastos excessivos da água potável. O documentário tem a duração de 45 minutos e não sei se vou conseguir passar o documentário todo. [...] Nas atividades de hoje vou usar como metodologia um filme da Disney chamado Wally que fala sobre um robô que organiza o lixo que foi deixado pelos humanos e vem outro robô de outro planeta para procurar alguma planta, mas ela só encontra lixo, e depois de muito procurar ela consegue encontrar uma plantinha, entre outras coisas que acontecem no filme. Farei uma reflexão com meus alunos sobre a importância da conservação e preservação do meio ambiente. [...] Na minha aula de hoje vou passar o filme do mágico de Oz para trabalhar com os meus alunos outras plantas que não são árvores frutíferas.

Na minha leitura me parece que só as árvores são plantas.
Por isso, vou passar esse filme, mostra muito jardim, bosque, parque, outros lugares que tem plantas que não são frutíferas. (diário)

No decorrer da entrevista a Professora B relatou a importância do filme na sua prática pedagógica “*Eu uso muito filme, pois acho que a imagem ajuda a ilustrar aquilo que eu quero explicar ou ensinar para eles. Me possibilita discutir outras coisas e ainda levo eles para viajar. Não é só leitura que faz com que a gente viaje, o filme também.*” (diário). Ela ainda ressaltou que consegue atingir seus objetivos “*Os filmes são fundamentais, sempre eu consigo trabalhar bem com eles, eu consigo atingir meus objetivos com eles.*” (diário).

As atividades registradas ocorrem a partir do livro didático e das atividades que são elaboradas para os projetos.

Estou trabalhando com o projeto sobre as plantas e o livro didático que está sendo utilizado é bem interessante. Estou no começo ainda, só recebemos o livro no terceiro bimestre. Estou correndo para ver se consigo concluir. Meus alunos gostam muito do livro parece que eles se acham importantes. [...] Os pais não gostam muito, mas vou pedir uma tarefa para ser realizada com ajuda dos pais, só assim eles ficam um pouco com seus filhos.

A tarefa consiste em realizar um levantamento das plantas existentes próximas às suas casas. O aluno deve fazer o desenho das plantas e se for possível descobrir o nome, e se é venenosa ou não. (diário)

Durante a entrevista a Professora B relatou ainda a cobrança dos pais com relação ao livro didático:

O livro didático foi a SEMED que mandou o que tinha lá, mas eles deixaram bem claro que era isso que tinham. Tem algumas atividades que eu aproveito e outras não. Não sou obrigada a usar o livro inteiro. Muitos pais já reclamaram, eles acham que devemos usar o livro inteiro um conteúdo atrás do outro. As atividades de matemática eu sempre uso todas, o restante não. Se for ao encontro daquilo que eu estou trabalhando eu dou senão fica e os pais dão nas férias para as crianças em casa. (diário)

A Professora descreveu como é realizada sua escolha pelo projeto que desenvolve com as crianças

Eu trabalho com projetos e nós escolhemos, conforme as ações das crianças aqui na escola. O meio ambiente, as crianças pisavam nas gramas e às vezes passavam por cima das árvores que estão crescendo. Aí nós fizemos um projeto sobre a importância do meio ambiente e começamos com a função da árvore, é esse o start, a necessidade da nossa realidade. (diário)

A professora B utiliza como recurso: ficha de leitura, “*Dos meus 30 alunos 28 já sabem escrever o nome, sem a ficha de leitura do nome. Eles já sabem colocar as atividades nos escaninhos e olha que eu troco o nome de lugar.*” (diário). Ela também trabalha com pesquisas:

A pesquisa foi muito interessante, mas os desenhos não foram realizados pelos alunos, mas pelos pais e nem todos os meus alunos trouxeram os desenhos para a aula. Nos desenhos aparece muita mangueira, goiabeira, jabuticabeira, entre outras que não consegui descobrir, os meus alunos também não sabem que tipo de árvore é. (diário)

É importante considerar que nessa escola a realização das pesquisas é muito cobrada dos professores.

A professora B sempre pede que as crianças desenhem como registro das atividades propostas:

Com o resultado das pesquisas as flores que as mães e as vizinhas mais gostam são as rosas, margaridas, e a violeta. Hoje vou trabalhar com metodologia um filme evangélico que fala da briga e o romance do cravo e da rosa. Aproveitei os desenhos que fizeram e fiz um cartaz com as flores que eles desenharam juntos com os adultos. (diário)

Para desenvolver suas aulas a Professora B conta com os seguintes espaços: sala de informática, parque, biblioteca, multimídia, pátio, brinquedoteca. “*aqui na escola temos muito espaço físico. Eu gosto muito da brinquedoteca, biblioteca, do parque e da sala de informática, uma sala que uso muito é da multimídia, pois adoro filmes para ajudar explicar os conteúdos que estamos trabalhando.*” (diário)

Uma questão que sobressaiu no relato é que ela não gosta que as crianças faltem, pois não pode dar conteúdos novos, “*Quase não veio criança. Não gosto disso. Não posso trabalhar direito, não gosto de dar conteúdo e as atividades no dia que tem pouca criança.*” (diário).

V. 2.3 - PROFESSORA C

A professora C, como as anteriores, trabalha com a pré-escola na escola de tempo integral. A rotina dessa professora envolve atividades com música, cantiga, dança, texto, filme, historinha, cinema, banho de mangueira, leitura, brincadeira, desenho e jogo, como ela mesma escreve: “*hoje utilizamos um recurso de mídias, o som ouvindo várias cantigas de roda, todos participaram cantando e dançando, soltando a imaginação*”(diário).

Em relação à formação a Professora C afirma que a sua falta de experiência é devida à formação. “*A minha falta de experiência é porque não tenho uma formação maior. Acredito que conforme vai fazendo, estudando, pesquisando, isso dê tranquilidade no fazer pedagógico.*” (diário). No entanto, é preciso observar que essa professora fez Magistério, Pedagogia, concluiu uma Pós – Graduação lato censo e está cursando outra.

Um dos desafios que ela enfrenta está na relação dos pais com a escola

Outra coisa que me chateia é a relação com os pais, apesar de raramente ter contato com os pais dos meus alunos, na verdade só em momentos sociais. Mas eu acredito que quanto maior a participação dos pais melhor é o desempenho das crianças na sala de aula. Gostaria muito que os pais participassem mais, das atividades, dos eventos e da vida de seus filhos na escola. (diário)

A sua preocupação também é com a alimentação que ela justifica com sua história de vida.

A alimentação é algo que me preocupa muito, perdi dois irmãos por falta de nutrição. Eu comia pão com óleo quando era pequena. E feijão no café da manhã. Não quero que meus alunos fiquem mal por falta de uma alimentação adequada. Não quero também que eles se enchem de bobageiras. (diário)

As atividades registradas ocorrem por meio das atividades que são elaboradas para os projetos “*Hoje vou trabalhar com registros de palavras, completando com as letras que faltam, sobre o projeto que estamos trabalhando.*” (diário). Durante a entrevista a Professora C descreveu como trabalha com projetos e como são realizadas as escolhas pelos temas:

Eu trabalho com projeto. O tema normalmente surge com a necessidade das crianças, no início do ano é praxe fazer algum trabalho que envolva as relações, depois a higiene e a alimentação. Só depois que conseguimos trabalhar as temáticas como os mamíferos que as crianças adoram e aprendem muito.

Ah!!! Nessa temática elas fazem muitas relações, é mais fácil aprender os nomes dos animais. Eu já trabalhei o projeto sobre as cores as crianças não gostam e é muito difícil e sofrido perceber a aprendizagem delas. (diário)

Ela relatou que utiliza outros recursos em suas aulas e fala que gostaria de trabalhar em outros locais:

Eu trabalho com: música, cantigas, dança, texto, filme, historinha, cinema, banho de mangueira leitura, brincadeiras, desenhos, jogos, aula passeio e teatro. Mas gostaria de fazer mais aulas debaixo da árvore. Não gosto de ficar trancada na sala com as crianças. Eu deixaria de usar a sala, queria uma sala junto do jardim, sentar na grama, ficar descalço, correr, fazer castelinhos de barro, por que aqui não temos areia. (diário)

A professora faz uso de recorte e colagem, leitura e releitura de histórias elaboração de painel, cartaz, listas. E ressalta as atividades de Matemática como: numerais e adição

Hoje eu vou fazer recorte e colagem de algumas palavras.[...] Hoje eu vou fazer leitura e releitura de histórias. [...] Ordenar a música “a foca” trabalhada anteriormente. Foi entregue aos alunos várias tiras para que montassem em sulfite a música sob a orientação da professora, a turma participou e fez a lista e o cartaz com entusiasmo e. [...] Hoje utilizamos um recurso de mídias, o som ouvindo várias cantigas de roda, todos participaram cantando e dançando, soltando a imaginação [...]Atividade de Matemática: ligue o desenho (quantidade) aos numerais. (diário)

Na entrevista ela justifica o uso da lista e do cartaz:

Eu gosto de fazer lista e cartaz, pois é uma forma de organizar meu trabalho e organizar a estrutura para crianças. Ahh!! No cartaz eu sistematizo os combinados, uma letra de uma música, a sequência de um texto e aí a criança

pode ir ate lá, o tempo todo, e olhar novamente a letra a e o b mais a fica BA e é o ba de baleia. É assim... (diário)

Os espaços utilizados pela Professora C são: ambiente virtual, parque, biblioteca, multimídia, biblioteca e aula passeio.

Hoje é nosso dia de ir a biblioteca. Brincamos de escravos de Jó (tentamos). Hoje visitamos o ambiente virtual, utilizamos o software edi que voltou a funcionar e montamos o data show para as crianças assistirem a alguns desenhos animados como: Slarlie e Lola; turma da Mônica e algumas músicas.[...] Estamos pensando em fazer um passeio para a turminha, muito legal, estamos querendo ir à fazendinha com o city trem, foi muito divertido e proveitoso. A semana da criança será encerrada com grande festa para a garotada com bolos, sorvetes e outras gostosuras. (diário)

Apesar de utilizar todos esses espaços durante a entrevista a Professora C fala do interesse das crianças pelas tecnologias “*Eu trabalho com todos esses espaços: ambiente virtual, parque, biblioteca, multimídia, biblioteca. Mas eu gosto da multimídia, fico boba de como essas crianças sabem operar um computador. Eles são realmente da era da tecnologia digital.*”(diário)

V.2.4 - PROFESSORA D

A Professora D trabalha com a Educação Infantil há dez anos, em um CEINF com alunos do nível I (crianças de 2 anos) e em uma Escola do município, como professora do 4º ano do Ensino Fundamental.

A rotina dela envolve: roda, dança, história, relaxamento, oração, música, brincadeiras, poesias, canções, parque, desenho, soninho, filmes e tv.

No aprendizado das crianças, o retorno é muito rápido. As crianças quando são motivadas e adequadamente encantadas nos surpreendem. Quando aprendem uma música, quando narram uma historinha junto com você, quando brincam de roda, quando chutam a bola, quando correm para os seus braços para que você as proteja e dê carinho... Eles fazem o seu dia ficar leve. Todos os dias eles te ensinam a ser melhor, a ser mais criativa, a buscar mais, a oferecer mais.[...] A minha rotina de sala de aula é regada de roda. A roda para música, oração, contagem, que dia é hoje? Janelinha do tempo (Como está o dia hoje?), historinha, atividade pedagógica, brincadeiras no pátio, dança, relaxamento, assistir à televisão, almoço e hora do soninho. (diário)

Ao escrever o diário, a Professora D desabafa e diz não se sente realizada e nem reconhecida profissionalmente.

Sabe... Não me sinto muito realizada nesta profissão e se eu pudesse trocar eu trocaria. Sinto muita vontade de fazer Administração de Empresas ou

Educação Artística. Eu sonho muitas coisas para meu futuro profissional. Como a minha valorização profissional, como professora. Irei provavelmente cursar uma nova pós (Arteterapia). Acredito que um dia seremos vistos como excelentes profissionais, através do nosso trabalho.

Ela continua seu desabafo ao relatar que se sente mal com a cobrança dos pais e com a pouca participação dos mesmos.

Apesar de já ter dez anos de profissão a professora se sente insegura e fala sobre a necessidade de estudar mais “*A minha falta de experiência é porque não tenho uma formação maior. Acredito que conforme vou fazendo, estudando, pesquisando isso dê tranquilidade no fazer pedagógico*”(diário)

A Professora D ressalta, que sua maior preocupação é com a segurança das crianças.

Tenho uma preocupação muito grande relacionada à segurança das crianças, tenho receio que se machuquem durante o tempo que estão no CEINF sobre minha responsabilidade e até mesmo quando estão muito agitados (mordem, batem, tomam brinquedos, rasgam as atividades do colega,...). Tenho muito medo que alguém maltrate eles, num momento de irritação. Não acredito que isso aconteça, mas sempre fica uma insegurança.(diário)

Ao retomar esse assunto na entrevista a Professora D colocou outras preocupações:

Eu me preocupo com a integridade física, emocional da criança, sou meio neurótica com essas coisas, os pais me confiaram seus filhos, então eu devo devolvê-los da mesma forma no final do dia. Apesar de muitas vezes eu acabar fazendo muito mais do que eles. Não me sinto bem de ter que entregar um filho para mãe e dizer que ele se machucou e eu não vi, que alguém mordeu eu não consegui fazer nada, é mais ou menos por esse caminho. Ah!!! Outra coisa que me assusta é essa onda de pedofilia, ai meu Deus! Deus me livre se acontecer algo com minhas crianças. Eu gosto deles além, eu sei que não é profissional eu dizer isso. Mas eu amo essas crianças eu chego em casa e fico pensando, será que fulano tomou o remédio, será que a febre baixou, será que o pai bêbado não vai bater nele..... e assim por diante. (diário)

Ela também fala sobre a preocupação com alimentação das crianças:

As crianças comem muito mal, eu acho que as crianças têm que estar bem alimentadas para poder aprender. Não todos, mas muitos dos meus alunos só comem carboidratos e às vezes querem mamar o dia todo, eles não comem verduras, legumes, sucos, frutas. Essa é a minha preocupação como eles não têm contato com esses alimentos eles não têm vontade de comer. Eu acho que eu devo fazer essa parte de oferecer e insistir que pelo menos aqui, eles comam melhor. Afinal essa também passou a ser a minha função como professora. (diário)

A Professora D ressalta ainda o seu cuidado com a relação de carinho, afeto e respeito pelas crianças:

Para cuidar e educar as crianças é importante ter respeito, sensibilidade, carinho e atenção. Eu acredito muito nisso, não sei faço algumas coisas para compensar minha infância antes da escola. Quero ser uma professora como foi muitas das que tive. Não quero que meus alunos se recordem de mim de forma ruim, quero que eles sintam saudades, que eles queriam vir para escola. Por que sabe que vai encontrar alguém que os respeita. Acho que se eu tivesse ido para escola antes da primeira série e tivesse encontrados professores bons não seria assim. Eu tive uma babá muito ruim, me dava resto de comida e misturava tudo; parecia uma lavagem. Me colocava de castigo debaixo da mesa como um cachorro ou atrás da porta. Só eu ficava as filhas dela não....e isso eu não quero para minhas crianças. Eu já vi muitas colegas tratar as crianças muito mal, e eu sempre falo, espero que a professora de seus filhos e netos os tratem da mesma maneira.....é o suficiente (diário)

E a questão da alimentação causa inquietação na rotina da professora.

Eu me preocupo muito com a alimentação dos meus alunos. Normalmente almoço. Nem todos gostam de se alimentar alguns se recusam comer, outros tem “preguiça” de colocar a colher na boca. Quando percebo que não querem comer imito avião, moto,... dou comida na boca. Sabe que eles gostam muito! Mesmo sendo tão pequenos já sabem que é bom ter alguém para dar carinho e atenção.

A preocupação também gira em torno da aprendizagem “*a aprendizagem dessas crianças também me preocupa muito.*” (diário)

A professora ressalta a importância da relação da criança com a família e as complicações das datas comemorativas, como o dia dos pais e das mães.

Outra coisa que me preocupa é a relação com os pais, apesar de raramente ter contato com os pais dos meus alunos, na verdade só em momentos sociais, eu acredito que quanto maior a participação dos pais melhor é o desempenho das crianças na sala de aula. Gostaria muito que os pais participassem mais, das atividades, dos eventos e da vida de seus filhos na escola.

[...]Já o dia dos pais, é mais complicado. Nem todas as crianças têm o pai em casa: alguns estão presos, são separados... A culminância deste projeto também foi um café da manhã com apresentação de músicas. Alguns pais foram representados pelas mães ou pelas avós. A preocupação com o desenvolvimento deste projeto é o de estreitamento dos laços entre as crianças e os seus pais. Porque apesar de muitos não terem constantemente a presença de seus pais, eles têm o direito de apreciar a presença daqueles que desempenham tal papel quer seja uma avó, tia, madrinha ou até mesmo a própria mãe. (diário)

A professora D relata que o momento da troca de fralda é um momento que se pode brincar e ainda realizar a troca sem constranger as crianças, mas essa atividade é realizada pela monitora “*Eu ainda tenho uns cinco alunos que usam fraldas, raramente fazem xixi na roupa. A higienização deles é feita pelas recreadoras. Se necessário for, faço a higienização. E quando isso acontece gosto muito, porque posso conversar e*

brincar com eles. Sem em nenhum momento constrangê-los”. (diário) Reafirma nesse caso a necessidade de se ter respeito, sensibilidade, carinho e atenção para lidar com as crianças.

Hoje vou começar com a palavra respeito. O respeito com aluno é a coisa mais importante. Respeito pelo seu momento de aprendizagem. Respeito pelo seu pensamento e pela sua pessoa. O carinho também é muito importante. Carinho para acolher num momento de dificuldade. Sensibilidade para saber o que cada criança precisa naquele momento (limite, carinho de mãe, respeito, acolhida, um “não”, um olhar, um aperto de mão, um abraço). (diário)

Do ponto de vista pedagógico, a professora trabalha com projeto e relata como foi que compreendeu essa metodologia de trabalho.

Eu trabalho com projeto. Eu aprendi a trabalhar com projetos na faculdade, mas só fui entender mesmo, quando eu vim aplicar na creche. Só entendi sua aplicabilidade quando decidimos trabalhar com projetos na creche. Eu escolho a partir de uma necessidade. Por exemplo, as crianças não estão comendo bem, e só comem arroz com feijão, aí eu entro com o projeto sobre alimentação e dali parto para os conteúdos, ensinar as letras e as quantidades, por exemplo. (diário)

V. 2.5 - PROFESSORA E

A Professora E trabalha com nível III, sendo crianças de 4 anos e tem grande resistência com relação aos trabalhos na segunda-feira, pois encontra muita dificuldade para retomar a rotina com as crianças, “*Meu dia hoje não é fácil. Toda segunda-feira é isso. As crianças voltam manhosas. Parece que esquecem tudo que ensinei.*”(diário)

A rotina envolve brincadeiras e os projetos que ela desenvolve com as crianças.

Hoje meu dia foi bom. Levei as crianças para *brincar* no parque. Elas ficaram felizes. Por causa do frio e da gripe H1N1 fazia tempo que nós não íamos ao parque. Depois do parque fomos lavar as mãos e fazer xixi. [...]Toda sexta-feira é sempre um dia bom. Gosto muito desse dia, as crianças trazem brinquedos e *brincam*. Quando elas brincam, ficam mais tranquilas e mais felizes. Elas comem melhor e dormem melhor. Acho que elas deveriam brincar mais e livremente. Essa história de o tempo todo ficar direcionando a brincadeira é muito chato. Nem sempre elas gostam de brincar do que eu proponho. Quando elas brincam livremente é bem melhor. (diário)

Ela relata que sente a necessidade de estudar para dar as aulas, “*Eu não sabia, mas os morcegos são animais mamíferos. Quase que eu disse a eles que não eram. Sorte que eu pesquisei antes. O coelho também é um animal mamífero e eu nunca vi ninguém dando mamadeira para ele. Preciso estudar mais para dar aula!*”(diário)

Sua maior preocupação é com alimentação, “*Na hora do lanche as crianças comeram banana e mamão, mas eu tenho 7 alunos que não comem frutas. As pessoas que trabalham na cozinha não quiseram dar outros alimentos para elas. Não gosto de ver as crianças não comendo.*” (diário)

No decorrer da entrevista ela reafirmou sua preocupação com a alimentação das crianças.

Eu me preocupo em todo momento com a alimentação das crianças. A criança tem que se alimentar bem, mesmo porque a criança é difícil para comer, e ela para estudar, tem que estar bem alimentada. Outra coisa que eu penso: se ela está aqui o dia todo, vai chegar em casa, vai tomar banho e vai dormir. E aí vai ficar sem comer. Saco vazio não para em pé. (diário)

Os projetos que ela desenvolve também giram em torno desta temática, “*Estamos trabalhando com o projeto sobre alimentação. Hoje vamos fazer uma salada de frutas. Cada criança trouxe uma fruta. Nós cortamos, lavamos. Todos comeram. Até mesmo os que não gostam de frutas.*”(diário) Durante a entrevista a professora disse como ocorre a escolha pelos projetos:

Eu trabalho com projeto, eu escolho no início do ano. A gente sempre trabalha a questão da identidade. Depois a gente trabalha temas relacionados à sociedade, tipo: avó, tio, amigos etc. O que eu quero que eles saibam. Se eu quero que elas saibam a sequência numérica, por exemplo: um número vem depois do outro e isso só acontece por que eu tenho que fazer com que eles compreendam 1 2 3 4, só é assim por eu o 2 é o 1 mais o 1 e assim sucessivamente. Então eu tenho várias formas de fazer com que a criança perceba isso. O problema pra mim é só na hora do registro. (diário)

As atividades registradas ocorrem por meio das atividades elaboradas para os projetos. A professora faz uso de leitura e escrita, sequência numérica, adição, desenho e pintura

O dia de hoje foi legal. A Paola e a Giovanna já reconheceram todas as palavras que correspondem aos animais. Elas já sabem os nomes dos animais. O nome delas. Eu gosto de ver o rendimento das duas. Elas são esforçadas comem de tudo. São sociáveis. Participam de tudo. Elas já sabem a sequência numérica e já somam 5 mais 5, 3 mais 2, 4 mais 1. Elas gostam de todas e de tudo. Gostam de desenhar, pintar. Quando trabalham com massa de modelar sai cada coisa linda. (diário)

No decorrer da entrevista a Professora E ainda relata quais as atividades que ela desenvolve e a intencionalidade das mesmas:

Eu trabalho com: brincadeiras, música, dançar, cantar, atividade escrita, massinha, brincadeiras dirigidas, teatro e fantoche. As atividades depende do que eu quero. Por exemplo: dependo do eu quero. Se eu quero que ele aprenda

o alfabeto é uma coisa, se eu quero que ele tenha boa convivência das crianças, por exemplo eu cantigas que levem as crianças a se abraçar. Mas a atividade é sempre intencional, dependo do que eu quero para eles. [...]Coisa que a criança tem que ficar concentrada, pedir atenção. Dá muito trabalho para o professor e para criança mas dá resultado. Por exemplo se pedir para a criança pintar o b que em uma atividade. Ela pinta um, pinta dois e aí ela não quer mais. Eu acho que aprenderia da mesma forma com embalagens, com carvão, o problema é o registro. (diário)

O espaço diferenciado que aparece no relato da professora foi a aula-passeio. Ela não fala do parque, o único espaço além do da sala de aula, “*Retomando as atividades das crianças. Hoje nós vamos à fazendinha. Passear e ver os animais, apesar de morarmos no interior existem muitas crianças que conhecem*”. (diário)

Na entrevista ela diz que usa o refeitório para que as crianças possam brincar “*No salão, onde é o refeitório e tem um monte de cantinhos. Tudo nós fazíamos, tudo é muito gostoso. As crianças têm mais escolhas de brincadeiras eles nem dão trabalho, a atividade fica mais divertida.*” (diário)

Em síntese, observamos pela descrição dos diários que todas as professoras cursaram o CEFAM, seguido do curso de Pedagogia e Pós – Graduação em lato Censo (Psicopedagogia, Alfabetização e Letramento e ou Educação Infantil)

O brincar aparece na fala de todas as professoras, ora intencional, ora não direcionado. A brincadeira direcionada ocorre quando as professoras têm um objetivo específico, seja de socialização, afetividade, aprendizagem, entre outros. E como defende Reis (2005, p. 125) “a criança que não brincar não saberá ficar numa rede olhando as estrelas, contemplando a natureza, imaginando, transbordando seu ser através das outras 99 linguagens”.

Foi possível perceber que por meio do brincar que elas constroem um ambiente de confiança, cooperação e autonomia junto às crianças. É por meio do brincar que a criança experimenta, constrói, aprende, reflete sobre suas vivências. E como Oliveira (1986, p.90) ressalta a brincadeira se constitui em:

Uma situação social onde ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações, e onde também está presente a afetividade: desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor.

Essa atividade infantil também foi aprendida na formação inicial das professoras e as reflexões continuaram na formação continuada e em serviço como elas relataram.

O parque, um local que as crianças adoram, as professoras A e B não utilizam com frequência por acreditarem ser um espaço perigoso em que as crianças podem se machucar com os brinquedos de ferro, e ainda tem a questão da temperatura da cidade. O calor faz com que seja pouco utilizado, mesmo as crianças gostando de ir a este local. A pouca utilização do parque é compreensível, pois as professoras são responsáveis por essas crianças e devem pensar na segurança e bem estar dos pequeninos.

As professoras C, D e E não relatam o espaço do parque em seus diários.

Os espaços físicos utilizados pelas professoras A, B e C são bem diferenciados tendo muitas opções, como: biblioteca, multimídia, sala de informática, pátio, parque entre outros. As professoras D e E só tem a sala de aula e o refeitório. O refeitório não é utilizado apenas para realizar as alimentações, mas também é utilizado para brincarem com as crianças. Nesse espaço elas criam vários cantinhos de brincadeiras, ou cantinhos para leituras, cineminha, entre outras propostas que são desenvolvidas neste espaço.

Segundo Carvalho e Rubiano (1995, p. 107) “os espaços e objetos são elemento crucial no desenvolvimento da identidade pessoal – não nos vemos como indivíduos soltos no espaço, em vácuo, mas como individuo que vivem em determinado tempo histórico- social, morando em certos lugares e possuindo certos objetos ”

As autoras ainda ressaltam que os ambientes desenvolvidos para as crianças devem atender cinco funções, com a intenção de promover o desenvolvimento infantil, dentre elas estão: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para o crescimento, sensação de segurança e confiança, e oportunidade para contato social e privacidade.

Sendo assim, as professoras utilizam esses ambientes pensando no desenvolvimento integral das crianças.

A preocupação com a alimentação aparece na fala de todas as professoras e o que diferencia são as justificativas. No geral elas acreditam que a boa alimentação contribui para o aprendizado e para o desenvolvimento das crianças, uma vez que essas crianças são menos favorecidas. A cobrança dos pais também influencia nesse quadro. Essa discussão passa a impressão que a prática dessas professoras é restrita ao cuidado com um caráter totalmente assistencialista, mas não é isso que ocorre. Elas têm uma preocupação sim, com o cuidado e o bem estar dessas crianças, é um cuidar que educa positivamente, pois elas refletem e constrói uma possibilidade junto com as crianças. No caso da alimentação, foi realizado um projeto sobre esse tema que mudou a atitude dessas crianças, frente aos hábitos alimentares. O mesmo projeto ainda trabalhou com

várias áreas do conhecimento sem marcar na rotina a hora da ciências ou da geografia, mas sim o momento para trabalhar o projeto, em que se experimenta, pesquisa, observa.

O cuidar e educar são compreendidos de maneira indissociável. De forma geral, as professoras têm clareza da sua função e relatam a importância ao incentivar a criança se alimentar sozinha, a importância dos cuidados de higiene que podem ser realizados pelo professor, entre outras falas, que nos faz compreender a visão que elas tem da ação cuidar e educar.

Todas as professoras relatam que trabalham com projetos. Esse tipo de trabalho é imposto pela SEMED, mas apesar disso as professoras gostam de trabalhar dessa forma, e é possível identificar nos seus diários, como nas suas falas durante a entrevista que elas assumiram esta opção e trabalham de forma intencional nesta direção. Sobre isso, Goulart (2007p. 16) cita as colocações de Walter Benjamin (1929) quando “diz que o professor de criança deve ser como um diretor de teatro: criar condições para o elenco atuar”. Essas professoras utilizam os projetos para que as crianças atuem, é por meio desses projetos que as crianças experimentam, observam, pesquisam, exploram, registram, expõem, criam, elaboram. É dessa forma que essas professoras têm organizado o aspecto pedagógico do seu trabalho com as crianças. Por meio dos projetos elas fogem da perspectiva de escolarização tradicional, como usualmente se vê acontecer nos CEINFs, tornando possível um trabalho interdisciplinar.

Elas articulam várias atividades e relacionam as áreas do conhecimento como: a língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes, entre outros. Esta forma de trabalho é um caminho para ser desenvolvido com as crianças, por unir as áreas do conhecimento sem fragmentar, ou seja sem escolarizar, dessa forma a criança tem a possibilidade de aprender observando, brincando, descobrindo, explorando o que vai ao encontro das ideias de Kishimoto (2002, p.108):

O poder constituído dos campos disciplinares tem efeitos catastróficos, por exemplo, na formulação de currículos para educativo infantil. A criança pequena aprende em contato com o amplo ambiente educativo que a cerca, que não pode ser organizado de forma disciplinar. A linguagem é desenvolvida em situações do cotidiano, quando a criança desenha, pinta ou observa uma flor, assiste a um vídeo, brinca de faz- de – conta, manipula um brinquedo, explora areia, coleciona pedrinhas, sementes, conversa com seu professor. Concordamos com que a criança aprende quando brinca, mas os cursos de formação não incluem o brincar entre os objetos de estudo e, quando o fazem, não ultrapassam concepções teóricas que são insuficientes para a construção de competências que possibilitem criar ambientes de aprendizagem em que o brincar seja estimulado.

Todas as professoras trabalham com alfabetização e letramento. Elas realizam leituras diariamente para e com as crianças. Elas elaboram listas de nomes, listas de animais, listas de frutas, essas listas variam de acordo com o projeto que estão desenvolvendo. Elas trabalham com cartazes, nos quais exploram uma música, uma poesia, uma parlenda, entre outros gêneros textuais. Souza e Filipenko (2005, p. 209) afirmam que é função dos professores da Educação Infantil iniciar o processo de letramento com as crianças, elas definem essa função da afirmando que: “*Embora os pais tenham uma participação importante no processo de letramento de seus filhos, é função da escola e do professor promover para a criança pré-escolar experiências com leitura e escrita*”.

Um recurso que apareceu com muita frequência no diário da Professora B é o uso de filmes, documentários entre outros gêneros visuais para explorar junto com as crianças, um conceito que envolve o projeto que ela está trabalhando. Compreendemos que essa é uma forma que a professora encontrou, diante da realidade cultural das suas crianças, de ampliar as experiências das crianças e explorar a linguagem da criança e diversificá-la.

As intenções das professoras de socializar e promover o desenvolvimento das crianças, sem o viés escolarizante que tem discutido por Kramer (2002) Haddad (2006) entre outros autores, pode ser identificado no registro dos diários, os quais apontam que as atividades realizadas pelas professoras, ocorrem por meio de projetos e a rotina também segue essa ordem.

Podemos dizer, portanto, que os diários revelaram que essas professoras compreendem a Educação Infantil como um espaço de aprendizado, que desenvolva atividades intencionais e não apenas como um local em que as crianças fiquem seguras e alimentadas, sendo este um espaço que propicie o desenvolvimento integral da criança.

A criança, para essas professoras, são sujeitos sociais e históricos que detêm conhecimentos e que têm suas particularidades. E como Kishimoto (2002, p.109)

A educação da criança de 0 a 6 anos tem o papel de valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos, mas para tanto, requer um profissional que reconheça as características da infância. Observar as particularidades infantis, promovendo a construção coletiva de espaços de discussão da prática exige embasar a formação na crença de que

não há “déficit” na criança, nem no profissional que a ela se dedica, a ser compensado; há saberes plurais e diferentes modos de pensar a realidade.

As Professoras têm clareza de função, ou melhor, do seu papel junto às crianças, uma vez que promovem espaços de discussão, descoberta, exploração e mais, elas valorizam os conhecimentos que as crianças possuem possibilitando a construção da autonomia, cooperação, criticidade, criatividade, responsabilidade e autonomia o que contribui para a formação da cidadania.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil têm dado base para o trabalho dessas professoras, pois elas utilizam como material de apoio para elaborar o planejamento, como uma forma de melhorar as propostas para as crianças. Podemos dizer, no entanto que elas fazem um uso crítico desse material, já que não trabalham de forma fragmentada as disciplinas. Cerisara (2002) coloca claramente essa questão quando afirma: “Dentro desse contexto, o RCNEI deve ser lido como um material entre tantos outros que podem servir para as professoras refletirem sobre o trabalho a ser realizado com as crianças de 0 a 6 anos em instituições coletivas de educação e cuidado públicos”. O Referencial pode ser usado como um apoio, como sugestão para o trabalho do professor da infância e não como um material a seguir.

E para fechar essa discussão vamos utilizar a fala da Haddad (2006) que caracteriza o professor para atuar com as crianças de 0 a 6 anos:

Além do conhecimento profundo de Pedagogia e Psicologia Infantil, Sociologia da Infância e de cultura da criança, associado à grande dose de experiência prática, a formação inicial deve incluir a educação do corpo, dos sentimentos, das emoções, da fala, da arte, do canto, do conto e do encanto. (p. 540)

Como analisamos, a prática dessas professoras mostrou fortes indicadores dos conhecimentos arrolados pela autora, embora não tenhamos clareza de quanto esses conhecimentos estejam explícitos teoricamente, mas apenas como uma teoria subjacente à suas práticas pedagógicas junto às crianças.

V.3- COMO SE TORNARAM AS PROFESSORAS QUE SÃO

Neste item procuraremos refletir e discutir como as professoras se tornaram as profissionais que são, bem como as contribuições e implicações dos cursos de formação para professores.

Sendo assim, acreditamos como Kramer (2002, p. 127) “Que a história vivida é preciosa. Entendo que a teoria, os estudos, as discussões, se misturam, costuram aos conhecimentos vivenciais, aos saberes que vêm da prática. E acredito que a formação acontece em diferentes espaços e tempos.”

Kramer (2002, p.127) ressalta que a formação se dá de várias formas: prévia; movimento social; escolar e cultural:

(I) Formação prévia no ensino médio ou superior, em que circulam conhecimentos básicos relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, e Conhecimentos Científicos relativos à infância (dos campos da saúde, da psicologia, sociologia, antropologia, linguagem etc) que oferecem subsídios para a atuação dos adultos com as crianças, em especial no que se refere ao brinquedo, à literatura infantil, à mídia, à cidade, e também aos valores, costumes, práticas sociais; (II) formação no movimento social, fóruns, associações, partidos, sindicatos, que pode ter uma orientação de cunho político, mas pode se voltar também à formação em temas gerais ou específicos; (III) formação em cada escola, creche e pré-escola que garanta estudo, leitura, debate; horários de estudo individual e coletivo para compreender a realidade mais ampla e o que acontece no dia-a-dia, com as crianças, com cada criança, com cada um de nós; (IV) formação cultural que pode favorecer experiências com a arte em geral, a literatura, a música, o cinema, o teatro, a pintura, os museus, as bibliotecas, e que é capaz de nos humanizar e fazer compreender o sentido da vida para além da dimensão didática, para além do cotidiano ou vendo o cotidiano como história ao vivo.

V.4.1 Professora A

A vida escolar da Professora A iniciou em uma escola pequena próxima de sua casa o que proporcionou, como ela relata momentos bons e amigáveis “*Nós tínhamos uma relação muito próxima, você conhece todo mundo e tenho muitas lembranças boas desse período, as festas que aconteciam, as coisas que a escola promovia*”. (entrevista)

Ela tem muitas lembranças boas dos professores que passaram pela sua vida. As lembranças envolvem a prática pedagógica das professoras, como também a relação de afeto com as mesmas.

minha professora do 1º ano, eu me lembro das músicas, do alfabeto desenhado, do carinho, afeto não lembro de atividades, dessas coisas. Só lembro dela

falando a letrinha a vai e volta igual ao avião. Na 2^a série eu só lembro da professora do Gibi. Já na 3^a série eu amava a professora, ela parecia minha mãe, era carinhosa muito bacana. Mesmo depois ela me abraçava me beijava até na 8^a série. No 4^o série era a professora Maria Inês ela morreu de câncer. Ela brava pra dedéu. Ela tomava muita tabuada, ela chamava um por um. Ela deixava a gente brincar, acho que ela já estava cansada da gente. Na 5^a série eu tinha vários professores. A professora Ingrid me marcou muito. Era professora Geografia, muito séria. Na 6^a série só lembro onde era minha sala e os alunos. Na 7^a série eu lembro da professora de Português que levava caixa de leitura, roda leitura, ela trabalhava várias dinâmica , era legal porque não tinha cobrança. Ela pedia um relatório e falava para ela e estava bom. A 8^a série eu tive muitos professores bons, a Maria de Lourdes de Matemática, o professor de Química, mas não tem mais aquelas coisas. (entrevista)

O segundo período da vida escolar ocorreu em uma escola de grande porte, no qual ela concluiu o antigo 1º grau, e cursou o CEFAM, curso que não escolhido inicialmente, como ela relata:

Queríamos estudar no Joaquim Murtinho, uma escola central e a nossa intenção era fazer o magistério e depois pedir transferência para o científico. Nós éramos novas e nem sabíamos o queríamos. Mas o magistério nos encantou e pedir transferência não era tão fácil assim. Decidimos ficar no magistério. Nós tínhamos as aulas de manhã e a tarde nós tínhamos estágio. Nos almoçávamos no centro era muito legal. (entrevista)

Apesar de não haver custo financeiro ao cursar o CEFAM a Professora A precisou mudar os horários do curso pela necessidade de trabalhar:

No segundo ano eu tive que trabalhar no consultório e aí eu fiz as aulas de manhã e algumas a tarde. Ai minha amiga Cássia ficou de mal de mim, pois ela achou que eu trai ela mudando os meus horários de aula, mas eu tinha que ir trabalhar. No 4º ano ela foi estudar no mesmo horário que o meu, mas aí nossa amizade não era mais a mesma. (entrevista)

O CEFAM contribuiu para formação da Professora A que ressalta a importância dos professores, a prática do estágio e as dificuldades com algumas disciplinas oferecidas no curso:

Minha formação inicial foi no Magistério, foi boa eu aproveitei muito. Eu tive ótimos professores. Minha professora de estágio foi ótima. Eu vejo que as minhas amigas que fizeram Pedagogia não tiveram a mesma formação que a minha. Meus professores eram comprometidos e os alunos eram cobrados. Eu tive dificuldade com as matérias de Metodologia da Matemática, Metodologia de Ciências, era um pouco vago. (entrevista)

O terceiro período ocorreu na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB em que iniciou o curso de Biologia, mas não concluiu.

Minha escolha foi Biologia. Eu gostava muito. Eu fiz um semestre de Biologia na UCDB. Eu parei porque eu morava muito longe e trabalhava no Ceinf . A minha diretora pediu para eu fazer Pedagogia. Eu não aguentava viajar de um lado para outro na cidade. (entrevista)

Sendo assim, ela optou por cursar Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul –UEMS, pois havia uma parceria do município com a Universidade para oferecer essa formação apenas para os profissionais que trabalhavam nos Ceinfs de Campo Grande – MS. “*Eu fiz Pedagogia porque eu queria continuar trabalhando com as crianças na creche. Aí, eu tranquei o curso de Biologia e fui fazer Pedagogia na UEMS, que tinha um convênio com as creches do município.*” (entrevista)

Segundo o relato da Professora A o curso de Pedagogia complementou sua formação do CEFAM ao possibilitar a discussão e a reflexão sobre o fazer pedagógico, ou seja, a tomar consciência das razões da sua prática, como ela mesma diz:

foi um complemento na minha formação do magistério. Fez diferença, no meu preparo para o concurso. Na minha atuação em sala de aula. Eu passei ter mais segurança e passei argumentar e saber o porquê estou fazendo, o que eu estou fazendo. Eu consigo responder vários questionamentos e comprehendo mais a minha prática (entrevista)

Outra colocação se refere à especificidade da Educação Infantil que foi discutida, refletida, pensada na Pedagogia que ela cursou e que acrescentou muito ao seu trabalho:

Com o curso eu consegui aprimorar meus conceitos, se tivesse mais cursos eu acho que melhoria mais. Eu tive que correr atrás de muita coisa que o magistério não ofereceu. A gente fala que a teoria e a prática não tem nada haver, e na Pedagogia ela me fez refletir que a minha prática está embasada em uma teoria, e eu buscaria uma teoria melhor para desenvolver minha prática. Nas aulas de fundamentos da Educação Infantil nós estudamos os principais teóricos e me fizeram compreender que muitas coisas que estão na sala de aula, na rotina não fui eu quem inventou. Igual as cadeiras pequeninhas eu achava que era assim por que era assim; por que é bonito. Tem uma concepção de criança, de infância. (entrevista)

A rotina de trabalho que a Professora A segue com as crianças tem grandes contribuições da SEMED, do CEFAM e da Pedagogia. Segundo a Professora, a SEMED tem modelos de rotina para auxiliar o trabalho do professor, embora não seja obrigatório segui-las. Neste caso relata que o CEFAM contribuiu para que ela compreendesse a finalidade da rotina na vida da criança:

a Semed tem um modelo de rotina, e a gente faz adaptações. O quadro que eles mandam é para 20 horas, mas eu trabalho 40. Eu tenho autonomia para adaptar o meu quadro de rotina. Por exemplo o magistério me ensinou que eu deveria fazer combinados, por que é uma forma de colocar os limites e seus direitos, isso é uma organização de convívio. Todas essas coisas eu aprendi no Magistério e na Pedagogia isso só foi reforçado. Na Pedagogia eu vi muito a teoria e no magistério eu lembro mais das aulas de metodologias. O Magistério foi mais prático e a Pedagogia foi mais teoria. (entrevista)

Segundo a Professora A, o trabalho pedagógico envolve o desenvolvimento de projetos, conforme exigência da SEMED. No entanto, isto não é problema, pois ela não só gosta, como aprendeu a trabalhar com projetos no Magistério e na Pedagogia. “*eu trabalho com projetos, pois a minha carga horária tem um horário para isso. E a SEMED determina que trabalhemos com projeto. Mas eu gosto de trabalhar com projetos, pois é uma forma mais organizada é uma maneira de ter mais objetivo e é mais sistematizado.*”(entrevista) Como exemplo disso ela explica que para alfabetizar e letrar as crianças ela utiliza em várias situações recursos variados como: recorte colagem, elaboração de painel, cartaz, listas. Ela utiliza esses recursos por acreditar que:

É uma maneira de desenvolver várias habilidades, inclusive a leitura e escrita, é um momento que eles tem contato a leitura e escrita e várias formas de organização, e assim eles conseguem aprender os conteúdos. E escrita da lista é muito rica. Eu aprendi a fazer no magistério e no curso de Pedagogia. Na Pedagogia eu aprendi fazer isso nas disciplinas de didática e metodologia da alfabetização. (entrevista)

V.4.2 Professora B

A vida escolar da Professora B teve início em uma escola pequena e católica, pois seus pais queriam que ela estudasse em escola de freiras.

Ela tem muitas lembranças boas dos professores que passaram pela sua vida. As lembranças envolvem a prática pedagógica das professoras, como também a relação de afeto com as mesmas.

Eu estudei no colégio São José, na verdade meus pais queriam que eu estudasse em colégio de freira especificamente no colégio Nossa Senhora Auxiliadora, mas era muito caro e não podíamos pagar, naquela época os alunos bons do São José conseguiam bolsa no colégio Auxiliadora. Então fui para o São José. E lá eu, estudei até a 8ª série. Depois eu fui para Colégio Auxiliadora fazer o Magistério. Era escola de freiras. Nós rezávamos todos os dias. Na escola não podia correr, pular e gritar, tinha que usar saia com pregas azul marinho e camisa branca e conga azul. Era horrível. Até hoje eu odeio tênis por causa do conga. (entrevista)

Há também lembranças ruins das professoras, pois havia muita cobrança tanto disciplinar como moral:

Eu não gostava muito, naquela época eram as freiras que davam as aulas. Elas eram tradicionais e muito duras. Sempre muito grossas, falando de pecado, e o que nós viraríamos quando crescêssemos. O tempo todo chamava os pais, para reclamar da gola da camisa que estava encardida, era terrível... (entrevista)

O segundo período da vida escolar da Professora B foi uma realização de seus pais, pois ela foi fazer o CEFAM no colégio Nossa Senhora Auxiliadora, uma escola católica e tradicional da cidade de Campo Grande – MS.

Ou seria professora ou freira. Preferi me tornar professora. Nunca pensei sobre isso. Parece que não havia outra possibilidade na minha vida. [...] eu fiz Pedagogia porque tinha feito CEFAM. Eu comecei a trabalhar enquanto estava fazendo o CEFAM e depois quis estudar. Fazer uma faculdade, ser formada, encher a boca para falar que tinha nível superior. Já podia ser presa em cela especial. [...] nunca me vi em outra profissão, meu pai sempre falava ou freira ou professora e aqui estou. Nunca almejei fazer outro curso, ser outra profissional. (entrevista)

Depois de ter cursado o CEFAM a Professora B foi fazer o curso de Pedagogia. O fato de já estar casada não possibilitou um maior envolvimento com a turma e com as atividades propostas pelo curso, no entanto ela avalia que o curso foi bom por ter bons professores:

Minha formação foi boa, eu fiz Pedagogia na UNAES e me formei em 2004. Uma faculdade pequena com bons professores, queria ter aproveitado mais, mas estava casada. Ia só para cumprir as aulas, nunca podia fazer trabalhos em grupo e coisas do gênero, só sinto não ter vivido mais essas experiências. Eu estudei muita teoria e senti falta da prática. (entrevista)

A Professora B relata que as contribuições da Pedagogia possibilitaram compreender que a teoria justifica sua prática, e como ocorre essa relação da teoria com a prática:

...muita teoria que justifica a minha prática, eu tinha algumas ações que eu nunca sabia se estava correta ou não, eu era uma mãe com bom senso; depois da Pedagogia eu virei uma professora com uma teoria e uma justificativa no que eu faço. Pode ser que às vezes eu não acerto, mas eu tento e também sei ver quando eu estou fazendo errado e quando estou errando. [...] eu passei entender de fato a importância do meu trabalho, de um trabalho de uma profissional, não uma tia boazinha que cuida. (entrevista)

Em outra fala da Professora B ela relata a dificuldade de compreender a teoria:

E eu só consegui ver isso estudando, entendendo a teoria, mas tem algumas ações que esse povo que escreve fala que eu não entendi ainda, rsrs [...] Eu passei a entender o que eu fazia, e como já disse deixei de ser uma mãe, uma babá e passei a ser uma professora, uma educadora. [...] não com certeza não. (entrevista)

Suas ações e a sua função junto às crianças também se tornaram claras e objetivas depois da Pedagogia:

Eu passei a entender o que eu fazia, e como já disse deixei ser uma mãe, uma babá e passei a ser uma professora, uma educadora. [...] minhas ações e confiança no que estava fazendo, antes da Pedagogia agia pelo bom senso, agora eu entendo o que eu faço, por conta da teoria que eu e discuti no curso. (entrevista)

As discussões na Pedagogia contribuíram para que a Professora B percebesse a importância de possibilitar a criança a construção da autonomia, cooperação, responsabilidade que se exemplifica na fala abaixo:

Por exemplo antes eu era mãe que cuidava dava comida na boca, sempre como uma babá, agora eu quero que meus alunos tenham autonomia e por mais que derrubem a comida na mesa é um processo que eles tem que passar. Se eu for a babá eu não vou ajudar nesse processo, mas é claro que tem dia que a criança esta mal com febre, doentinha cheia de denguinho, aí eu ajudo, incentivo. [...] aprendi na Pedagogia, não ser mais a mãe, a babá e virar a professora. Mas é claro que tem muitas vezes que eu me pego como uma coruja bem coruja. (entrevista)

A sua rotina com as crianças no começo foi decidido pela diretora, atualmente e Professora B que faz suas escolhas “*no começo era decidi pela diretora, hoje eu que determino, a SEMED faz algumas sugestões, mas não interfere nas minhas decisões.*”(entrevista)

A Professora B ainda relata que sente necessidade de estudar para tentar resolver alguns conflitos no dia a dia “*eu não sei se faltou na minha formação, mas tenho dificuldade para lidar com crianças violentas. Os pais, eu não tenho paciência para conversar com eles. São nessas atitudes que eu tenho muita dificuldade.*”(entrevista)

A Professora B relata que fez Pós graduação Lato Censu em Educação Infantil, essa formação foi custeada pelo SEMED e ressalta as contribuições da mesma.

Eu fiz Pós em Educação Infantil, foi bom eu vi uma ações que eu poderia ter com as crianças, muitas práticas. [...] nós podemos escolher uma pós que é paga pelo prefeito, mas sinto falta de continuar fazendo. Não gostaria que a Pós

terminasse. [...] tem algumas possibilidades, mas para atuar com a Educação Infantil só tem essa. (entrevista)

Além dessas formações, a Professora B fala que tem realizado os seguintes cursos para contribuir com sua prática pedagógica:

Sempre tem curso sobre alfabetização e letramento, brincadeiras, Matemática na Educação Infantil, sempre que é possível eu faço. [...] aprendi como executar as minhas ações na sala de aula, e aprendi a origem, a história por exemplo da Matemática, do brinquedo.[...] Foi muito importante. Eu aprendi alguns conteúdos e algumas abordagens que eu não vi nem na Pedagogia nem no CEFAM. [...] todos os momentos foram marcantes, pela aprendizagem, pelos professores e pelos colegas e mais as mudanças das minhas ações na sala de aula. Desses que eu já relatei (entrevista)

V. 4. 3 Professora C

A Professora C também estudou em uma escola pequena no interior o que favoreceu as relações de amizades em sua vida e proporcionou momentos agradáveis.

a escola que eu estudei foi no interior. Eu sou de Rio Verde. Era uma escola pequena. Eu conhecia todas as pessoas. Eram meus vizinhos, meus amigos. A escola era continuação das coisas que aconteciam na minha casa, na minha rua, no meu bairro. Isso foi muito bom (entrevista)

Ao relatar as lembranças das professoras que passaram pela sua vida são lembranças boas e agradáveis:

só tenho lembranças boas. Minha primeira professora era a esposa do dono da padaria e ela sempre levava guloseimas. Quem acertava o ditado ganhava o sonho de chocolate. Quem acertava o ai, oi, ia, eu, ganhava sonho de creme e era sempre assim. Entre bolos e doces ocorriam a aprendizagem; bem SKINER. Minha segunda professora era bem boazinha, mas não lembro o nome dela. Depois eu só lembro do professor de matemática. Gente como é difícil aprender essa disciplina. Eu sofri muito para aprender o básico da matemática para eu conseguir concluir o ensino médio. E esse foi o motivo que me levou para a Pedagogia: não muita matemática. E em Rio Verde eu fiz o CEFAM e depois eu fui para Campo Grande por motivos de doença na família. Comecei a trabalhar e fiz Pedagogia. (entrevista)

A Professora C relata que recorre às professoras que ela teve em sua vida escolar que não se sente perdida na sua prática pedagógica “*no magistério, às vezes faço algumas intervenções como as professoras que tive na minha vida. Quando eu vou para Rio Verde sempre pedia ajuda em algumas atividades, ou algo que eu gostaria que as crianças aprendessem....assim, pedindo ajuda aqui e acolá.*”(entrevista)

Apesar de querer ser médica, a Professora C não seguiu essa carreira por receio da Matemática e pelas disciplinas que envolvem os números, “ *eu me imagina uma*

médica, mas tinha Matemática, não pura, mas tinha disciplina que precisava de matemática. Como eu fiz o magistério eu não vi Física, Química, Sociologia....essas disciplinas do segundo grau.” (entrevista)

Mesmo tendo o sonho de ser médica, o que permaneceu por muito tempo, atualmente, ela se vê como professora, mas não mais como uma professora e sim como a melhor professora “*gosto de ser professora e quero ser a melhor professora. Como naquele filme escritores da liberdade. Fico cheia de mim quando alguma mãe faz questão que seu filho fique na minha sala.*”(entrevista)

A Professora C fez Pedagogia à distância na ULBRA, ela relata que sua formação não foi suficiente por não ter aproveitado bem o curso, pois nesse momento passava por momentos pessoais muito difíceis:

Minha formação foi boa, porém não foi suficiente. Eu estudava a distância na ULBRA. Estava passando por motivos de doença na família não podia trabalhar e estudar e ficar fora o dia todo. Então eu conciliava o momento que estava em casa cuidando do meu pai e estudava também. Sou brasileira e não desisto nunca. (entrevista)

A Professora C enfrentou muitos desafios para iniciar e concluir a Pedagogia, como ela afirma: “*ter que estudar, trabalhar e cuidar do meu pai em uma cidade em que eu não conhecia ninguém.*”(entrevista)

As contribuições da Pedagogia a distância na vida da Professora C foram a extensa leitura, mas ela sentiu falta das discussões, reflexões e das trocas de experiências:

...eu aprendi lidar com as pessoas, fiquei mais humana. Essa foi minha maior aprendizagem. Eu li muito. Tinha que ler um texto que levava em outro e outro e outro tinha dia que eu não dava conta de tanta leitura. Aí muitas vezes eu não entendia nada. Eu aprendi a ler, foi o período da minha vida que eu mais li. [...] como foi a distância, a falta de comunicação estou acostumada a gritar, falar, chorar e a distância nada disso tem efeito e sentido. Essa de fato foi a experiência mais marcante. [...] acho que sim, ele me proporcionou muita leitura, mas não discuti com os colegas. Hoje eu acho que aprendo mais nesses cursinhos de capacitação. [...] talvez tenha aprendido uma forma nova de proporcionar leitura para os meus alunos. (entrevista)

Para a Professora C o melhor modo de aprender para os professores são as trocas de experiências. “*fazer formação sempre é bom. O melhor congresso é quando tem um monte de professores falando de sua prática, claro que tem uns que só por Deus.*” (entrevista). E sua Pós Graduação foi custeada pela SEMED “*eu tenho pós em Educação Infantil e estou fazendo Pós em Educação Especial. A primeira foi paga pelo*

meu chefinho. o prefeito. Agora eu faço essa por necessidade, a minha necessidade.”(entrevista)

A Professora C tem procurado formações na área da Educação Infantil para contribuir com sua prática “*tudo que tem a ver com a criança eu procuro fazer. Fiz sobre Matemática na Educação Infantil, Alfabetização e Letramento, fora isso tem congresso, seminários essas discussões sobre o professor que sempre contribui.*”(entrevista). Segundo a Professora C esses cursos tem contribuído das seguintes maneiras:

...aprendi a fazer, como trabalhar a Matemática, esse conceito novo de letramento, como fazer isso na sala de aula. [...] Por exemplo esse conceito novo de letramento eu não conhecia. E você tem que estar disposta a aprender, tem um monte de professor que sai falando eu não aprendi nada. Eu acho impossível não aprender nada, também eu posso ser bem devagar, rsrs [...] as experiências mais marcantes são conceitos que a gente desconhece. E pra mim foi o conceito do letramento que até então eu não conhecia. [...] aprendi o conceito por exemplo de letramento que mudou minha forma de ensinar, de trabalhar e explorar um texto. Antes lia por ler. Por que ler para eles era importante. Agora eu leio discuto o texto, vejo a visão a posição deles perante o texto e com isso eu consigo ajudar na formação deles. Por exemplo, com relação ao preconceito. Eu trabalhei o livro Menina Bonita do Laço de Fita. Se fosse antes eu só iria ler, mas agora eu discuti, perguntei e vi a forma como eles pensavam, procurei outras leituras para que quebrassem alguns estereótipos. É mais ou menos assim. (entrevista)

A Professora C reflete sobre as contribuições da proposta da escola e a metodologia que ela aprendeu no decorrer da sua formação.

aqui na escola é tudo muito rápido, esses momentos de estudo servem para compreendermos o que está acontecendo. Outra coisa que eu acho importante é trabalhar com a nossa proposta que é a metodologia da problematização. Eu aprendi a dar aulas, depois aprendi seguir o livro didático, depois aprendi trabalhar com projetos agora eu tenho essa metodologia.aiaia. (entrevista)

V.4.4 Professora D

A Professora D iniciou e concluiu o Ensino Fundamental (CEFAM) no Joaquim Murtinho uma Escola Estadual de grande porte do município de Campo Grande – MS. A Professora relata as dificuldades para conseguir uma vaga na escola no período em que ela começou a estudar.

Eu sempre estudei no Joaquim Murtinho, naquela época que se fazia fila na frente da escola para conseguir uma vaga. Eu me lembro que minha mãe dormiu uma semana na fila. E quando eu consegui a vaga nós comemoramos em casa, como se fosse a salvação da minha vida, o melhor troféu da família. Eu morava muito longe e era uma luta diária

frequentar essa escola. Cada dia era uma novela para eu chegar nessa escola. Os professores eram maravilhosos. Eram tantas pessoas na escola. A escola era enorme. Eu lembro que tinha muitas lendas, da loira do banheiro. Eu não ia ao banheiro sozinha de jeito nenhum. Nessa escola eu iniciei e fiz até o magistério. Só não fiz curso superior por que não tinha, (risos) Para minha família não havia a possibilidade de sair dessa escola. (entrevista)

A Professora D ainda relata as lembranças das professoras e a forma como as mesmas trabalhavam:

Eu amava as professoras. A minha primeira professora era linda. Ela era loira com uns penteados, sempre estava cheirosa, ela usava perfume da Avon. E eu ficava muito feliz quando ela passava um dedinho de perfume em mim. Minha segunda professora tinha um nome bem engraçado, falava baixinho e combinava todas as roupas. Se a roupa fosse preto com branco os brincos também e os sapatos e bolsas também. Todos os dias nós ficávamos esperando para ver como ela iria chegar na escola. Ela era muito carinhosa. Eu lembro que ela fazia ditado e chamada oral. Ficava uma criança atrás da outra e uma de cada vez ia ate sua mesa para ler para ela. Eu ficava tão nervosa, mas não podia desapontá-la. A minha terceira professora adorava ler para nós e vivia cantarolando, ela era meio louca....ela enchia o quadro de repente se virava e nos dava um susto com suas perguntas sobre os conteúdos.

Na quarta série, eu não lembro ao certo da professora de sala, a escola vivia em greve, paralisação. Eu lembro que nós fazíamos passeata, íamos na 7 de setembro onde fica até hoje o sindicato dos professores, nós fechávamos a avenida Afonso Pena, fazíamos pose para os jornalistas, e foi assim que passamos esse ano. Não lembro de ter aprendido alguma coisa nesse. Coisa não. Conteúdo. Já na quinta série não lembro de todos os professores. Mas me recordo muito do professor de Matemática. Eu não conseguia aprender nada do que ele ensina e amava as aulas de Educação física, nossa professora nos levava para fazermos mas aula no Belmar Fidalgo e natação no SESC. Ela era muito dedicada e nela eu grudei até a 8 série. Adorava os jogos, os campeonatos, eu ia para escola aos sábados e domingos para treinar. Ela conseguia uns lanches para nós. Tipo: pão com mortadela, refrigerante, frutas, era sempre muito divertido e prazeroso. E sofrimento com a matemática sempre existiu e continua ate hoje. (risos) (entrevista)

A Pedagogia não foi a primeira escolha da Professora D, no entanto concluiu a Pedagogia em uma Universidade Estadual

Eu queria fazer educação Física para trabalhar com as crianças, aí eu fiz Magistério e além de trabalhar com o movimento eu pude trabalhar com artes. Aí vi que seria interessante poder trabalhar nas áreas que dão mais prazer e hoje eu tento fazer isso com os conteúdos que tenho de ensinar às crianças. Eu posso ensinar cantando, dançando, brincando e assim eu entro na sala e saio muito feliz. Eu fiz magistério e durante meu estágio a diretora me convidou para trabalhar. Eu já tinha meu emprego garantido e o salário não era ruim para uma pessoa que não tinha nem 18 anos. Ai veio um movimento, um bafafá que quem tivesse Pedagogia iria ganhar mais e trabalhar menos. Eu fazia o que eu gostava. Resolvi fazer, vai que realmente isso fosse acontecer. A prefeitura abriu com convenio com a UEMS e eu fiz o curso, fiz concurso e estou ate hoje aqui... (entrevista)

A Professora D ressalta que o fato de fazer Pedagogia enquanto trabalhava contribuiu para melhorar sua prática Pedagógica “*minha formação foi boa e como eu estava em sala fui resolvendo meus problemas e colocando em prática o que viu e discutia na faculdade.*”(entrevista)

O convênio entre a prefeitura e a Universidade para formar as professoras dos CEINFS foram de suma importância, uma vez que o salário de uma crecheira, monitora entre outras pessoas que desenvolve um trabalho com as crianças não dá possibilidades para uma formação paga.

Eu fiz Pedagogia na UEMS, por que teve um convênio. Nunca pensei sobre isso. Só queria não precisar pagar, meu salário não pagaria esse curso, rsrs. [...] ler e escrever, (risos). Ai quebrei minha cabeça para conseguir fazer uma resenha. Comprar livros também foi um desafio financeiro muito grande, tanto é que só consegui comprar alguns. (entrevista)

A Pedagogia contribui para a formação da Professora D, uma vez que fez com ela refletisse sobre sua função na Educação Infantil:

eu aprendi tanta coisa. A fazer projeto rsrs. Passei entender como as crianças se desenvolvem, qual é minha função como professora, aprendi que brincar é importante e por meio dele as crianças também aprendem os conteúdos. A História da Educação, meus direitos de professora. Sei lá ...muito mais.... . Eu conheci muitas pessoas, troquei muitas experiências, aprendi muito com as colegas de sala. Aprendi tanta coisas com os professores. As fases do desenvolvimento das crianças, o papel quando eu penso sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, o que eu posso fazer para contribuir com aprendizado dessas crianças. A transposição didática, como eu posso fazer para criança entender de fato o é 2 mais 2. Sei lá foram tantas coisas. (entrevista)

A Professora D relatou que se não tivesse feito Pedagogia sua prática pedagógica não mudaria, pois sua rotina, bem como suas atividades eram ditadas por outras pessoas:

...eu só conhecia o mundinho que eu vivia, as atividades eram ditadas pelas outras pessoas que ali estavam. Dormir é bom, mas tem a quantidade certa não é tarde toda, e muitas vezes eu fiz isso junto com todas e isso é mais uma coisa que não acontece, eu não deixo mais a criança dormir muito, comer muito, só atividade de papel, só brincar e posso discutir sobre isso por que aprendi na faculdade. [...]

...eu que determino minhas ações, fundamentada nas teorias que vi na faculdade; antes eu executava a ordem dos outros a partir do nada. Tipo assim, a criança tem saber ler por que na escola tal todas as crianças de 4 anos lêem. Mas sei que elas não são felizes, ou fazem isso por que tem uma família de ajuda nesse processo, mas sei também que se forçar isso, essas crianças podem ser as mais frustradas também, então eu vou até onde eu acho que consigo ir e que as crianças conseguem ir. Claro que eu não trato elas como um monte incapazes, mas é ter bom senso de até onde devemos chegar. (entrevista)

A rotina da Professora D segue as contribuições da SEMED e da diretora:

A SEMED tem um quadro de sugestões, mas não é para ser seguido à risca. Eu faço muitas coisas que tenho vontade, tem vezes por eu quero testar alguma coisas, tem vezes que determinado pela diretora e assim as coisas vão acontecendo, mas acho que todos nós queremos o melhor para as crianças.

A Professora D fez Pós Graduação em Educação Infantil custeada pelo SEMED e relata as contribuições da Pós Graduação e da formação continuada:

...já fiz pós em Educação Infantil, esse eu fiz pela SEMED. O Nelsinho (prefeito) que pagou rsrs. não tem muita opção, no caso da Pós. Agora tem outros como: brincadeiras na educação infantil e coisas do gênero. São cursos bem rapidinhos que sempre dá para apreender alguma coisa. Tenho feito cursos para trabalhar com a criança. Quando aparece eu sempre faço, desde que o din din dê para pagar. Eu aprendi uma metodologia ou outra.

Como fazer para trabalhar um desenho, um filme, como fazer intervenção coisas assim. foi importante sim, eu volto com ideias novas, o povo fala bastante e conheço o trabalho e coisas que estão dando certo em outras sala de aula. As experiências das outras pessoas. Aprender as coisas com eles. Pro exemplo eu uso a música para uma finalidade e fulana vai lá e mostra outra forma de fazer a mesma coisa. Ou como eu não consegui explora uma situação que outra pessoa conseguiu. Não que seja fundamental, mas acho que contribuiu, melhorou minha prática.

Eu não mudei minha prática acho que melhorou, contribui para eu continuar algumas coisas e parar com outras, que as vezes não davam certo. Tipo assim, eu achava que para criança aprender a escrever o nome, eu daria uma folha e ela escrever mil vezes. Ela aprende, mas tem outras formas de fazer isso. Um dia eu posso da recorte e colagem, outro eu posso dar uma atividade no papel, outro eu posso tirar a letra da história e associar com seu nome e assim vai. (entrevista)

Apesar de ressaltar todas as contribuições da Pedagogia, formação continuada e do CEFAM a Professora D acredita que essas formações não foram suficientes: “*As coisas estão mudando com muita rapidez, eu acho que preciso estar sempre me atualizando e escutando as experiências dos outros. E fazendo os cursos que a melhor parte é a troca de experiência.*”(entrevista)

A falta do reconhecimento pela sociedade sobre sua profissão é um fato que pesa para Professora D que, por muitas vezes tem vontade de mudar de profissão por esse motivo.

...hoje parece que ser professora não é mais nada, ou é qualquer coisa. Qualquer um diz entender ser professor, todos metem o bedelho no seu trabalho e isso eu não gosto e me irrita muito. Eu tenho vontade de fazer Artes e Educação Física, mas gosto muito do que faço, mesmo por que posso ser professora de Artes e Educação em todas as atividades que desenvolvo, rsrs [...] por mais que eu faça Educação Física e Artes é para dar aula. Então quero ser sempre professora. Não sei se é porque eu amo ou se é porque me acomodei. Mas tenho um salário bom e sempre. Tenho boas condições de trabalho, tenho convênio médico pela prefeitura e meus direitos. Não é tão ruim assim. [...] Eu tenho exemplo na minha família de pessoas que fizeram Direito e ate hoje não ganha o

que eu ganho. Vivem frustrados, mal conseguem realizar os sonhos. Eu trabalho com criança elas são lindas, puras, engraçadas. Tem dia que entro na sala chateada com alguma coisa, tipo briga com o marido e eu olho para elas e tudo acaba, elas me dão um beijo e choram que dói aqui ou ali e eu esqueço todos os meus problemas.

Ser professora pra mim é mais que uma profissão: é uma terapia, é uma realização.
(entrevista)

V.4. 5 Professora E

A Professora E iniciou sua vida escolar no Maria Constancia de Barros Machado, escola central, ela ainda estudou no “Bem Fica” e no “Onze de outubro”. O segundo momento da sua formação foi o CEFAM que ela cursou no Joaquim Murtinho. E o curso de Pedagogia na modalidade férias foi realizado na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

As lembranças das professoras que passaram pela sua vida foram boas e ela relata que tem uma delas como modelo para sua vida profissional:

Tudo foi maravilhoso, a professora do pré me marcou muito, ela carinhosa, educada, linda. Teve outra professora que marcou. A professora de Matemática Denise me marcou muito eu reprovei com ela. Eu não comprehendia bem a matéria. Eu não suportava trigonometria ela era muito caxias. Eu fiquei com muita raiva dela, fiquei possessa. Mas no 2º ano eu peguei paixão por ela. Hoje eu me espelho nela. Ou você aprende ou você aprende. Eu não sou assim como ela, mas eu acho que o mundo está cobrando muito e eu cobro também. Meus alunos tem que saber. eu lembro que as partes mais marcantes com as professoras era durante as festas comemorativas, a gente se organizava junto com a professora e tinha condições de mostrar o talento para professora e para os pais. Mas a única que eu lembro era da professora Claudia do Pré, o resto eu nem lembro. E essa professora de matemática do CEFAM. (entrevista)

Diferente das outras professoras, a Professora E sempre quis trabalhar com as crianças e esse foi o motivo pelo qual a levou cursar Pedagogia *“Foi minha primeira escolha, eu sempre quis trabalhar com criança. Eu nunca pensei em fazer outra coisa. Eu sempre quis ser professora. Eu tenho uma tia que eu amo de paixão e eu me espelhei nela.”* (entrevista)

A Professora E só conseguiu concluir a Pedagogia pelo formato que ele tinha. Esse curso era oferecido apenas no período das férias em tempo integral.

Eu comecei a fazer Pedagogia na UCDB, foi minha primeira escolha. Eu já dava aula os dois períodos e aí eu tive que fazer esse curso de férias. Se não tivesse esse curso de férias talvez eu não tivesse conseguido me formar. Era muito difícil eu ganhava 250 reais e ainda tinha que pagar o curso com um filho pequeno. Eu queria fazer e quando saiu o de férias eu resolvi fazer, se

fosse de outra forma eu não faria. Claro que se não tivesse esse curso eu faria outro, mas seria mais difícil e complicado (entrevista)

Outra particularidade dessa professora está na condição de jamais ter pensado em ter outra profissão:

Eu continuo querendo ser professora. É uma profissão que eu me realizo; como professora é gratificante. Às vezes eu estou com tanto problema aí eu entro na sala e tudo acaba. É como se fosse uma terapia. Não tenho vontade mudar. Eu sou feliz na sala de aula. Mas acho que daqui um tempo se eu não passar no concurso não terei, mas sala para dar aula. (entrevista)

Ao recordar as contribuições da Pedagogia para sua prática Pedagógica e Professora E ressalta a teoria, bem como as suas ações em sala de aula:

Eu aprendi muita teoria. Eu uso mais Piaget. Eu sempre lembro das fases do desenvolvimento da criança. Foi muito importante fazer Pedagogia, me deu condições para eu poder trabalhar, para você ser aceito no mundo do trabalho. E a teoria me ajuda, mas minha relação com aprendizagem eu vejo o problema da criança percebo que a criança tem fases e antes eu achava que as crianças a eram mimadas. Hoje vejo com outros olhos. [...] o que eu exerce aqui é o magistério, as aulas de Pedagogia me deram condições para compreender o desenvolvimento da criança e como agir. Parti para o lado teórico, trabalho mais para o lado teórico, trabalha mais atividades diferenciadas, diversificar o conteúdo e compreender a criança como ela é. (entrevista)

A rotina da sala da Professora E é organizada pela escola. Ela ressalta que gosta de trabalhar dessa forma, pois acredita ser uma maneira mais organizada. “*minha rotina é organizada pela escola. Eu acho que é uma forma bem organizada e gosto de trabalhar assim, mas é muita informação*” (entrevista)

Durante a entrevista, a Professora E relatou que sente necessidades de continuar estudando para dar aulas, e a importância da troca com os pares. “*Porque todos os dias pra você conseguir fazer um bom trabalho, você tem que dominar muito bem os conteúdos, aí você tem domínio do restante, mas é preciso estar atualizado e estar estudando e trocando com os colegas.*”(entrevista)

Em síntese observamos pelas entrevistas que as professoras tiveram as contribuições na sua formação advindas de várias fontes: do CEFAM, a Pedagogia, a Pós – Graduação, os cursos de formação continuada, troca de experiência entre os pares bem como sua história de vida fizeram com que elas se tornassem as professoras que são. Mas que professoras da Educação Infantil são essas? No que elas diferem de outras professoras desse nível?

Essas professoras são frutos da escola pública e, de maneira geral, revelaram que em sua vida escolar, tiveram boas relações de afeto e aprendizagem com seus

professores. Essas relações contribuíram para que as professoras que passaram pelas suas vidas se tornassem modelos de profissionais como relatou a Professora E. As lembranças ruins também serviram como um modelo a não seguir, segundo a professora B. A troca de experiência, bem como as contribuições da prática pedagógica recebidas ontem pela mestre de hoje, fizeram-na uma profissional de qualidade, como relata a Professora C.

Os desafios, tanto para iniciar a formação quanto lhes dar continuidade ocorreram na vida de todas elas. As formas de superar os desafios, sempre foram encontradas, desde os problemas familiares, aos colocados pelas leitura, escrita e interpretação dos textos, pois eram discutidos durante os cursos de formação inicial, continuada e a distância ou mesmo pela falta das discussões, reflexões e as trocas de experiências nestes mesmos processos de formação.

Todas as professoras cursaram o CEFAM, o que compreendemos que esse fato também contribuiu para a postura profissional dessas professoras. Como a literatura mostra, o CEFAM foi uma experiência interessante de formação. Propôs um currículo diferenciado, interligou as disciplinas, o trabalho com co-participação das Universidades, desenvolvimento com pesquisa – ação, enriquecimento do estágio, recuperação e criação de escolas de aplicação, entre outras ações como descreveu Tanuri (2000)

Outro diferencial na formação dessas professoras está relacionado com o projeto de vida das mesmas. Ser professora para elas não é esperar para encontrar algo “melhor”. Para elas ser professora faz parte de um projeto de vida e como Vasconcellos (2009, p.144) reflete: “*Se o sujeito não tiver um projeto de vida, fica perdido. Só que o projeto de vida de cada um está ligado a uma visão, a um futuro, a um horizonte de possibilidades*”. Foi possível identificar no processo de formação dessas professoras um mundo de possibilidades, pessoas que acreditam no que fazem e fazem bem. Professoras que tem clareza de sua função junto às crianças, professoras que tem intencionalidade em suas ações, professoras que querem fazer a diferença. Essas professoras estão como o autor descreve (idem, p. 145)

O professor, estando vivo, estará aberto, buscando e apontando relações, janelas e possibilidades. [...] por isso, o professor que se compromete com um projeto, que revela vida, desejo, paixão, está, com efeito, dando uma das mais importantes lições de vida para os alunos! Sem essa paixão, não há técnica mirabolante que possa mobilizar os

alunos. O grande papel do professor é, pautado no melhor da tradição, ser portador de um projeto, de um horizonte de futuro!

A escolha pela profissão também foi um diferencial, pois elas escolheram ser e tornarem-se professoras, mas não qualquer professora, como aponta Santos (2005, p.99): “*o professor para a Educação Infantil não deve ser substituto da mãe, nem professor escolar*”. O que nos leva a refletir como são essas professoras. Qual é a visão que elas têm de seu trabalho, de sua função, uma vez que é fácil querer ser mãe desses pequeninos ou prepará-los para o processo de escolarização, como se faz tradicionalmente. Essas professoras são como Moss (2002, p. 246) conceitualiza:

Profissional que reflete sobre sua prática, um pesquisador, um co-construtor do conhecimento, tanto do conhecimento das crianças como dele próprio, sustentando as relações e a cultura da criança, criando ambientes e situações desafiadoras, questionando constantemente suas próprias imagens de criança e seu entendimento de aprendizagem infantil e outras atividades, apoiando a aprendizagem de cada criança, mas também aprendendo com ela.

As relações com as professoras que passaram pela vida delas também parece ter contribuído para a identificação com a profissão e com a prática pedagógica dessas professoras. Ter tido professoras com referências positivas colaborou para o perfil, pois conforme elas mesmas afirmaram, chegaram a imitar essas professoras. Nesse sentido Kishimoto (2002, p. 128) afirma que “*tempos e espaços se colocam como essenciais, de um lado, recorrer aos mais velhos e, de outro lado, aprender com as crianças, valorizando a narrativa, para que possamos trabalhar com as crianças, viver com as crianças, brincar com as crianças*”

Em que pese todos os fatores envolvidos, as condições nas quais se deu o processo de formação dessas professoras parece ter ocupado um papel fundamental.

Na fala, bem como nos registros das professoras, ficou claro que a formação inicial que ocorreu em Universidades contribuiu para prática pedagógica das mesmas. E como Formosinho observa a “*entrada da formação de educadores de infância na universidade teve inegáveis vantagens à formação profissional, para além das relacionadas com o estatuto social da profissão.*” (2002, p.172).

Entretanto essa entrada na universidade teve uma característica particular, dada pelo fato de que as professoras já estavam atuando na sala de aula. Sem dúvida esse dado, articulado a outros apresentados por estas professoras, constituiu um diferencial na formação das mesmas.

A relação com a teoria e prática também foi discutida. As professoras tem clareza dessa relação e compreendem em que momento essas relações são necessárias.

As críticas que Kishimoto (2002, p. 113) faz ao curso de formação dos professores da Educação Infantil apontam que há “*excesso de disciplinas de natureza teórica sem vínculo com a prática pedagógica.*”, teve outro efeito na vida profissional dessas professoras, pois elas já estavam na prática e conseguiram fazer essa relação entre a teoria e a prática pedagógica. A teoria discutida e refletida na Universidade teve função na prática dessas professoras, pois como ressalta Oliveira (2002, p. 37) “a formação deve garantir não só o trabalho direto com a criança, como também a sua participação na equipe escolar, com responsabilidade de formular, implementar e avaliar o projeto educativo da escola”.

As contribuições da formação continuada e a formação no contexto escolar que aparece tanto nos diários, como nas entrevistas, como momentos: de reflexão; de reflexão sobre a ação; de estudos vai ao encontro das colocações de Santos (2005, p.96) que ressalta a importância dessa formação, no entanto deve ser bem sistematizada pelos gestores em que ela sistematiza:

É fundamental definir quais ações de formação farão parte do programa: participação em cursos, eventos pontuais, reuniões de equipe, momentos semanais ou quinzenais para reflexão sobre a ação, momentos também periódicos para estudo, constituição de comissões que encaminhem determinadas frentes de trabalho, reuniões com pais e comunidade, elaboração e divulgação da proposta pedagógica desenvolvida, utilização de instrumentos para verificar as reais necessidades de formação, acompanhamento individual e coletivo do processo, dos resultados do programa e do trabalho geral da instituição? [...] cada contexto tem em si os elementos que orientarão a formação em serviço. Inúmeros assuntos podem ser abordados, desde questões pontuais cotidianas que enriquecem grandemente a capacidade de refletir sobre a ação até a organização de projetos coletivos de trabalho.

Findamos esse capítulo apontando que a prática das professoras participantes da pesquisa mostrou um trabalho com a infância comprometido com a infância, e com suas necessidades de ser cuidada e educada articuladamente, de ser respeitada como um espaço de vida, no qual o lúdico é intrínseco e essencial. O compromisso evidenciado pelas professoras com a sua prática profissional parece oriundo de vários fatores de ordem pessoal e profissional, dentre os quais o fator formação ganha destaque, dada a condição de realização do curso de Pedagogia, ou seja, enquanto regentes das suas salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa era o de identificar e analisar quais contribuições e implicações podem haver da Licenciatura em Pedagogia para a prática pedagógica de professores e em que condições elas podem ocorrer. Como já foi descrito anteriormente, a necessidade de compreender as contribuições desse curso nasceu da minha ansiedade pessoal e profissional, ou melhor de uma inquietação que foi se construindo durante a minha formação inicial a respeito do papel da graduação em Pedagogia para a atuação dos professores.

A questão chave para a qual procuramos alguma resposta indagava sobre as contribuições e implicações da Licenciatura em Pedagogia para as professoras. Em outras palavras estávamos interessados em saber se houve contribuição desse curso na vida profissional dessas professoras, ou ainda se, a prática Pedagógica foi modificada pela formação no curso de Licenciatura em Pedagogia que é ministrado nas instituições de ensino superior. Pretendíamos também, complementando a análise em questão, compreender como essas professoras da Educação Infantil se tornaram as profissionais que são e como elas compreenderam a função da Educação Infantil.

Para analisar as contribuições e implicações da Pedagogia no processo de formação de professores foram escolhidas cinco professoras da Educação Infantil. Essas professoras foram escolhidas a partir de um levantamento de todos os professores dos Ceinfs do município.

A partir das análises que fizemos com base nos dados obtidos por meio dos questionários, diários e entrevistas podemos responder afirmativamente a respeito da contribuição do curso realizado, muito embora devamos salientar que essa conclusão só pode ser considerada mediante certas condições.

Neste momento final do trabalho, cabe relembrar alguns elementos que podem ser muito significativos para compreensão e análise dos dados observados, porque com certeza foram condicionantes da prática pedagógica das professoras pesquisadas e do papel que o curso de Pedagogia exerceu sobre elas.

A seguir apontamos os elementos que estiveram presentes no processo de formação dessas professoras, e que combinados possibilitaram que a formação na Licenciatura em Pedagogia fosse significativa para a prática pedagógica dessas profissionais.

Primeiro foi o fato de que as professoras escolhidas para participar da pesquisa eram profissionais experientes. Este não foi um critério para escolha das participantes, pois, como já foi discutido anteriormente, as professoras foram escolhidas apenas por já estarem trabalhando com as crianças enquanto cursavam a Pedagogia. Como o foco da escolha foi determinado dessa forma, as professoras escolhidas foram as que já tinham pelo menos três anos de experiência, após a sua formação em Pedagogia. Por outro lado essas professoras já tinham um tempo razoável de experiência (em média dez anos) na Educação Infantil, pois haviam cursado o CEFAM e a partir dessa formação iniciaram sua carreira profissional na Educação Infantil.

O segundo elemento que também compareceu como significativo no processo de formação das professoras foi a trajetória de formação. O fato delas terem cursado o CEFAM parece ter sido um fator que contribuiu para escolha e permanência nessa área de atuação. Segundo os depoimentos das mesmas foi possível estudar a teoria e colocá-la em prática na sala de aula com as crianças, e por outras vezes perceberem dificuldades na prática pedagógica e procurarem respostas no campo teórico, uma vez que esse curso teve como exigência o estágio prático durante o período do processo de formação das mesmas. Essa estrutura do curso, a combinação do estágio com as aulas teóricas foi mais um fator que contribuiu com a prática dessas profissionais. E como aparece na fala das professoras pesquisadas, durante os estágios elas também tiveram oportunidade para entrar no mercado de trabalho, pois um estágio bem realizado oportunizou o convite de trabalho pelas diretoras de Centros de Educação Infantil.

A formação no CEFAM, segundo as professoras, propiciou no período da Licenciatura em Pedagogia uma melhor compreensão da teoria vinculada com a prática pedagógica, pois, ao iniciarem a formação superior elas já tinham uma noção tanto da prática pedagógica como da teoria. Ainda, conforme as falas das professoras as experiências pedagógicas vivenciadas no período do CEFAM foram estimuladoras para permanecer na carreira e procurar a continuidade da sua formação.

Há que se destacar também que a motivação para cursar Pedagogia se tornou possível com as condições criadas pelas exigências da LDB. Essas professoras estavam atuando com a infância, (todas lotadas nos CEINFs do Município) enquanto cursavam Pedagogia. Esse fato possibilitou uma maior clareza a respeito da sua prática, na medida em que puderam articular as suas experiências às teorias trabalhadas no curso, bem como possibilitou o questionamento sobre o papel profissional do professor da Infância, a partir do qual puderam imprimir uma intencionalidade às suas práticas. Neste sentido,

fugiram da prática assistencialista, uma vez que passaram a compreender a função da Educação Infantil e sendo assim entenderam o processo de desenvolvimento das crianças e o papel de um ambiente estimulante e desafiador para o desenvolvimento das mesmas.

A concepção de Educação Infantil dessas professoras gira em torno de um caminho positivo por propiciar o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos, bem como os valores culturais que as crianças já têm. Elas entendem que suas funções são de garantir e ampliar esses conhecimentos com a possibilidade de construir a autonomia, cooperação, responsabilidade e a formação do conhecimento de si mesmas.

Tal concepção não nasceu com elas. Foi construída, refletida e discutida na formação inicial e continuada dessas profissionais, e na maneira pela qual esses processos se articulam a outros aspectos da suas histórias de vida, nas quais vários elementos se compuseram e possibilitaram suas opções, crenças e projeto profissional. Esta constatação mostra quanto a formação é um processo complexo.

A concepção de criança que estas professoras revelaram, não é de um adulto em miniatura, ou de uma tábula rasa, mas sim de um ser humano histórico – social e cultural que detém conhecimentos e pronto para adquirir novos conhecimentos. Tal concepção alimenta e embasa o fazer pedagógico delas de tal sorte que assumem seu papel, não como tias, babás ou cuidadoras de crianças, mas como profissionais da Educação Infantil, cuja prática se mostra marcada pela intencionalidade de educar. Essa forma de pensar e agir também não veio pronta e acabada; ela é fruto de uma longa formação, reflexão e de uma história de vida cheia de desafios e superações.

O fazer pedagógico, a concepção de Educação Infantil e de infância dessas professoras teve contribuições da formação inicial, continuada e formação em serviço, entre outras como elas mesmas situam em suas falas. E como descreve Nicolau (2002) “o professor faz qualquer esforço para investir na sua formação, contradizendo opiniões quanto a ser ele um desinteressado na ação educativa que exerce”.

Podemos dizer, concluindo sobre o aspecto da trajetória de formação, o fato delas terem cursado o CEFAM e ter a oportunidade de estar na prática pedagógica facilitou, ou melhor, aproximou toda a discussão teórica no seu fazer com as crianças. Além disso, ter cursado Pedagogia e trabalhado ao mesmo tempo constituiu um processo de formação que criou condições de articulação entre teoria e prática.

O terceiro elemento que queremos ressaltar, é o fato de que todas elas tinham como projeto de vida o magistério. Esse elemento pode ser identificado, pois, essas professoras já haviam recebido algumas propostas para exercerem cargos de Coordenadora Pedagógica, Direção, Supervisão, Orientação Educacional e outros cargos técnicos a serem desempenhados na SEMED e recusaram. Segundo seus depoimentos, elas fizeram opção pela sala de aula e pelo trabalho com as crianças, deixando claro a sua identificação com a infância. Elas revelaram querem seguir nessa carreira por compreender sua função junto à Educação Infantil e seu papel para desenvolvimento das crianças, alimentadas pela expectativa de se tornarem profissionais cada vez melhores.

A relação do projeto de vida pessoal com o projeto de vida profissional se torna claro, na medida em que observamos, algumas coisas em comum entre elas, apesar de que o processo de formação de cada uma foi bastante diversificado: uma delas cursou Licenciatura em Pedagogia no antigo curso modular em que as aulas ocorrem apenas nas férias; outra cursou Pedagogia no Curso de Formação a Distância – EAD; uma terceira professora cursou Pedagogia na UEMS (três vezes na semana) e as outras duas cursaram Pedagogia de forma presencial em duas instituições de ensino superior diferentes: uma pública e outra particular.

Mas o que as torna parecidas? Como tiveram um processo de formação tão diferenciado e mesmo assim, elas têm em comum uma concepção de infância e de Educação Infantil? Temos aqui um universo de formação distinto, mas professoras com uma prática pedagógica e uma visão de Educação Infantil e compreensão da infância muito próximas, ou seja, elas apresentam uma concepção ampla de infância e mostraram objetivos comuns quanto à Educação Infantil no que se refere à articulação entre o cuidar e educar e se colocam como profissionais marcadas pela intencionalidade na prática educativa com as crianças.

Acreditamos que esse quadro parece ter sido possível dada a relação entre o projeto de vida pessoal com o projeto de vida profissional. Essa profissão para elas não se configura como uma mera ocupação ou emprego. Elas escolheram tornarem-se professoras, investiram e investem nessa profissão, pois esse é o caminho no qual acreditam e querem seguir.

Situados esses elementos, que pensamos terem sido significativos para os resultados observados, podemos tentar concluir a respeito da questão central deste trabalho. O objetivo geral desta pesquisa era o de identificar e analisar quais foram as contribuições e implicações da Licenciatura em Pedagogia na Prática Pedagógica das cinco professoras que iniciaram essa pesquisa. Pretendíamos também complementado a análise em questão compreender como as professoras da Educação Infantil se tornaram as profissionais que são?

Gostaria de finalizar, voltando à introdução apresentada neste trabalho na qual expressava a minha crença ingênua de que as futuras professoras, hoje professoras atuantes já tinham a formação necessária e detinham o saber para atuar com as crianças, antes mesmo de iniciar a formação no ensino superior.

É ingênuo acreditar que uma única modalidade de formação dará conta de preparar um professor para atuar com as nossas crianças nessa sociedade complexa que exige do professor um grau de compreensão e de flexibilidade para fazer frente à diversidade de situações que se configuram na escola. Como pudemos observar no relato das professoras que participaram desta investigação, um conjunto de fatores colaboraram para que elas apresentassem uma concepção de Educação Infantil e uma prática de trabalho com a criança nos moldes considerados positivos por autores que pesquisam a infância, como Kishimoto (1999), Cerisara (2002), Campos (2006).

Diante da diversidade de fatores que puderam contribuir para a formação das professoras podemos concluir que a formação docente é um processo bastante complexo. No caso dessas professoras podemos destacar elementos relativos à experiência anterior ao curso de Pedagogia, a trajetória de formação e da história pessoal de cada uma delas, os quais muito provavelmente foram condicionantes da forma pela qual a experiência do curso foi vivenciada e transformada em prática no cotidiano dos Centros de Educação Infantil.

A partir desses conclusões podemos conjecturar sobre a formação da professores para a infância. Muito embora sabendo que o curso em si terá suas limitações algumas idéias nos parecem importantes na tentativa de oferecer um curso que possa formar melhor o professor da infância.

Em primeiro lugar, em concordância com teóricos que discutem essa questão Kishimoto (1999), Haddad (2006) Cerisara (2002) chegamos à conclusão que precisamos de sistema amplo de formação, que garanta uma formação de qualidade e

que tenha um projeto que amplie o universo cultural e a compreensão do professor a respeito da infância e do papel da Educação Infantil.

Em segundo lugar que o curso de formação tenha uma estrutura curricular que integre os fundamentos e a prática de trabalho em sala de aula. Sendo assim é necessário um curso com uma formação teórica articulado com a prática reflexiva, pois os cursos encyclopédicos, fragmentados e distantes da prática pedagógica não dão conta de formar professores para a infância. Como bem mostrou a pesquisa, a articulação da teoria com a prática, foi um elementos marcantes na trajetória de formação das professoras desta pesquisa.

Para finalizar, acreditamos que a formação do profissional para atuar com a criança pequena deva se dar no ensino superior, no curso de licenciatura em Pedagogia, mas um curso específico que pense as peculiaridades da infância. Ou seja, é necessário garantir que a Habilitação em Educação Infantil não seja apenas uma disciplina do curso, mas o eixo do mesmo. Um professor para a infância tem características diferentes dos que vão trabalhar no Ensino Fundamental. A mistura dessas formações acaba por contaminar a formação do educador infantil com a disciplinarização dos conteúdos e com o esvaziamento do espaço lúdico, menosprezando assim atividades que são fundamentais para a infância.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. Ordália Alves de. A educação infantil na história. A história na educação infantil. Palestra. OMEP. 2002.
- ALVES – MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais; pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. Ed. São Paulo, Pioneira, 1999.
- ANGOTTI, Maristela. Maria Montessori: uma mulher que ousou viver transgressões. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ARAÚJO, Joaquim Machado de; ARAÚJO, Alberto Filipe. Célestin Freinet: trabalho, cooperação e aprendizagem. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, Heloisa Helena. Necessidades formativas de Profissionais de Educação Infantil. Piracicaba: 2000. 137f Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.
- BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN, Moysés Jr. (orgs.). **Os intelectuais da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL. . Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil. Brasília: Mec/Sef, 2006. vol. 1-2.
- BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. Lei 8.06990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1991.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: senado, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Censo Especial da Educação Infantil 2000. Brasília. Inep, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional Educação Infantil. Brasília: Mec/Sef, 1998.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB n. 22/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, 2001.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral (org). O mundo da escrita no Universo da pequena infância: polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: autores associados, 2005.

CARVALHO, Maria I Campos e RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização do Espaço em Instituições Pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de (org): Educação Infantil: muitos olhares. São Paulo, Ed. Cortez, 1995.

CAMPOS, Maria Malta. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Revista Educação & Sociedade** – revista quadrimestral de ciência da Educação, Campinas, Cedes, 1999, v.20, n.68/ especial, p. 61-79.

CAMPOS, Maria Malta; FULLGRAF, Jodete; WIGGERS, Verena. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. **Caderno de pesquisa**, vol.36, n. 127 São Paulo jan./Apr. 2006.

CASTRO, Amélia Domingues de. **Piaget e a Pré – escola**. 2. ed. São Paulo: livraria pioneira editora, 1983.

CERISARA, Ana Beatriz. Em debate s formação de professoras de Educação Infantil. In: Anais do II Encontro Nacional das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil. Florianópolis: UFSC/NDI, 2002.

CERISARA, Ana Beatriz. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no Contexto das Reformas. **Revista Educação e Sociedade**, v. 23, n.80, Campinas, 2002

CORAZZA, Sandra Mara. **História da Infância Sem Fim**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

CUNHA, B. B. B, CARVALHO, L. F. Cuidar de crianças em creches: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção. In: ANPED. Caxambu, MG: 2002.

ELIAS, Marisa Del Cioppo; SANCHES, Emilia Cipriano. Freinet e a Pedagogia uma velha idéia muito atual. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FORMOSINHO, João. A universidade e a formação de educadores de infância: potencialidade e dilemas. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FORMOSINHO, João; ARAÚJO, Joaquim Machado de. Anônimo do século XX A construção da pedagogia burocrática. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL. Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Lenira. O pensamento infantil na perspectiva de Decroly e Wallon. 2008. **Revista Ciência & Letras**. Jan./jun. 2008. nº 43

HADDAD, Lenira. Políticas integradas de Educação e Cuidado Infantil: Desafios, armadilhas e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n.129, p. 519-546, set./dez. 2006.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). Tempos narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. Encontros e desencontros na formação dos profissionais de educação infantil. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. Políticas de formação profissional para educação infantil: pedagogia e normal superior. *Educação & Sociedade, campinas*, n. 68, p. 61-79, 1999. Ed. Especial

KISHIMOTO, Tizuko Mochida; PINAZZA, Mônica Apuzzato: Foebel: uma pedagogia do brincar para infância. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KRAMER, Sonia. Formação de profissionais da educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. Brasil. Brasília. 2000.

KOHAN, Walter O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KUHLMANN JR, Moysés. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LARROSA, Jorge. Ensaio, diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um “poema de formação”. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). Tempos narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MACEDO, Lino de. **Perspectivas de Piaget**. 2008. Pesquisado em: www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias02p047-051c.pdf em 10/05/2010.

MACHADO, Maria Lucia de A. desafios eminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil. **Cadernos de pesquisa**, n 110, p. 191-2002, jun/2000.

MATOS, Ana Cristina, RODRIGUES Silvana Cristina, SILVA, Silvia Fernandes da. Teoria Pedagógica: atualidades das idéias de Ovide Decroly. 2004 Pesquisado em: www.fae.ufmg.br/teoriaspedagogicas/trabalhosdecroly.doc em 20/08/2009.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Escritas invisíveis: diários de professoras e estratégias de prevenção da memória escolar. In: Historias de vida e formação de professores. SOUZA, Elizeu Clementino de, MIGNOT, Ana Chystina Venâncio (orgs) Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. As universidades nos projetos de formação continuada: impactos e resultados. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Joana Angélica Bernardo de. **Formação de professores, competências e saberes para atividade docente na Educação Infantil**.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (org.) **Educação Infantil**: muitos olhares. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. Creches no sistema de ensino. In: MACHADO, Maria Lucia (org) Encontros e Desencontros em Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. In: studying Teaching. Edited by: James R. Pancella – James S. Van Ness. Prentice – Hall, 2 ed. 1971.

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da Educação Infantil. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIOZZI, Patrizia. Natureza e artifício: uma breve nota sobre a proposta pedagógica de Jean- Jacques Rousseau. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

REIS, Magali dos. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Revista Educação e Sociedade. Nº 69. vol 20. Campinas. 1999.

RIBEIRO, Mônica; GROOPPO, Luis Antonio. Educação Infantil e a Pesquisa Participante. Pesquisado em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c20a.pdf>, em 15/05/2008.

SANTOS FILHO, J. Camilo dos; Gamboa, Silvio Sánchez. Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 4. Ed. São Paulo; Cortez, 1997.

SARAT, Magda. Formação profissional e educação infantil: uma história de contrastes. Guairacá. 2001.

SARMENTO, M. J, Pinto. (org). Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M,J e GOUVEIA, C. Estudos da Infância, Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

SILVA, Anamaria Santana da. A professora da Educação Infantil e sua formação universitária. (Tese de doutorado), São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 2003

SILVA, Anamaria Santana da. Casa-escola: contribuições da proposta montessoriana para educação infantil. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TANURI. Leonor Maria. História da Formação de Professores. In: 500 anos de educação escolar. São Paulo: Editora autores Associados, Revista Brasileira de Educação nº 14, maio/junh/jul/ago.2000, p. 61-88

VASCONCELLOS, Celso Santos. *(In)disciplina*: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VIEIRA, Fátima; LINO, Dalila. As contribuições da teoria de Piaget para a pedagogia da infância. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (orgs). **Pedagogia (as) da Infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VOLPATO, Claudia Fernandes; MELLO, Suely Amaral. Trabalho e formação dos educadores de creche em Botucatu: reflexões críticas. *Cadernos de Pesquisa*, v.35, n. 126, set./dez. 2005. 723-745

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed; 1998.

ZABALZA, Angel Miguel. Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Editora Porto, 1994.

ZANATTA, Célia Regina de Carvalho. Aprender brincando: os jogos como facilitadores da aprendizagem dos conteúdos escolares. Dissertação Mestrado em Educação. Osasco. 2005.

ANEXOS

ANEXOS 1

Questionário para o gestor

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB
Programa de Pós-Graduação- Curso de Mestrado em Educação
Av. Tamandaré, 6000, Cx Postal 100, Fones: 67-3312-3597/3584
CEP.79117-900- Campo Grande-MS

www.ucdb.br

LINHA 2 - Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente

PESQUISA: O PAPEL DA HABILITACAO NA FORMACAO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCACAO INFANTIL

Questionário coleta de dados I
Gestor Escolar

Katuscia Oshiro

Orientadora: Profª Drª Leny Teixeira

Escola:

Endereço: **Fone:**

Email:

01	Total de profissionais da Instituição? Agente educacional () Crecheiro() Recreador() Professor ()
02	Quantidade de docentes com escolaridade em nível médio?
03	Quantidade de docentes com formação em nível médio-profissionalizante/Magistério?
04	Quantidade de docentes com formação em nível de graduação Pedagogia ?
05	Quantidade de docentes com formação em nível de graduação Pedagogia com habilitação em Educação Infantil?
06	Quem fez Pedagogia ou Habilitação em Educação Infantil depois de estar trabalhando com Educação Infantil. _____

ANEXOS 2

Questionário para o professor

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCB
Programa de Pós-Graduação- Curso de Mestrado em Educação
Av. Tamandaré, 6000, Cx Postal 100, Fones: 67-3312-3597/3584
CEP.79117-900- Campo Grande-MS

www.uab.edu.br | LINHA 2 - Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente

PESQUISA: O PAPEL DA HABILITACAO NA FORMACAO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCACAO INFANTIL

Questionário coleta de dados I

Docentes Educação Infantil

Katyuscia Oshiro

Orientadora: Prof^a Dr^aLeny Teixeira

Nome do docente: **Idade:**

Escola: _____

Endereço: **Fone:**

Email:.....

ANEXO 3
Quadro com transcrição dos diários

Professora A	Rotina	Formação	Desafios e preocupações	Atividades
Campo Grande, 31 de agosto de 2009. Segunda-feira 1º relato				
<p>Eu sou a professora Vânia, trabalho com o Pré A na escola Municipal de Tempo Integral Iracema Maria Vicente</p> <p>Escolhi ir para essa escola por gostar de desafios, pois acredito que trabalhar nesta instituição requer muita coragem e se deve querer muito o novo.</p> <p>A rotina da escola não é fácil, nem tudo que se prometeu esta sendo cumprido. No começo foi muito difícil, trabalhar o dia todo tem dia que não se tem nem tempo para o almoço e essas coisas vão nos estressando.</p> <p>Almoçamos na escola e a comida também não é muito boa, não tem restaurante perto. No inicio eu trazia comida de casa, mas agora já não consigo mais fazer isso. Tem dia que não como nada, isso também estressa muito.</p> <p>Das 40 horas que tenho que trabalhar, só entro na sala 28 horas. Tenho 4 horas de estudo, mais 4 horas de planejamento em casa e mais 4 horas de planejamento na escola junto com a outra professora do pré e a coordenadora pedagógica. Todas essas horas em que não estou em sala tem outro professor desenvolvendo outras atividades, como os professores de artes, educação física, inglês e espanhol.</p> <p>Aqui as disciplinas são divididas em ambientes e utilizamos outra nomenclatura. AA1, AA2, AA3, AA4, AA5. na AA1 é trabalhado historia, geografia e português e assim por diante, todas casadinhos. Além disso temos mais duas disciplinas que são desafios tecnológicos e iniciação a pesquisa. Essas ultimas duas disciplinas ainda encontro um pouco de dificuldade e não sei ao certo se estou trabalhando corretamente.</p>		<p>Horário para planejamento e estudo. Troca com os pares</p>	<p>Desafios Coragem Promessas ou acordos Falta de tempo para o almoço Dificuldades</p>	
Campo Grande, 1 de setembro de 2009. Terça – feira 2º relato				
<p>Hoje eu tenho 3 horas de estudo, das 9 as 11:30, depois é almoço e só volto as 13:00.</p> <p>Na primeira hora de trabalho das 7:30 as 9:00 não dá tempo para fazer muita coisa.</p>	<p>Pátio Sala de aula Oração</p>	<p>Estudo</p>	<p>Alimentação</p>	<p>Combinados Historia Cantar Projeto</p>

<p>7:30 eu pego as crianças na entrada e vou ate o pátio, como a escola é grande demora um pouco essa ida e vinda. No pátio central fazemos oração a diretora, e as coordenadoras dão os avisos e fazem alguns combinados, cantamos, e as vezes tem apresentação dos alunos.</p> <p>As 8:00 horas entramos no refeitório para tomar o café da manhã, ate umas 8:15 as crianças terminam, o lanche é sempre o mesmo, leite de soja com achocolatado, pão de cachorro quente ou bolacha de leite. O leite sempre muito doce e o pão com pouca manteiga.</p> <p>Depois vamos para sala, onde fazemos a rodinha para falar sobre os combinados, euuento uma historia, cantamos algumas músicas.</p> <p>Depois eu dou uma atividade e agora estamos trabalhando sobre as plantas. Agora eu vou para o meu estudo.</p>	Avisos Apresentação dos alunos Refeitório			plantas Musicas
--	---	--	--	--------------------

Campo Grande, 2 de setembro de 2009. Quarta-feira 3º relato

<p>O inicio da manha é o mesmo, tenho aula das 8:00 até as 10:00. Depois as crianças têm tempo livre que eles adoram.</p> <p>No momento do tempo livre as crianças podem ir para o parque, pátio, brinquedoteca ou para a multimídia. O tempo livre começa as 10:00 e vai até as 11:30. Quando eles voltam para almoçar no refeitório. Quando a comida esta boa eu almoço com elas.</p> <p>Ao terminar o almoço elas escovam os dentes e descansam, cada criança tem um colchonete e elas descansam até as 12:50. a monitora Eliane accordam as crianças e aos poucos mandam para salas, neste espaço só ficam as crianças do pré.</p>	Mesma Refeitório Escovar os dentes		Alimentação Higiene Descanso	Tempo livre Parque Pátio Brinquedoteca Multimídia
--	---	--	------------------------------------	---

Campo Grande, 3 de setembro de 2009. Quinta-feira 4º relato

<p>Hoje eu só trabalho no período da manha a tarde estou de HTPI, meu planejamento de casa.</p> <p>No período da manha ate as 8:00 é sempre a mesma coisa. Hoje é meu dia de parque fixo ate as 9:00. nosso parque é lindo, mas não gosto muito dos brinquedos de ferro e do banco de areia, pois quando chove não podemos utilizá-lo.</p> <p>Hoje vou trabalhar com o livro didático. Recebemos o livro só agora no meio</p>	Pátio Parque fixo	Planejamento em casa		Parque Livro didático
---	-------------------------	-------------------------	--	-----------------------------

do ano, ainda estou no começo, fazendo as atividades sobre o nome de cada um e dos amigos.				
--	--	--	--	--

Campo Grande, 4 de setembro de 2009. Sexta –feira 5º relato

Hoje é sexta-feira, antes toda sexta-feira era dia de estudo no período da tarde, agora não tem mais isso.

Minha sexta – feira é terrível, tenho aula direta, só 1 tempo para estudo.

Hoje dou 1 aula, depois parque, estudo, 1 aula, iniciação a pesquisa e leitura.

Hoje não estou me sentindo muito bem, muita dor de cabeça.

Estudo

Tempo livre
(Parque)
Iniciação a
pesquisa
leitura

Campo Grande, 7 de setembro de 2009. Segunda –feira 6º relato Hoje é feriado.

Campo Grande, 8 de setembro de 2009. terça –feira 7º relato

Nesta semana vou falar um pouco da minha rotina do período vespertino. A rotina da manha é sempre a mesma. Hoje a tarde eu tenho 2 tempos de aula, depois desafio tecnológico e tempo livre.

No período da manha tive 3 horas de estudo. Aproveitei para fazer meu planejamento. Nos não usamos o sistema da secretaria, meu planejamento é feito no note book, depois eu imprimo e colo no caderno.

Nesta semana vou trabalhar as plantas que tem perto da casa das crianças, pois pedi para que eles fizessem um levantamento na sexta-feira. No meus dois tempos vou trabalhar com isso, depois vou para o laboratório fazer pesquisa sobre essas plantas em seguida eles tem tempo livre.

A pesquisa foi muito legal, as crianças ainda tem bastante dificuldades para fazer pesquisa sozinhas, mas já sabem manipular o mouse o teclado, onde liga e desliga o computador.

Usamos o google na parte de imagens para ver se aquelas arvores eram as mesmas que tem próxima as suas casas. Como a mangueira foi uma arvore que apareceu na pesquisa de todos que trouxeram a tarefa, buscamos no google informações sobre ela. Apesar de nem todas as crianças terem esse interesse a aula foi bem legal.

Pátio

Estudo
Planejame
nto

Nem todas as
crianças
tiveram o
mesmo
interesse

Pesquisa
sobre as
plantas em
casa
Pesquisa
sobre as
plantas na
intenet
Tarefa de
casa

Campo Grande, 9 de setembro de 2009. Quarta –feira 8º relato

A rotina inicial do dia é sempre a mesma. No período da manha recordamos a pesquisa que as crianças realizaram em casa com os pais nos quais eles desenharam as

Mesma

Planejame
nto com
os pares
Elaborou

Recorte e
colagem
Pesquisa
Desenho

arvores e plantas junto com os mesmo. Fizemos um painel com o desenho de todas as crianças. Hoje no período da tarde eu tenho planejamento com a Marly e a Adomira. O planejamento ocorreu apenas com a Marly e elaborei algumas atividades para semana.		atividades		Painel
Campo Grande, 10 de setembro de 2009. Quinta –feira 9º relato				
Hoje tive as aulas da manha, as crianças trabalham com recorte de revista sobre plantas. Fizemos um cartaz e vamos continuar a atividade na outra aula. A rotina seguiu normalmente e hoje a tarde terei planejamento em casa.	Mesma	Planejamento em casa		Recorte e colagem cartaz
Campo Grande, 11 de setembro de 2009. Sexta-feira 10º relato				
A rotina da manha seguiu normalmente, na atividade pegamos os recortes das arvores e classificamos em grande porte e pequeno porte. Discutimos sobre esse assunto. Hoje no período da tarde não teremos aula, pois temos reunião pedagógica.	mesma	Reunião pedagógica		Classificação das plantas
Campo Grande, 14 de setembro de 2009. Segunda – feira 11º relato				
Hoje é segunda-feira e nesse diário nunca falei sobre a segunda-feira. Hoje eu tenho 4 aulas diretas, depois desafio matemático e 2 planejamento. Nessa semana vamos trabalhar com as plantas alimentícias. Pedi para as crianças fazerem uma pesquisa sobre com seus pais em casa. As crianças falaram e trouxeram registrado que seus pais utilizam, cebolinha, salsinha, alho, cebola, frutas, verduras, legumes, raízes, entre outras coisas. Como os alunos não a diferença de raízes e frutas e verduras, vou trabalhar com esse tema essa semana, apesar de não ter sido isso que havia planejado.		Planejamento		Pesquisa Adição
Na aula de desafio matemático eu dei varias tampinhas e trabalhei com adição. Ainda tenho algumas crianças com dificuldades, fora outras que pegam as tampinhas e as transformam em carrinho.				
Campo Grande, 15 de setembro de 2009. Terça - feira 12º relato				
Hoje só terei um tempo de aula, 2 de estudo e depois do almoço teremos Pólo, as crianças iram para casa as 11:30		Estudo Pólo (SEMED)		
Campo Grande, 16 de setembro de 2009. Quarta – feira 13º relato				
Hoje trabalhei com as crianças quais				Conheciment

são as raízes que comemos, quem come essas raízes, saiu muitas perguntas loucas, mas a confusão entre as verduras, legumes e raízes e frutas continuam.				o prévio dos alunos
Campo Grande, 17 de setembro de 2009. Quinta – feira 14º relato				
Hoje trabalhei com eles as verduras, quais são quem come o que, quem gosta dessa ou daquela e assim por diante. Pedi para eles desenharem as verduras que mais gostam e fiz uma lista com o nome de todas as verduras que apareceu na conversa. Hoje no período da tarde não tenho aula, só planejamento em casa.		Planejamento em casa		Desenhar Lista de alimentos
Campo Grande, 18 de setembro de 2009. Sexta – feira 15º relato				
Hoje eu expliquei a pesquisa que vão realizar com os pais em casa no final de semana. Quero que eles façam um levantamento das arvores frutíferas próximo da casa de cada um. Na disciplina de iniciação a pesquisa vamos pesquisar sobre a mandioca. E na disciplina de leitura vou contar uma história sobre a família e a cebola que foi sugerida pela Katy.				Pesquisa em casa
Campo Grande, 21 de setembro de 2009. Segunda – feira 16º relato				
Com o resultado da pesquisa fizemos uma lista com o nome de todas as arvores frutíferas. Colocamos o desenho no cartaz, discutimos sobre os frutos, quem gosta desse ou daquele fruto, quem nunca comeu e porque. Já na aula de desafios tecnológicos trabalhei adição em grupo realizando um pequeno torneio na sala. Tipo assim quanto é 2 mais 2, tem termina primeiro e corretamente ganha 1 ponto a dupla. Hoje tive 2 tempos de planejamento.		Planejamento		Cartaz Desenho Adição
Campo Grande, 22 de setembro de 2009. Terça – feira 17º relato				
Hoje vamos experimentar as frutas que as crianças pegaram no pé próximo de suas casas. Teve manga verde, amora, acerola, pitanga, buriti e coco verde. As crianças gostaram bastante da atividade. Hoje no período da tarde teremos reunião pedagógica.		Reunião pedagógica		Degustação de frutas
Campo Grande, 23 de setembro de 2009. Quarta- feira 18º relato				
Vamos fazer uma pesquisa sobre a acerola e a amora na internet. Para saber suas propriedades, suas vitaminas entre outras informações. Fiz uma lista da propriedade de cada		Planejamento em casa		Pesquisa na internet Lista

fruta e seus benefícios, agora todas as crianças querem comer. Hoje a tarde tenho planejamento na escola.				
Campo Grande, 25 de setembro de 2009. Quinta – feira 19º relato				
Hoje não fui na escola, pois passei muito mal e fui ao medico. Ele deu atestado de três dias. Só voltarei na segunda – feira.				
Campo Grande, 28 de setembro de 2009. Sexta – feira 20º relato				
Em casa descansando. Não! fazendo projeto. Fazendo diário.		Diário e projeto		
Campo Grande, 29 de setembro de 2009. Segunda – feira 21º relato				
Temos que entregar os diários é muito chato fazer isso. Essa semana vou trabalhar com as plantas medicinais. Vou mandar uma pesquisa para casa para fazerem com os pais. No desafio matemático vou trabalhar com em grupo de 4 em que eles devam resolver um probleminha matemático juntos. Para cada grupo é um problema diferente. Apesar de ser fácil nem todas as crianças conseguem resolver. Tem momento que não consigo a atenção deles.			Chato fazer diário	Pesquisa Resolução de problemas
Campo Grande, 30 de setembro de 2009. Terça – feira 22º relato				
Hoje tenho que retornar ao medico e no período da tarde temos reunião pedagógica.	Ro tina	Fo rmação Reunião pedagógica	Desafios e preocupações	Atividades
Campo Grande, 01 de outubro de 2009. Quarta – feira 23º relato				
Fizemos vários saquinhos com as plantas medicinais que as crianças trouxeram, entre elas estão: camomila, cravo, babosa, capim sidreira, boldo entre outros. Agora vou pesquisar com eles para que serve cada um desses. A tarde tenho planejamento.		Planejamento		Exposição das plantas medicinais Estudar para dar aula
Campo Grande, 02 de outubro de 2009. Quinta – feira 24º relato				
Hoje vamos pesquisar para que serve a babosa e suas propriedades medicinais. A tarde não terei aula tenho planejamento em casa.		Planejamento em casa		Pesquisa
Campo Grande, 03 de outubro de 2009. Sexta – feira 25º relato				
Na aula de iniciação a pesquisa vou continuar a pesquisa sobre a mandioca. E na hora da leitura vou levá-los a biblioteca para realizarem leitura livre. Hoje a aula foi tranquila, pois usamos muitos	Tranqüila			Pesquisa Biblioteca Leitura livre Brincar

espaços da escola, a sala de informática, a biblioteca o parque e as crianças ainda bricaram com os brinquedos que trouxeram de casa.				
Professora B	Rotina	Formação	Desafios e preocupações	Atividades
Campo Grande, 31 de agosto de 2009. Segunda-feira 1º relato				
Tenho trabalhado com a Educação Infantil há muito tempo, mas agora trabalho no Pré – B da Escola Municipal de Tempo Integral Iracema Maria Vicente. O dia-a-dia desta escola é bem diferente, a dinâmica não é fácil e não me acostumei ainda, já trabalhava 40 horas, mas não dizer ao certo porque é tão diferente, tive vontade de desistir por varias vezes e ainda tenho, também não sei porque continuo a cada dia que passa.			Dificuldade para trabalhar 40 horas na mesma escola	
Campo Grande, 1 de setembro de 2009. Terça – feira 2º relato				
Neste bimestre escolhemos trabalhar com as plantas, as crianças tinham muitas dificuldades de preservar a parte verde da escola, na verdade elas continuam tendo. O fato delas pisarem na grama, pisarem nas arvores recém plantadas me incomoda muito. Os pais também tem dessas atitudes, eles entram aqui dentro de bicicleta, atravessam a escola pela grama como se não fosse nada. Já pensamos em fazer uma horta e um belo jardim, mas precisamos conscientizar essas pessoas antes.			Preocupação com a formação do aluno e dos pais com relação a preservação da natureza	Projeto plantas
Campo Grande, 2 de setembro de 2009. Quarta-feira 3º relato				
Não só isso me incomoda, a alimentação também me preocupa muito. Elas se alimentam muito mal. Nos dias que não temos aula ate fico preocupada. A alimentação da escola não é como da minha casa, mas para as crianças que atendemos talvez sejam as únicas refeições do dia. A aparência delas, não de todas as crianças, mas de algumas dessas crianças é muito triste se eu pudesse pegaria e levaria para minha casa.			Preocupação com a alimentação da criança Pena das crianças	
Campo Grande, 3 de setembro de 2009. Quinta-feira 4º relato				
Dos meus 30 alunos 28 já sabem escrever o nome, sem a ficha de leitura do nome. Eles já sabem colocar as atividades nos escaninhos e olha que eu troco o nome de lugar. Meus alunos são muito caprichosos e dedicados, sempre tem um e outro bagunceiro,			Culpa os pais e os professores pela indisciplina das crianças	Ficha de leitura

<p>briguento e que dá trabalho, mas que o habitual.</p> <p>Mas no geral são crianças boas e o restante que não dá certo é culpa dos pais e ate nossa que trabalha com essas crianças.</p>				
Campo Grande, 4 de setembro de 2009. Sexta –feira 5º relato				
<p>Hoje não estou inspirada para escrever muita coisa. Já estamos em ritmo de feriado. Quase não veio criança, não gosto disso, não posso trabalhar direito, não gosto de dar conteúdo e as atividades no dia que tem pouca criança.</p>			<p>Não gosta que as crianças faltam e não dá conteúdo nesses dias</p>	
Campo Grande, 7 de setembro de 2009. Segunda –feira 6º relato Hoje é feriado.				
Campo Grande, 8 de setembro de 2009. terça –feira 7º relato				
<p>Voltei no dia de hoje, mas muito cansada, acho que os feriados me cansam mais.</p>			<p>As crianças gostam do livro</p>	<p>Projeto plantas Livro didático</p>
<p>Estou trabalhando com o projeto sobre as plantas e o livro didático que foi adotado pela escola, ele é bem interessante. Estou no começo ainda, só recebemos o livro no terceiro bimestre. Estou correndo para ver se consigo concluir. Meus alunos gostam muito do livro parece que eles se acham importantes.</p>				
Campo Grande, 9 de setembro de 2009. Quarta –feira 8º relato				
<p>Meu dia-a-dia na escola é bem corrido, a gente não para um minuto, tem dia que estou parecendo uma barata tonta.</p>	<p>Corrida</p>	<p>A importância da equipe pedagógica</p>	<p>Equipe pedagógica que apóia seu trabalho</p>	
<p>Na escola tem bastantes funcionários e eu tenho ajuda direta de uma monitora e tem o Ronaldo que é pau pra toda obra. Fora isso, temos a diretora e a diretora adjunta, as secretarias e as coordenadoras. Não temos orientadora e supervisora, só as coordenadoras que executa os dois papéis, tem ainda o pessoal da faxina e da merenda.</p>				
Campo Grande, 10 de setembro de 2009. Quinta –feira 9º relato				
<p>Já falei muita coisa da escola. A Katy pediu para eu escrever um sobre a minha rotina da sala de aula. Mas falta eu falar que não trabalhamos por disciplina, são os ambientes AA1, AA2, AA3, AA4, AA5, as aulas de artes são desenvolvidas por outros professores, temos aulas de espanhol, inglês e educação física que também são trabalhadas com professores da área. No caso da Educação Física e artes temos ate dois professores trabalhando projetos e atividades diferenciadas só no Pré.</p>				<p>Interdisciplinaridade</p>

Campo Grande, 11 de setembro de 2009. Sexta-feira 10º relato	Falei que as disciplinas são desenvolvidas por ambientes AA1, AA2, AA3, AA4, AA5, mas não expliquei o que significa cada uma. AA1 trabalha em conjunto com Português, historia e geografia. O AA2 trabalha em conjunto com Português, ciências e matemática. e assim sucessivamente todas as disciplinas são articuladas. Se trabalhamos um texto ressaltamos todos os aspectos, a parte histórica, a língua portuguesa entramos com a matemática e se der para observar os aspectos da área da ciência, também é incluído.				Interdisciplinaridade
Campo Grande, 14 de setembro de 2009. Segunda – feira 11º relato					
	Agora vou falar da minha rotina o que tenho feito com os meus alunos. hoje só entro na sala as 9:00. Ainda não falei que trabalho 40 horas com os mesmos alunos. Mas só entro em sala 28 horas. O restante desse tempo são aulas que são ministradas por outros professores e de outras áreas.				
Campo Grande, 15 de setembro de 2009. Terça - feira 12º relato					
	No dia de hoje meus alunos iram embora as 11:30 após o almoço. Os professores teram Pólo na escola.		Pólo		
Campo Grande, 16 de setembro de 2009. Quarta – feira 13º relato					
	Eu e a professora do pré A trabalhamos muitas coisas juntas e agora estamos trabalhando com o projeto das plantas. Nas atividades de hoje vou usar como metodologia um filme da Disney chamado Waaly que fala sobre um robô que organiza o lixo que foi deixado pelos humanos e vem outro robô de outro planeta para procurar alguma planta, mas ela só encontra lixo, e depois de muito procurar ela consegue encontrar uma plantinha, entre outras coisas que acontecem no filme. Farei uma reflexão com meus alunos sobre a importância da conservação e preservação do meio ambiente.		Trabalho com os pares		Projeto das plantas Filme Discussão e reflexão sobre o meio ambiente
Campo Grande, 17 de setembro de 2009. Quinta – feira 14º relato					
	Como metodologia da aula de hoje usei um filme sobre a importância das plantas e as consequências para o mundo sobre a não preservação e conservação. O filme é da Nathional Geografic que				Filme documentário

na verdade é um documentário, mostra como era o mundo, e como tem ficado e quais serão as consequências do desmatamento, da poluição, dos gastos excessivo da água potável. O documentário tem a duração de 45 minutos e não sei se vou conseguir passar o documentário todo.			
Campo Grande, 18 de setembro de 2009. Sexta – feira 15º relato			
<p>Os pais não gostam muito, mas vou pedir uma tarefa para ser realizada com ajuda dos pais, só assim eles ficam um pouco com seus filhos.</p> <p>A tarefa consiste em realizar um levantamento das plantas existentes próximas as suas casas. O aluno deve fazer o desenho das plantas e se for possível descobrir o nome e se é venenosa ou não.</p>		Não sabe a posição dos pais na receptividade da tarefa	Pesquisa com os pais
Campo Grande, 21 de setembro de 2009. Segunda – feira 16º relato			
<p>A pesquisa foi muito interessante, mas os desenhos não foram realizados pelos alunos, mas pelos pais e nem todos os meus alunos trouxeram os desenhos para aula.</p> <p>Nos desenhos aparece muita mangueira, goiabeira, jabuticabeira, entre outras que não consegui descobrir, os meus alunos também não sabem que pé de árvore são aqueles.</p> <p>Não fizeram desenhos de flores.</p>			Pesquisa Desenho Filme
Campo Grande, 22 de setembro de 2009. Terça – feira 17º relato			
<p>Na minha aula de hoje vou passar o filme do mágico de Oz para trabalhar com os meus alunos outras plantas sem ser as árvores frutíferas.</p> <p>Na minha leitura me parece que só as árvores são plantas.</p> <p>Por isso vou passar esse filme, mostra muito jardim, bosque, parque. mostra outros lugares que tem plantas sem ser as frutíferas.</p>			Filme
Campo Grande, 23 de setembro de 2009. Quarta- feira 18º relato			
<p>Na minha aula de hoje vou usar o filme vida de inseto, meus alunos gostam muito de filmes.</p> <p>Vou usar esse filme para discutir que existem outras coisas entorno de uma planta, como os insetos e como eles vivem não vou me aprofundar nesse assunto são só para informação para os meus alunos.</p> <p>Quero lembrar que existem insetos e animais perigosos nos meios das plantas.</p>			Filme
Campo Grande, 25 de setembro de 2009. Quinta – feira 19º relato			

Como metodologia da aula de hoje vou usar o filme da Joanhinha e o trevo encantado. O filme será bem rapidinho, não tenho todas as aulas. tenho planejamento de casa e por isso vou embora as 10:00 horas da manha		Planejamento		Filme
Campo Grande, 28 de setembro de 2009. Sexta – feira 20º relato				
<p>Não poderei escrever muito tenho diário para entregar e são duas vias. no horário do meu planejamento farei apenas isso.</p> <p>Vou passar mais uma tarefa para realizarem com a família.</p> <p>Pesquisar quais são as plantas sem ser as arvores frutíferas próximas de suas casas. E quais são as flores que a mamãe ou vovó a vizinha mais gosta e porque.</p> <p>A pesquisa deve ser realizada com pelo menos três pessoas.</p>		Planejamento		Pesquisa com os pais e com vizinhos
Campo Grande, 29 de setembro de 2009. Segunda – feira 21º relato				
<p>Com o resultado das pesquisas as flores que as mães e as vizinhas mais gostam são as rosas, margaridas, e a violeta.</p> <p>Hoje vou trabalhar como metodologia um filme evangélico que fala da briga e o romance do cravo e da rosa.</p> <p>Aproveitei os desenhos que fizeram e fiz um cartaz com as flores que eles desenharam juntos com os adultos.</p>				Resultado da pesquisa Filme Desenho Cartaz
Campo Grande, 30 de setembro de 2009. Terça – feira 22º relato				
Hoje tenho reunião pedagógica e planejamento de casa. Não tenho historia para contar.		Reunião pedagógica planejamento		
Campo Grande, 01 de outubro de 2009. Quarta – feira 23º relato				
<p>Na atividade de hoje vou usar o filme Nemo, na ultima aula um aluno falou que não existe planta no mar, no rio, na cachoeira. então vou esse filme para enfocar isso, pois existe muitas espécies de plantas debaixo d'agua.</p> <p>E esse filme é uma gracinha para discutir o mundo debaixo do mar para as crianças que não tiveram contato com essa realidade.</p>				Filme
Campo Grande, 02 de outubro de 2009. Quinta – feira 24º relato				
<p>Não consigo responder todas as perguntas e não tenho filme suficiente para esses meus alunos.</p> <p>Agora preciso de filme que fale das plantas em outros planetas, aonde vou achar</p>		Falta filme para responder os questionamentos das	Sala de informática	

isso? E na verdade vou ter que levá-los na sala de informática para pesquisarmos juntos, mas também não sei se ate amanha eles terão as mesmas curiosidades.			crianças	
---	--	--	----------	--

Campo Grande, 03 de outubro de 2009. Sexta – feira 25º relato

Hoje é o ultimo dia de escrever no diário e para variar vou passar um filme sobre os vegetais para prepará-los para próxima semana, em que vou mudar o tema, já não tenho mais respostas para as perguntas dos meus alunos. O filme dos vegetais é bem interessante e os vegetais falam sobre suas propriedades, seus nutrientes e a importância de tudo isso para as pessoas, mas de forma bem lúdica				Filme
---	--	--	--	-------

Professora C	Rotina	Formação	Desafios e preocupações	Atividades
Campo Grande, 31 de agosto de 2009. Segunda-feira 1º relato				
Professora do pré a da escola de tempo integral Ana Lucia. Atividade realizada nesse dia: Ordenar a música “a foca” trabalhada anteriormente. Foi entregue aos alunos varias tiras para que montassem em sulfite a música sob a orientação da professora, a turma participou com entusiasmo.				Musica Ordenar a musica
Campo Grande, 1 de setembro de 2009. Terça – feira 2º relato				
Hoje utilizamos um recurso de mídias, o som ouvindo varias cantigas de roda, todos participaram cantando e dançando, soltando a imaginação.				Cantigas Cantar Dançar
Campo Grande, 2 de setembro de 2009. Quarta-feira 3º relato				
Texto lacunado com música “o pato”, sendo a professora a escribe na atividade. A mesma foi realizada com sucesso, houve a compreensão dos alunos e participação na execução.				Texto
Campo Grande, 3 de setembro de 2009. Quinta-feira 4º relato				
	Pólo			
Campo Grande, 4 de setembro de 2009. Quinta-feira 5º relato				
Atividade de matemática, ligue o desenho (quantidade) aos numerais.				Numerais
Campo Grande, 7 de setembro de 2009. Segunda –feira 6º relato				
Feriado				
Campo Grande, 8 de setembro de 2009. terça –feira 7º relato				

Estamos trabalhando nesse semestre o projeto “arca de noé” e hoje as crianças assistiram ao filme da arca de noé para melhor compreensão e análise da história.				Filme
Campo Grande, 9 de setembro de 2009. Quarta –feira 8º relato				
Visita à biblioteca, os alunos manusearam alguns livros infantis e após ouviram uma deliciosa história narrada pela professora “arca de noé” da autora Ruth Rocha.				Biblioteca Historinha
Campo Grande, 10 de setembro de 2009. Quinta –feira 9º relato				
Atividade de matemática, observar a quantidade e ligar ao numeral e vice-versa, comparando-o.				Numeral
Campo Grande, 11 de setembro de 2009. Sexta-feira 10º relato				
Nessa sexta-feira fizemos um grande cinema com data show...foi demais assistimos ao DVD da XUXA CIRCO.				Cinema
Campo Grande, 14 de setembro de 2009. Segunda – feira 11º relato				
Nessa semana teremos que trabalhar com a turma atividades diagnósticas. Esta uma loucura.				atividades diagnósticas.
Campo Grande, 15 de setembro de 2009. Terça - feira 12º relato				
Hoje vou observar o nível silábico de cada criança através de algumas atividades.				Avaliação
Campo Grande, 16 de setembro de 2009. Quarta – feira 13º relato				
Hoje vou fazer diagnóstico do alfabeto com cada aluno. A maioria já sabe				Avaliação
Campo Grande, 17 de setembro de 2009. Quinta – feira 14º relato				
Hoje eu vou fazer recorte e colagem de algumas palavras.				Recorte e colagem
Campo Grande, 18 de setembro de 2009. Sexta – feira 15º relato				
Hoje eu vou fazer leitura e releitura de histórias.				História
Campo Grande, 21 de setembro de 2009. Segunda – feira 16º relato				
Hoje vou trabalhar com registros de palavras, completando com as letras que faltam.				Palavras
Campo Grande, 22 de setembro de 2009. Terça – feira 17º relato				
Hoje tomamos banho com mangueira, pois o dia estava convidativo. Foi uma gostosura.				Banho de mangueira
Campo Grande, 23 de setembro de 2009. Quarta- feira 18º relato				
Hoje choveu muito e quase não veio aluno. Cumprimos a rotina, mas não dei nada. Apenas acompanhei os alunos.				Faltou alunos e não deu conteúdo

Campo Grande, 25 de setembro de 2009. Quinta – feira 19º relato	Hoje a chuva continua e os alunos continuam faltando, não vou dar nada, vou apenas acompanhar os alunos que vieram.			Faltou alunos e não deu conteúdo
Campo Grande, 28 de setembro de 2009. Sexta – feira 20º relato	Novamente chove muito e vieram apenas 2 alunos. Vou juntar com a outra turma e vou fazer uma decoração para as salas.			Faltou alunos e não deu conteúdo
Campo Grande, 29 de setembro de 2009. Segunda – feira 21º relato	Essa semana que passou foi cheia de surpresas, muita chuva então contávamos com isso. Hoje a quantidade de chuva melhorou, mas o acesso a escola é difícil, tem muitas ruas sem asfalto.			Faltou alunos e não deu conteúdo
Campo Grande, 30 de setembro de 2009. Terça – feira 22º relato	Hoje teremos conselho de classe e não teremos aula.	Conselho de classe	Conselho de classe	
Campo Grande, 01 de outubro de 2009. Quarta – feira 23º relato	Hoje é nosso dia de ir a biblioteca. Brincamos de escravos de jô (tentamos) Hoje visitamos o ambiente virtual, utilizamos o software edi que voltou a funcionar e montamos o data show para as crianças assistirem alguns desenhos animados como: Starlie e Lola; turma da Mônica e algumas músicas.			Biblioteca Brincar Desenhos Ambiente virtual
Campo Grande, 02 de outubro de 2009. Quinta – feira 24º relato	Nesta semana já estamos planejamento a semana da criança. Na semana da criança estamos querendo fazer jogos, gincanas, brincadeiras, e muita comelancia.		Alimentação	Jogos Gincanas Brincadeiras
Campo Grande, 03 de outubro de 2009. Sexta – feira 25º relato	Estamos pensando em fazer um passeio para a turminha, muito legal, estamos querendo ir na fazendinha com o city trem, foi muito divertido e proveitoso. A semana da criança será encerrada com grande festa para a garotada com bolos, sorvetes e outras gostosuras.		Alimentação	Aula passeio

Professora D	Rotina	Formação	Desafios e preocupações	Atividades
Campo Grande, 31 de agosto de 2009. Segunda-feira 1º relato				
<p>Fiz o antigo magistério e sou formada em Pedagogia (educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ainda pela mesma Universidade fiz um Curso de Extensão Tecnologias na Educação.</p> <p>Fiz o curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia (clínica, hospitalar e institucional) pelo Instituto Libera Limes.</p> <p>Recentemente conclui um curso de formação continuada oferecido pelo MEC em parceria com a Universidade do Espírito Santo (Pró-Letramento em Matemática) e já cursando o Pró-Letramento em Língua Portuguesa, também oferecido pelo MEC em parceria com Universidade Federal de Minas Gerais. Além participar das Oficinas de Língua Portuguesa e Matemática na Escola Benfica, encontros organizados pela Secretaria Municipal de Educação</p>		<p>Fiz o antigo magistério e sou formada em Pedagogia (educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ainda pela mesma Universidade fiz um Curso de Extensão Tecnologias na Educação</p>		
Campo Grande, 1 de setembro de 2009. Terça – feira 2º relato				
<p>Na verdade não queria ser professora, quando precisei escolher um curso noturno haviam apenas quatro opções e a melhor seria Pedagogia. Minha avó era professora, e me auxiliou e o meu tio enquanto professor durante as suas viagens.</p> <p>Quando era adolescente e cursava o Ensino Médio queria ser advogada, economista, administradora e contadora... Não me arrependo da escolha que fiz,</p>		<p>Não queria ser professora necessidade de fazer tudo bem feito e com muita seriedade.</p>	<p>Fico frustrada porque vejo outros profissionais que não se importam com a qualidade do que fazem.</p>	

no entanto, quero mais.				
Hoje tenho uma necessidade de fazer tudo bem feito e com muita seriedade. Às vezes eu fico frustrada porque vejo outros profissionais que não se importam com a qualidade do que fazem.				
Campo Grande, 2 de setembro de 2009. Quarta-feira 3º relato				
Eu trabalho na Educação Infantil há dez anos, num CEINF no Jardim Imperial (Athenas Sá Carvalho) e na Escola Municipal Consulesa Margarida Maksoud Trad, no bairro Estrela Dalva. No Ceinf, os meus alunos são do nível I (crianças de 2 anos) e na Escola sou professora do 4º ano.			Falta de experiência Formação maior	
A minha falta de experiência é porque não tenho uma formação maior. Acredito que conforme vai fazendo, estudando, pesquisando isso dê tranquilidade no fazer pedagógico.				
Campo Grande, 3 de setembro de 2009. Quinta-feira 4º relato				
O aprendizado das crianças, o retorno é muito rápido. As crianças quando são motivadas e adequadamente encantadas nos surpreendem. Quando aprendem uma música, quando narram uma historinha junto com você, quando brincam de roda, quando chutam a bola, quando correm para os seus braços para que você a proteja e dê carinho... Eles fazem o seu dia ficar leve e todos os dias eles te ensinam a ser melhor, a ser mais criativa, a buscar mais, a oferecer mais			Música Historinha Brincar Chutar bola	
Campo Grande, 4 de setembro de 2009. Sexta –feira 5º relato				
Hoje vou começar com a palavra respeito. O respeito com aluno é a coisa mais importante. Respeito pelo seu momento de aprendizagem. Respeito pelo seu			Respeito Dificuldade Sensibilidade Carinho	

pensamento e pela sua pessoa. O carinho também é muito importante. Carinho para acolher num momento de dificuldade. Sensibilidade para saber o que cada criança precisa naquele momento (limite, carinho de mãe, respeito, acolhida, de um não, de um olhar, de um aperto de mão, de um abraço).				
Campo Grande, 7 de setembro de 2009. Segunda –feira 6º relato Hoje é feriado.				
Campo Grande, 8 de setembro de 2009. Terça –feira 7º relato				
A minha rotina de sala de aula é regada de roda. A roda para música, oração, contagem, que dia é hoje? Janelinha do tempo (Como esta o dia hoje?), historinha, atividade pedagógica, brincadeiras no pátio, dança, relaxamento, assistir televisão, almoço e hora do soninho.	Roda			Roda Musica Oração Contagem Historia Brincadeiras Dança Relaxamento Tv Almoço Soninho
Campo Grande, 9 de setembro de 2009. Quarta –feira 8º relato				
Eu gostaria de mudar muitas coisas na rotina com as minhas crianças, mas o que tenho mais vontade de fazer é brincar mais com elas, principalmente de brincadeiras de pegar no colo e fazê-los de nenê. (Eu faço isso com freqüência, no entanto, gostaria de fazer a manhã toda porque é tão gostoso e eles ficam tão calminhos). Meus alunos são “bebês”, só tem 2 e 3 anos	Mudar a rotina			Brincar Brincar de nenê
Campo Grande, 10 de setembro de 2009. Quinta –feira 9º relato				
Vou falar um pouco dos projetos que trabalhei esse ano, foram vários projetos, dentre ele estão: Carnaval, Páscoa, Festa Junina, Pais, Folclore, Primavera, irei trabalhar a semana da Criança e para o mês de novembro vou trabalhar as Cores.				Projeto Carnaval, Páscoa, Festa Junina, Pais, Folclore, Primavera, Criança e cores

Os materiais didáticos que gosto e costumo usar são (recursos): livros de historinhas, revistas, CDs, DVDs, areia, tinta guache, cola, E.V.A., algodão, fantoche, fantasias, espelho, entre outros.				
Campo Grande, 10 de setembro de 2009. Quinta –feira 9º relato				
Eu tenho uma preocupação muito grande com relação a crianças, que é a questão da segurança, os pais cobram muito também. E a aprendizagem dessas crianças também me preocupa muito.			Preocupação com segurança e aprendizagem Cobrança dos pais	
Campo Grande, 11 de setembro de 2009. Sexta-feira 10º relato Hoje tivemos Pólo.				
	Pólo			
Campo Grande, 14 de setembro de 2009. Segunda – feira 11º relato				
Outra coisa que me preocupa é a relação com os pais, apesar de raramente ter contato com os pais dos meus alunos, na verdade só em momentos sociais. Mas eu acredito que quanto maior a participação dos pais melhor é o desempenho das crianças na sala de aula. Gostaria muito que os pais participassem mais, das atividades, dos eventos e da vida de seus filhos na escola.			Preocupação Na relação com os pais e a participação dos mesmos	
Campo Grande, 15 de setembro de 2009. Terça - feira 12º relato				
No CEINF não há equipe pedagógica, somente a diretora e secretária, porém quando preciso de suporte ela me auxilia.		Falta da equipe pedagógica	Apoio apenas da diretora Falta de treinamento	
Neste ano, a SEMED esta responsável pelo acompanhamento do nosso trabalho no CEINF, no entanto não estamos tendo nem treinamento. Não recebi nenhuma vez o suporte para planejamento. Este suporte acontece para as professoras do outro período. Na escola tenho uma excelente equipe pedagógica				
Campo Grande, 16 de setembro de 2009. Quarta – feira 13º relato				
Gostei muito de trabalhar a temática do dia das mães, pois Acredito que a valorização do relacionamento entre mãe e filho.			Preocupação em valorizar a relação mãe e filho	Projeto dia das mães Canções Poesias

Ao trabalhar uma temática como essa com os pequeninos, os levamos a "refletir" sobre a importância da mãe. Que apesar dela estar ausente durante o dia, ela é indispensável para a sua vida e desenvolvimento. A culminância deste projeto foi um café da manhã para as mães. Eles aprenderam canções e poesias e disseram momentos antes. Você vê o brilho no olhar destas mães, cheio de orgulho e surpresa pela capacidade que eles tem de encantar quem os ouve. Percebeu-se uma aproximação entre eles.				
Campo Grande, 17 de setembro de 2009. Quinta – feira 14º relato				
Já o dia dos pais é mais complicado. Nem todas as crianças tem o pai em casa: alguns estão presos, são separados,... A culminância deste projeto também foi um café da manhã com apresentação de músicas. Alguns pais foram representados pelas mães ou pelas avós. A preocupação com o desenvolvimento deste projeto é o de estreitamento dos laços entre as crianças e os seus pais. Porque apesar de muitos não terem constantemente a presença de seus pais, eles tem o direito de apreciar a presença daqueles que desempenham tal papel quer seja uma avó, tia, madrinha ou até mesmo a própria mãe.			Preocupação com o dia dos pais, pois nem todas as crianças tem a figura do pai	Musicas
Campo Grande, 18 de setembro de 2009. Sexta – feira 15º relato				
Eu me preocupo muito com a alimentação dos meus alunos. Normalmente o almoço. Nem todos gostam de se alimentar alguns se recusam comer, outros tem "preguiça" de colocar a colher na boca. Quando percebo que não querem comer imito avião, moto,... e do comida na boca. Sabe que eles gostam			Alimentação Carinho Atenção	

muito! Mesmo sendo tão pequenos já sabem que é bom ter alguém para dar carinho e atenção.				
Campo Grande, 21 de setembro de 2009. Segunda – feira 16º relato				
Eu ainda tenho uns cinco alunos que usam fraldas, raramente fazem xixi na roupa. A higienização deles é feita pelas recreadoras. Se necessário for, faço a higienização. E quando isso acontece gosto muito, porque posso conversar e brincar com eles. Sem em nenhum momento constrangê-los			Higiene realizada pelas recreadoras	Higiene momento que pode brincar e realizar a troca sem constranger
Campo Grande, 22 de setembro de 2009. Terça – feira 17º relato				
Eu trabalho em turmas diferentes. Na educação infantil e nas séries Iniciais. Gosto muito de trabalhar com turmas totalmente diferentes. Sinto prazer. No entanto, preciso estudar mais, inclusive assuntos diversificados. Já quis ficar só trabalhando com a Educação Infantil; no entanto, jamais, quis trabalhar somente com o Ensino Fundamental.		Gosto muito de trabalhar com turmas totalmente diferentes. Sinto prazer No entanto, preciso estudar mais, inclusive assuntos diversificados.	Estudar mais	
Campo Grande, 23 de setembro de 2009. Quarta- feira 18º relato				
Tenho uma preocupação muito grande relacionada a segurança das crianças tenho receio que se machuquem durante o tempo que estão no CEINF sobre minha responsabilidade e até mesmo quando estão muito agitados (mordem, batem, tomam brinquedos, rasgam as atividades do colega,...).			Preocupação com a segurança das crianças tanto na relação aluno – aluno como aluno e o adulto	
Tenho muito medo que alguém maltrate eles, num momento de irritação. Não acredito que isso aconteça, mas sempre fica uma insegurança.				
Campo Grande, 25 de setembro de 2009. Quinta – feira 19º relato				

Sabe... não me sinto muito realizada nesta profissão e se eu pudesse trocar eu trocaria.		Sabe... não me sinto muito realizada nesta profissão e se eu pudesse trocar eu trocaria.	Não se sente realizada	
Sinto muita vontade de fazer Administração de Empresas ou Educação Artística				

Campo Grande, 28 de setembro de 2009. Sexta – feira 20º relato

Tenho uma vontade de trabalhar em uma escola que seria o paraíso educacional. Uma escola com: jardins e pomares, uma biblioteca com milhares de exemplares, sala de multimídia, lousa digital ou pelo menos com pincel, carteiras almofadas e com notebook, salas com ar condicionado, televisão datashow, DVD, som portátil, microfone, lanche para os professores		Tenho uma vontade de trabalhar em uma escola que seria o paraíso educacional	Sonha com uma escola com jardins pomares....	
---	--	--	--	--

Campo Grande, 29 de setembro de 2009. Segunda – feira 21º relato

Já para os meus alunos queria uma escola com: jardins e pomares, uma biblioteca com milhares de exemplares, sala de multimídia, carteiras almofadas e com notebook para os alunos, salas com ar condicionado, lanche mais atraente, mais aula de educação física, aula de música, treinamento de esporte no horário inverso as aulas.				
---	--	--	--	--

Campo Grande, 30 de setembro de 2009. Terça – feira 22º relato

Eu sonho muitas coisas para meu futuro profissional. Como a minha valorização profissional, como professora. Irei provavelmente cursar uma nova pós (Arteterapia). Acredito que um dia seremos vistos como excelentes profissionais, através do nosso trabalho.		Eu sonho muitas coisas para meu futuro profissional. Como a minha valorização profissional, como professora.	Valorização profissional	
--	--	--	--------------------------	--

Campo Grande, 01 de outubro de 2009. Quarta – feira 23º relato.

Hoje teremos reunião		reunião		
----------------------	--	---------	--	--

Campo Grande, 02 de outubro de 2009. Quinta – feira 24º relato

Estou preocupada com o que				Filmes
----------------------------	--	--	--	--------

faremos no dia das crianças. Estamos pensando em fazer a semana da criança e fazer apenas coisas que as crianças amam. Como: ver filmes, cama elástica, brincadeiras, história entre outras coisas.				Brincadeiras Histórias
---	--	--	--	---------------------------

Campo Grande, 03 de outubro de 2009. Sexta – feira 25º relato				
Estou muito cansada. E como é o último dia que vou escrever. Vou desabafar e dizer que nós professores também nos cansamos e muito. Preciso de férias. E estou chateada com o prefeito que não nós dará a semana do saco cheio.			Férias	

Professora E	Rotina	Formação	Desafios e preocupações	Atividades
Campo Grande, 31 de agosto de 2009. Segunda-feira 1º relato				
Hoje meu dia foi bom. Levei as crianças para brincar no parque. Elas ficaram felizes. Por causa do frio e da gripe H1N1 fazia tempo que nós não íamos no parque. Depois do parque fomos lavar as mãos e fazer xixi. Na hora do lanche as crianças comeram banana e mamão, mas eu tenho 7 alunos que não comem frutas. As pessoas que trabalham na cozinha não quis dar outros alimentos para elas. Não gosto de ver as crianças não comendo.	Higiene Lanche		Preocupação com a alimentação das crianças	Brincar
Campo Grande, 1 de setembro de 2009. Terça – feira 2º relato				
Meu dia hoje não é fácil. Toda segunda-feira é isso. As crianças voltam manhosas. Parece que esquecem tudo que ensinei. Mas pior ainda é a mãe e o pai de todos os alunos. Eles sempre metem o bedelho naquilo que não entendem. A única preocupação é com a alimentação se vai comer, não tem comida, não tem iorgute, não			<i>Dificuldade para colocar as crianças na rotina Cobrança dos pais: preocupação com alimentação dos seus filhos</i>	

tem pão com requeijão, não tem bolacha passatempo, porque meu filho só gosta disso.				
Campo Grande, 2 de setembro de 2009. Quarta-feira 3º relato				
<p>Hoje foi um dia ruim não gosto quando os pais reclamam. Me sinto mal. Nada que faço está bom. Eles nunca vem aqui falar: obrigada por ter cuidado do meu filho. Obrigado por ter dado carinho para o meu filho. Obrigado por ter ensinado meu filho.</p> <p>Não.</p> <p>Sempre eles vem aqui só para reclamar. Agora a reclamação é que o Victor mordeu o Marcelo. Essa mãe nem consegue cuidar de um filho em casa e não entende que eu tenho uma sala cheia.</p>			Falta de reconhecimento do trabalho perante os pais Sala cheia	
Campo Grande, 3 de setembro de 2009. Quinta-feira 4º relato				
<p>O dia de hoje foi legal. A Paola e a Giovanna já reconheceram todas as palavras que correspondem aos animais.</p> <p>Elas já sabem os nomes dos animais. O nome delas. Eu gosto de ver o rendimento das duas.</p> <p>Elas são esforçadas comem de tudo. São sociáveis. Participam de tudo. Elas já sabem a seqüência numérica e já somam 5 mais 5, 3 mais 2, 4 mais 1. Elas gostam de todas e de tudo. Gostam de desenhar, pintar.</p> <p>Quando trabalham com massa de modelar sai cada coisa linda.</p>			Preocupação com alimentação das crianças	atividade: leitura e escrita, seqüência numérica, adição, desenhar e pintar
Campo Grande, 4 de setembro de 2009. Sexta -feira 5º relato				
<p>Toda sexta-feira é sempre um dia bom. Gosto muito desse dia, as crianças trazem brinquedos e brincam. Quando elas brincam elas ficam mais tranquila e mais felizes. Elas comem melhor e dormem melhor.</p> <p>Acho que elas deveriam brincar mais e livremente. Essa historia de o tempo todo ficar direcionando a brincadeira é muito chato. Nem sempre elas</p>			Alimentação	Brincar

gostam de brincar do que eu proponho. Quando elas brincam livremente é bem melhor.				
Campo Grande, 7 de setembro de 2009. Segunda –feira 6º relato				
Hoje é feriado.				
Campo Grande, 8 de setembro de 2009. terça –feira 7º relato				
Toda segunda-feira é isso, uma luta para as crianças retornarem na rotina delas. As vezes penso que a criança deveria ir para escola todos os dias. Ela não deveria ficar com os pais que deseducam. Segunda-feira é um dia que não dá certo nada. Não consigo fazer os horários e a rotina funcionar. A atividade não funciona não consigo atingir meus objetivos com as atividades. A diretora sempre esta de mal humor o pessoal da cozinha também, acho que não deveria ter segunda-feira.			Dificuldade para colocar as crianças na rotina	
Campo Grande, 9 de setembro de 2009. Quarta –feira 8º relato				
Estamos trabalhando com o projeto sobre alimentação. Hoje vamos fazer uma salada de frutas. Cada criança trouxe uma fruta. Nos cortamos, lavamos e todos comeram, até mesmo os que não gostam de frutas. A Vivi e a Samanta pediram para levar a salada de fruta para casa para a mamãe comer. Achei tão engraçado. As crianças comeram tanto que almoçaram muito mal.			Preocupação com alimentação	Projeto alimentação
Campo Grande, 10 de setembro de 2009. Quinta –feira 9º relato				
A diretora está cobrando novamente o rendimento do aprendizado dos alunos. As crianças ainda não sabem ler e escrever. Ela quer que as crianças saibam ler e escrever. Isso não é para as crianças dessa idade eles só tem 4 anos. Mesmo assim, eu tenho alguns alunos que já sabe algumas palavras, já			Cobrança da diretora com aprendizado das crianças	Seqüência numérica Desenhos Ler Escrever

<p>reconhessem o próprio nome, já sabe a seqüência numérica, faz desenhos lindos, mas não sabem ler e escrever tudo, não reconhece tudo.</p> <p>As crianças que leem os nomes já sabiam ler quando você começou dar aulas para elas?</p> <p>O que você faz para que ela aprenda o nome a seqüencia numérica?</p>				
--	--	--	--	--

Campo Grande, 11 de setembro de 2009. Sexta-feira 10º relato

<p>Hoje é novamente é sexta-feira, o dia estava lindo e fomos ao parquinho. As crianças brincavam livremente. Durante o brincar o Vinicius bateu na Giovane e puxou o cabelo dela, e a Vitória machucou no balanço do parquinho. A mãe queria me matar quando veio buscar a menina.</p> <p>O parquinho, ou melhor ir ao parquinho é gostoso, mas não é fácil. Percebo que as crianças gostam de ir ao parquinho eu também gosto de levar mas dá muita dor de cabeça.</p>			Dificuldades para acompanhar as crianças no parquinho	Brincar
--	--	--	---	---------

Campo Grande, 14 de setembro de 2009. Segunda – feira 11º relato

Pólo	Pólo		
------	------	--	--

Campo Grande, 15 de setembro de 2009. Terça - feira 12º relato

<p>Hoje faltaram 5 alunos acredito que é devido ao feriado. Nesta próxima quinzena vamos trabalhar o projeto sobre os animais mamíferos.</p> <p>Como temos muitos animais mamíferos vou perguntar para as crianças quais são os mamíferos que eles querem conhecer melhor. Ou que eles tem mais curiosidade.</p> <p>Vou iniciar o projeto nesse caminho.</p> <p>Por que você começou esse projeto dessa maneira.</p>			Projeto animais mamíferos Conhecimento prévio dos alunos sobre os animais mamíferos
--	--	--	---

Campo Grande, 16 de setembro de 2009. Quarta – feira 13º relato

Ao perguntar para as crianças quais os animais mamíferos eles gostariam de conhecer surgiu não		Estudar para dar aula	Conhecimento prévio dos alunos
--	--	-----------------------	--------------------------------

<p>só os mamíferos quanto outros animais.</p> <p>Dentro os mamíferos as crianças escolheram: vaca, cachorro, gato, cavalo, carneiro e ovelha.</p> <p>Apareceram outros animais como: morcego, papagaio, coelho, abelha, macaco, cobra, jacaré e pacu.</p> <p>Agora vou pesquisar um pouco, pois tem alguns animais que eu não tenho certeza se é ou não.</p>				
--	--	--	--	--

Campo Grande, 17 de setembro de 2009. Quinta – feira 14º relato

<p>Eu não sabia, mas os morcegos são animais mamíferos. Quase que eu disse a eles que não era. Sorte que eu pesquisei antes. O coelho também é um animal mamífero e eu nunca vi ninguém dando mamadeira para ele.</p>		Estudar para dar aula		
---	--	-----------------------	--	--

Campo Grande, 18 de setembro de 2009. Sexta – feira 15º relato

<p>O projeto esta bem legal. As crianças gostam muito de animais e os mamíferos então, eles amam. Muitas crianças tem animais de estimação em casa, no geral são gatos e cachorros.</p> <p>Muitos já viram cavalos, coelhos, vacas, entre outros.</p>	<u>Satisfação</u> Com o trabalho			
---	-------------------------------------	--	--	--

Campo Grande, 21 de setembro de 2009. Segunda – feira 16º relato

<p>Hoje é um dia muito difícil. As crianças demoram para retornar na rotina. Elas não deveriam ter finais de semana.</p> <p>Os pais são sempre assim, acho que por ficarem longe a semana toda no final de semana eles mimam muito.</p> <p>As crianças não comem direito nos horários certos.</p>			Dificuldade para trabalhar com a rotina	
---	--	--	---	--

Campo Grande, 22 de setembro de 2009. Terça – feira 17º relato

<p>Retomando as atividades das crianças. Hoje nós vamos na fazendinha. Passear e ver os animais, apesar de morarmos no interior existe muitas crianças que conhecem</p>	Passeio		Passeio	
---	---------	--	---------	--

Campo Grande, 23 de setembro de 2009. Quarta- feira 18º relato

Professora de atestado				
------------------------	--	--	--	--

ANEXO 4
Roteiro da Entrevista

Roteiro de Entrevista

Bloco A: Dados Biográficos Gerais

- 1) Fale um pouco sobre a escola que estudou.
- 2) Quais lembranças você tem das professoras que passaram pela sua vida?
- 3) O curso de Pedagogia foi sua primeira escolha?
- 4) Quando e porque você começou a fazer Pedagogia?
- 5) Você gostaria de fazer outro curso? Qual?
- 6) E hoje você continua querendo ser professora ou tem vontade de mudar de profissão?

Bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários

- 1) Além desses acordos (horários de almoço, horários das capacitações) que você cita, tem mais alguns que te incomodam Porque incomodam? Você não gosta dos acordos?
- 2) Percebi que aparece nos seus diários uma preocupação com alimentação das crianças. Porque isso é tão importante para você?
-Além disso, você realiza outras coisas que não aparecem aqui?
- Dessas atividades qual você acha mais importante?
- Ou ainda qual você não deixaria de fazer?
- 3) Como foi à escolha do livro didático que você utiliza? Porque acha que deve usá-lo?
- 4) Como você utiliza o livro didático (um conteúdo atrás do outro, separa algumas atividades)
- 5) Como é realizada a escolha dos temas desses projetos (projeto sobre alimentação, cores, meio ambiente) onde você aprendeu que isso é importante ou não?
- 6) No seu diário aparece alguns recursos como: recorte colagem, elaboração de painel, cartaz, listas. Por que você utiliza esses recursos??, com quem você aprendeu a fazer um cartaz ...
- 7) Esses espaços que você cita: parque, biblioteca, multimídia, pátio, brinquedoteca. Qual desses ambientes você mais gosta de trabalhar?
Por que?
- .

9) O que te desafia, o que é necessário para você ser desafiada.

Bloco C: A formação do professor

1) Você relatou que sente necessidade de estudar para dar aulas, o curso que fez não foi suficiente. Do que você sente necessidade? O que faltou na sua formação.

2) Como foi sua formação inicial?

3) Fez Pedagogia onde? Por que você escolheu esta instituição? Você gostaria de ter estudado em outra Universidade?

4) No período do seu Curso quais foram seus maiores desafios?

5) Foi importante fazer Pedagogia? Em que sentido? Fez alguma diferença?

6) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

7) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

8) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez Pedagogia?

9) Onde você aprendeu a trabalhar com as crianças como você faz?

10) A rotina da sala de aula, (aquilo que você faz a cada dia) é decidido por você, ou é sugerido pela escola, SEMED ou SAS?

11) E a formação continuada?

12) Esse curso foi custeado por você ou pela SEMED?

13) Você tem a opção de escolher o curso?

14) Que cursos tem feito?

15) O que Aprendeu de interessante nesses cursos

16) Foi importante fazer essa formação? Em que sentido? Fez alguma diferença?

17) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

18) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

19) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez essa formação?

20) Você acredita que essa Formação mais a formação Inicial são suficientes para te dar conhecimentos para que você tenha uma boa prática em sala de aula?

ANEXO 5

Transcrição das entrevistas

Professora A

Roteiro de Entrevista

Bloco A: Dados Biográficos Gerais

7) Fale um pouco sobre a escola que estudou.

R: eu estudei em 2 escolas. O primeiro grau eu fiz perto da minha casa, era uma escola pequena e bem tradicional. Tinha aquelas coisas de hino, jogos interclasse. Por ser pequena eu conhecia todo mundo era muito gostoso. A partir da 2 serie minha irmão ia comigo.

Minha professora que eu mais amava era da 3 serie. Nós tínhamos uma relação muito próxima, você conhece todo mundo e tenho muitas lembranças boas desse período, as festas que tinham, as coisas que a escola promovia.

Minha professora da alfabetização era baixinha, gorda, mas não lembro o nome dela. Hoje eu tenho trauma de ler em publico, pois quando eu estava nas series iniciais eu tive que ler para o 3 ano. Eu levei o gibi para casa para estudar e ainda eu trocava r pelo l. quando eu fui ler eu passei tanta vergonha ...e ate hoje eu tenho vergonha de ler em publico eu posso falar, mas ler não.

Eu tenho uma amiga a Cássia que começamos estudar juntas desde a 6 serie ate a 8 serie. Foi ela que descobriu que no Joaquim Murtinho tinha muita vaga para o Magistério e como queríamos estudar no Joaquim Murtinho, uma escola central e a nossa intenção era fazer o magistério e depois pedir transferência para o científico. Nós éramos novas e nem sabíamos o queríamos.

Mas o magistério nos encantou e pedir transferência não era tão fácil assim, então decidimos ficar no magistério.

Nos tínhamos as aulas de manhã e a tarde nós tínhamos estágio. Nos almoçávamos no centro era muito legal.

No segundo ano eu tive que trabalhar no consultório e ai eu fiz as aulas de manhã e algumas a tarde. Ai minha amiga Cássia ficou de mal de mim, pois ela achou que eu trai ela mudando os meus horários de aula, mas eu tinha que ir trabalhar.

No 4 ano ela foi estudar no mesmo horário que o meu, mas ai nossa amizade não era mais a mesma.

Depois que eu terminei fui fazer Pedagogia na UEMS e foi lá que eu me formei.

8) Quais lembranças você tem das professoras que passaram pela sua vida?

R: minha professora do 1 ano, eu me lembro das musicas, do alfabeto desenhado, do carinho, afeto, não lembro de atividades, dessas coisas. Só lembro dela falando a letrinha a vai e volta igual ao avião.

Na 2 série eu só lembro da professora do Gibi. Já na 3 série eu amava a professora, ela parecia minha mãe, ela carinhosa muito bacana, mesmo depois ela me abraçava me beijava ate na 8 série.

No 4 série era a professora Maria Inês ela morreu de câncer. Ela brava para dedeu. Ela tomava muita tabuada, ela chamava um por um. Ela deixava a gente brincar, acho que ela já estava cansada da gente.

Na 5 serie eu tinha vários professores. A professora Ingrid me marcou muito. Ela professora Geografia ela era muito serioa.

Na 6 serie só lembro onde era minha sala e meus alunos. Na 7 série eu lembro da professora de Português que levava caixa de leitura, roda leitura, ela trabalhava várias dinâmica , era legal porque não tinha cobrança ela pedia um relatório e falava para ela e estava bom.

A 8 série eu muitos professores bons, a Maria de Lourdes de matemática, o professor de química, mas não tem mais aquelas coisas.

9) O curso de Pedagogia foi sua primeira escolha?

R: não. Minha escolha foi Biologia. Eu gostava muito. Eu fiz um semestre de Biologia na UCDB. Eu parei porque eu morava muito longe e trabalhava no Ceinf e a minha diretora pediu para eu fazer Pedagogia. Eu não agüentava viajar de um lado para outro na cidade.

10) Quando e porque você começou a fazer Pedagogia?

R: eu fiz Pedagogia porque eu queria continuar trabalhando com as crianças na creche. Ai eu tranquei o curso de Biologia e fui fazer Pedagogia na UNAES, mas como só dava Habilitação para Gestão eu fui para UEMS que tinha um convênio com as creches do município.

11) Você gostaria de fazer outro curso? Qual?

R: eu já tive vontade de fazer Direito, essa semana eu tive saudades da Biologia, mas não faria outro curso universitário.

12) E hoje você continua querendo ser professora ou tem vontade de mudar de profissão?

R: eu continuo querendo ser professora e não me vejo fazendo outra coisa.

Bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários

3) Além desses acordos (horários de almoço, horários das capacitações) que você cita, tem mais alguns que te incomodam Porque incomodam? Você não gosta dos acordos?

R: tem outras coisas, por exemplo se eu tiver algo importante para fazer e o professor que tem que entrar na sala falta isso me irrita muito. Se marcar as capacitações nos horários que eu tenho compromisso eu fico furiosa.

4) Percebi que aparece nos seus diários uma preocupação com alimentação das crianças. Porque isso é tão importante para você?

R: eu me preocupo muito, por que acredito que é importante para o desenvolvimento deles, saco vazio não para de pé. Muitos deles não se alimenta em bem casa. E uma alimentação mais equilibrada ajuda o rendimento na escola.

4) Pude observar que sua rotina esta envolvida por: combinados, história, música, leitura, brincadeiras, parque, pesquisa, desenho, exposições e experimentação.

-Além disso, você realiza outras coisas que não aparecem aqui?

R: Tem sim modelagem e brinquedos, filmes entre outras coisas.

- De onde vem essa forma de organizar o seu dia (lembra-la se foi da formação inicial , na continuada é da escola. Ou você viu alguém fazer dessa forma?

R: a semed tem um modelo de rotina, e a gente faz adaptações. O quadro que eles mandam é para 20 horas, mas eu trabalho 40. Eu tenho autonomia para adaptar o meu quadro de rotina.

Por exemplo o magistério me ensinou que eu deveria fazer combinados, por que é uma forma de colocar os limites e seus direitos, isso é uma organização de convívio. Todas essas coisas eu aprendi no magistério na pedagogia isso só foi reforçado. Na pedagogia eu vi muito a teoria e no magistério eu lembro mais das aulas de metodologias. O magistério foi mais prático e a pedagogia foi mais teoria.

3a - Dessas atividades qual você acha mais importante?

R: eu acho que a rotina e a contação de história. Eu gosto muito do quadro de rotina pois eu me localizo e as crianças também elas sabem o que vai acontecer e isso dá mais segurança para elas.

3b- Ou ainda qual você não deixaria de fazer?

R: eu não deixaria de fazer nenhuma, pois todas são importantes e depende dos meus objetivos.

5) Como foi à escolha do livro didático que você utiliza? Porque acha que deve usá-lo?

R: não teve escolha a semed que mandou, a única escolha foi a forma de trabalhar com ele.

6) Como você utiliza o livro didático (um conteúdo atrás do outro, separa algumas atividades)

R: o livro didático eu uso mais como um recurso, se eu estiver trabalhando um conteúdo e tiver algo para ajudar eu uso se não não.

7) Como é realizada a escolha dos temas desses projetos (projeto sobre alimentação, cores, meio ambiente) onde você aprendeu que isso é importante ou não?

R: as escolhas é realizada por meio de uma reunião com a coordenação e as outras professoras do pré.

Eu trabalho com projetos pois a minha carga horária tem um horário para isso. E a semed determina que trabalhamos com o projeto. Mas eu gosto de trabalhar com projetos, pois é uma forma mais organizada é uma de ter mais objetivo e é mais sistematizado.

8) No seu diário aparece alguns recursos como: recorte colagem, elaboração de painel, cartaz, listas. Por que você utiliza esses recursos??, com quem você aprendeu a fazer um cartaz ...

R: é uma maneira de desenvolver várias habilidades, inclusive a leitura e escrita, é um momento que eles tem contato a leitura e escrita e várias formas de organização, e assim eles conseguem aprender os conteúdos. E escrita da lista é muito rica.

Eu aprendi a fazer no magistério e no curso de Pedagogia. Na Pedagogia eu aprendi fazer isso nas disciplinas de didática e metodologia da alfabetização.

9) Esses espaços que você cita: parque, biblioteca, multimídia, pátio, brinquedoteca. Qual desses ambientes você mais gosta de trabalhar?

Por que?

R: tem o ambiente virtual. Eu não gosto do sol do parque, nem da areia, nem dos brinquedos de ferro. Eu gosto do pátio, pois é maior e eu posso desenvolver varias atividades.

10) O que te desafia, o que é necessário para você ser desafiada.

R: a questão do ensinar é sempre um desafio. Fazer com que as crianças aprendam, ensinar isso me desafia muito. Aprender a se comportar, a prender os valores, o educar é um desafio. Acho que hoje na Educação a gente faz muitas outras coisas que vão alem de ensinar a ler e escrever.

Bloco C: A formação do professor

1) Você relatou que sente necessidade de estudar para dar aulas, o curso que fez não foi suficiente. Do que você sente necessidade? O que faltou na sua formação.

R: Nem o curso de Pedagogia nem o Magistério foi suficiente. A cada ano que você pega uma turma diferente você sente necessidade de buscar mais.

Eu sinto muita falta de uma formação continuada que realmente atenda a necessidade do professora. Porque essa formação continuada em serviço as vezes acaba sendo uma reunião pedagógica.

Na minha formação faltou mais vivencia pratica. O estagio que eu fiz foi só no final do curso. Eu queria um estagio que me desse noção do que ia enfrentar, queria estudar a teoria depois ir ver no estagio e voltar de novo para sala de aula para discutir e depois voltar para o estagio. Esse negocio de ir observar e só não é suficiente.

2) Como foi sua formação inicial?

Minha formação inicial foi no Magistério, foi boa eu aproveitei muito. Eu tive ótimos professores. Minha professora de estagio foi ótima. Eu vejo que as minhas amigas que fizeram Pedagogia não tiveram a mesma formação que a minha.

Meus professores eram comprometidos e os alunos eram cobrados. Eu tive dificuldade com as matérias de metodologia da matemática, metodologia de ciências, era um pouco vago.

3) Fez Pedagogia onde? Por que você escolheu esta instituição? Você gostaria de ter estudado em outra Universidade?

R: eu fiz Pedagogia na UEMS, era de 15 em 15 dias. Bom eu escolhi esta instituição porque tinha um convenio do município com o estado, só poderia estudar na UEMS quem era funcionário do município.

Eu queria fazer Biologia na UCDB, mas se fosse Pedagogia eu nunca quis outra instituição.

4) No período do seu Curso quais foram seus maiores desafios?

R: meus maiores desafios foram aliar os estudos a jornada de trabalho. Acho que só isso. Não é fácil trabalhar e estudar.

5) Foi importante fazer Pedagogia? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: foi importante, pois foi um complemento na minha do magistério. Fez diferença, no meu preparo para o concurso. Na minha atuação em sala de aula. Eu passei ter mais segurança e passei argumentar e saber o por que estou fazendo o que eu estou fazendo. Eu consigo responder vários questionamentos e comprehendo mais a minha pratica

6) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: uma coisa que eu adorei foram as aulas de artes. Minha professora levava muita coisa. As aulas eram fantásticas. E muita coisa eu uso na Educação Infantil. Tipo:

pinturas no isopor, carimbos, misturas de tintas, pintura de caixas, trabalho com releitura co obras de artes, recorte e colagem com vários materiais.

7) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: não. Com o curso eu consegui aprimorar meus conceitos, se tivesse mais cursos eu acho que melhoria mais.

Eu tive que correr de muita coisa que o magistério. A gente fala da teoria e da pratica não tem nada haver, e na Pedagogia ela me fez refletir que a minha pratica esta embasada em uma teoria, e eu buscar uma teoria melhor para desenvolver minha pratica.

Nas aulas de fundamentos da Educação Infantil nos estudamos os principais teóricos e me fez compreender que muitas coisas que esta na sala de aula na rotina não fui eu quem inventou. Igual as cadeiras pequeninhas eu achava que era assim por que era assim por que é bonito. Tem uma concepção de criança de infância.

8) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez Pedagogia?

R: a organização das atividades, a capacidade de perceber que não esta dando certo e mudar e nem ficar insistindo e nem jogar a culpa na criança.

Eu sei que as crianças devem fazer atividade de puxar, recortar, colar de fazer se não não dá certo a criança briga e sobra muito tempo.

9) Onde você aprendeu a trabalhar com as crianças como você faz?

R: no magistério e no curso de Pedagogia

10) A rotina da sala de aula, (aquilo que você faz a cada dia) é decidido por você, ou é sugerido pela escola, SEMED ou SAS?

R: tem sugestão da SEMED, mas sou quem decide.

9) E a formação continuada?

A SEMED ofereceu alguns cursos, como os Pólos que ocorre bimestralmente. O NUAC também faz um acompanhamento tanto virtual com presencial. Também tem os cursos que a prefeitura compra.

a) Esse curso foi custeado por você ou pela SEMED?

R: eu também fiz Pos graduação “leitura e escrita dos anos iniciais com ênfase em alfabetização” e foi pago pela prefeitura.

b) Você tem a opção de escolher o curso?

R: eu tenho opção de escolher o curso. Mas a formação em serviço não, só tem isso e acabo.

c) Que cursos tem feito?

R: Pos graduação “leitura e escrita dos anos iniciais com ênfase em alfabetização”, Gestão escolar, coordenação, supervisão e orientação esse eu pago.

No pólo são temas envolvendo alfabetização, tecnologia, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade.

d) O que Aprendeu de interessante nesses cursos

R: os pólos são muito repetitivos e cansativos, existe uma troca de experiência entre os professoras mas já saturou.

Já nas Pós trouxe algumas coisas interessantes, sobre alfabetização a proposta da pesquisa foi interessante, pois eu não tive isso na graduação e nem no magistério.

e) Foi importante fazer essa formação? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: sempre é importante a formação, tanto a Pós quanto os pólos. Acredito que toda formação é importante desde que a gente se proponha a aprender, sendo assim foi importante porque eu tentei trazer para minha prática.

Ficar três semanas no São Julião foi bom, por que eu voltei a ajudar, força você aprender tanto pessoal quanto profissional.

f) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: as semanas no São Julião, pois lhamos no período da manhã e tarde discutíamos e depois ainda escrevíamos sobre as temáticas que foram lidas.

g) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: sinceramente trabalharia.

Ele apenas complementou algumas coisas.

h) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez essa formação?

R: talvez tenha mudado alguma coisa que eu não tenha percebido, mas não teve grandes mudanças.

i) Você acredita que essa Formação mais a formação Inicial são suficientes para te dar conhecimentos para que você tenha uma boa prática em sala de aula?

R: eu acho que me deram conhecimentos, mas não são suficientes eu acho que devemos sempre buscar mais e mais, as coisas, as situações vão mudando e é necessário mais conhecimentos.

Professora B

Roteiro de Entrevista

Bloco A: Dados Biográficos Gerais

13) Fale um pouco sobre a escola que estudou.

R: eu estudei no colégio São José, na verdade meus pais queriam que eu estudassem em colégio de freira especificamente no colégio Nossa Senhora Auxiliadora, mas era muito caro e não podíamos pagar, naquela época os alunos bons do São Jose conseguiam bolsa no colégio Auxiliadora. Então fui para o São Jose. E lá eu estudei até a oitava série. Depois eu fui para Colégio Auxiliadora fazer o Magistério.

Era escola de freira. Nós rezávamos todos os dias. Na escola não podia correr, pular e gritar, tinha que usar saia com pregas azul marinho e camisa branca e conga azul era horrível.

Ate hoje eu odeio tênis por causa do conga.

14) Quais lembranças você das professoras que passaram pela sua vida?

R: eu não gostava muito, naquela época eram as freira que davam as aulas elas eram tradicionais e muito duras. Sempre muito grossas, falando de pecado, e o que nós

viraríamos quando crescemos. O tempo todo chamava os pais, para reclamar da gola da camisa que estava encardida era terrível...

15) O curso de Pedagogia foi sua primeira escolha?

R: ou seria professora ou freira. Preferi me tornar professora. Nunca pensei sobre isso. Parece que não havia outra possibilidade na minha vida.

16) Quando e porque você começou a fazer Pedagogia?

R: eu fiz Pedagogia porque tinha feito Magistério. Eu comecei a trabalhar enquanto estava fazendo o Magistério e depois quis estudar. Fazer uma faculdade, ser formada, encher a boca para falar que tinha nível superior. Já podia ser pressa em cela especial.

17) Você gostaria de fazer outro curso? Qual?

R: nunca me vi em outra profissão, meu sempre falava ou freira ou professora e aqui estou. Nunca almejei fazer outro curso ser outra profissional.

18) E hoje você continua querendo ser professora ou tem vontade de mudar de profissão?

R: continuo, mesmo por que não sei fazer outra coisa. Rsrs.

Bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários

5) Percebi que aparece nos seus diários uma preocupação com alimentação das crianças, não só na escola como em casa também. Porque isso é tão importante para você?

R: primeiro saco vazio não para em pé, rsrs. Essas crianças são tão fraquinhas. Os pais também enchem o saco quanto a alimentação dos filhos. A maioria dos pais quando eu vou entregar me pergunta. – o meu filho comeu, a pergunta é sempre a mesma. Por mais que tenha que dar remédio a primeira pergunta sempre é essa.

2) Você relatou que utiliza muitos filmes, como: documentários, desenhos, filmes infantis e religiosos. Com quem você aprendeu a fazer isso? Acredito que esse recurso tem contribuído nas suas aulas, fale mais sobre isso.

R: eu acho que a imagem ajuda a ilustrar aquilo que eu quero explicar ou ensinar para eles. Me dá a possibilidade de discutir outras coisas e ainda eu levo eles para viajar. Não é só a leitura que faz com que a gente viaje o filme também.

3) Pude observar que sua rotina está envolvida por: ficha de leitura, pesquisas, filmes, documentários, desenhos e cartaz.

-Além disso, você realiza outras coisas que não aparecem aqui?

R: aula passeio, atividade do livro didático, difícil lembrar assim, mas tem mais atividades.

- De onde vem essa forma de organizar o seu dia (lembra-la se foi da formação inicial , na continuada é da escola. Ou você viu alguém fazer dessa forma?

R: é uma mistura, tem algumas ações que eu faço que aprendi errando, tem outras ações que aprendi com a diretora, nos cursos, e na formação. Mas não te dizer onde que eu aprendi isso ou aquilo.

- Desses atividades qual você acha mais fundamental?

R: os filmes pra mim são fundamentais, sempre eu consigo trabalhar bem com eles, eu consigo atingir meus objetivos com eles, mas tem época que as crianças não querem mais ver.

- Ou ainda qual você não deixaria de fazer?

R: passar os filmes eu gosto, mas tem vez que as crianças não querem mais.

5) Como foi à escolha do livro didático que você utiliza? Porque acha que deve usá-lo?

R: a SEMED que mandou o que tinha lá, mas eles deixaram bem claro que era isso que tinha. Tem algumas atividades que eu aproveito e outras não. Não sou obrigada a usar o livro inteiro. Muitos pais já reclamaram, eles acham que devemos usar o livro inteiro um conteúdo atrás do outro.

6) Como você utiliza o livro didático (um conteúdo atrás do outro, separa algumas atividades)

R: as atividades de matemática eu sempre uso todas o restante não. Se for ao encontro daquilo que estou trabalhando eu dou senão fica e os pais dão nas ferias para as crianças em casa, rsrs.

7) Como é realizada a escolha dos temas desses projetos onde você aprendeu que isso é importante ou não?

R: os projetos nos escolhemos conforme as ações das crianças aqui na escola. O meio ambiente, as crianças pisavam nas gramas e as vezes passavam por cima das árvores que estão crescendo. Ai nos fizemos um projeto sobre a importância do meio ambiente e começamos com a função da árvore, é esse o start, a necessidade da nossa realidade.

Eu já quis desenvolver projetos que não tinha nada haver. Uma vez na Pós nos estávamos discutindo sobre o consumismo, lá fui eu trabalhar essa temática. Não deu nada certo, as crianças aqui não consomem nada, rsrs

8) No seu diário aparece alguns recursos como: ficha de leitura, pesquisas e cartaz. Por que você utiliza esses recursos? Com quem você aprendeu a fazer um cartaz?

R: eu aprendi a fazer cartaz com babados no Magistério e depois eu aprendi na Pedagogia que não podia ter babados, por que senão chama muita atenção para decoração e a escrita fica de lado.

A importância da ficha de leitura eu aprendi no magistério e da pesquisa e dos projetos eu aprendi na Pedagogia e agora eu estou aprendendo sobre a metodologia da Problemática, as nossas ações mudam e mudam muito.

9) Esses espaços que você cita: parque, biblioteca, multimídia, pátio, brinquedoteca. Qual desses ambientes você mais gosta de trabalhar?

Por que?

R: eu gosto de todos, mas no parque as crianças ficam mais felizes. Mas é o local que eu menos levo, sempre esta quente, tem areia tem criança que tem alergia, se eu levo um e não levo o outro é complicado.

Eu gosto da multimídia e da sala de informática. As crianças gostam de fazer atividades utilizando essas tecnologias que tem imagem e ação.

Bloco C: A formação do professor

1) Você relatou que sente necessidade de estudar para dar aulas, o curso que fez não foi suficiente. Do que você sente necessidade? O que faltou na sua formação.

R: eu não sei se faltou na minha formação, mas tenho dificuldade para lidar com crianças violentas, os pais eu não tenho paciência para conversar com eles. São nessas atitudes que eu tenho muita dificuldade.

2) Como foi sua formação inicial?

R: minha formação foi boa, eu fiz Pedagogia na UNAES e formei em 2004. Uma faculdade pequena com bons professores, queria ter aproveitado mais, mas estava casada. Ia só para cumprir as aulas, nunca podia fazer trabalhos em grupo e coisas do gênero, só sinto não ter vivido mais essas experiências.

Eu estudei muita teoria e senti falta da prática.

3) Fez Pedagogia onde? Por que você escolheu esta instituição? Você gostaria de ter estudado em outra Universidade?

R: escolhi essa por que minha cunhada ia estudar lá, e não teria maiores conflitos em casa com o marido.

4) No período do seu Curso quais foram seus maiores desafios?

R: os desafios foram de driblar o marido para a faculdade, eu não podia perder um ônibus, isso é eu não conversar com o professor depois da aula para tirar dúvida de nada. Não podia fazer trabalho em grupo por que o marido queria a minha presença em casa.

4) O que você aprendeu?

R: muita teoria que justifica a minha prática, eu tinha algumas ações que eu nunca sabia se estava correta ou não, eu era uma mãe com bom senso depois da Pedagogia eu virei uma professora com uma teoria e uma justificativa no que faz. Pode ser que as vezes eu não acerto mas eu tento e também sei ver quando eu estou fazendo errado e quando estou errando.

5) Foi importante fazer Pedagogia? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: eu passei entender de fato a importância do meu trabalho, de um trabalho de uma profissional, não uma tia boazinha que cuida. E eu só conseguir ver isso estudando entendo a teoria, mas tem algumas ações que esses povo que escreve fala que eu não entendi ainda, rsrs

6) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

Ah!!! Pra mim foi fazer esse curso, o marido sempre foi uma pedra no meu caminho e por muitas vezes nem sei como eu terminei. Tudo era bom, novidade, viver esses momentos de aprendizagem e troca foram importantes. Pra mim foi sair do meu universo.

7) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: não com certeza não. Eu passei a entender o que eu fazia, e como já disse deixei ser uma mãe, uma baba e passei a ser uma professora, uma educadora.

8) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez Pedagogia?

R: minhas ações e confiança no estava fazendo, antes da Pedagogia agia pelo bom senso agora eu entendo o que eu faço por conta da teoria que eu e discuti no curso. Por exemplo antes eu mãe que cuidava dava comida na boca, sempre como uma babá, agora eu quero que meus alunos tenham autonomia e por mais que derrubem a comida na mesa é um processo que eles que passar. Se eu for a babá eu não vou ajudar nesse processo, mas é claro que tem dia que a criança está mal com febre, doentinha cheia de dengue ai eu ajudo, incentivo.

9) Onde você aprendeu a trabalhar com as crianças como você faz?

R: aprendi na Pedagogia, não ser mais a mãe, a babá e virar a professora. Mas é claro que tem muitas vezes que eu pego como uma coruja bem coruja.

10) A rotina da sala de aula, (aquilo que você faz a cada dia) é decidido por você, ou é sugerido pela escola, SEMED ou SAS?

R: no começo era decidi pela diretora, hoje eu que determino, a SEMED faz algumas sugestões, mas não interfere nas minhas decisões.

9) E a formação continuada?

R: eu fiz Pós em Educação Infantil, foi bom eu vi uma ações que eu poderia ter com as crianças, muitas pratica.

a) Esse curso foi custeado por você ou pela SEMED?

R: pela SEMED, nos podemos escolher uma pós que é paga pelo prefeito, mas sinto de continuar fazendo. Não gostaria que a Pós terminasse.

b) Você tem a opção de escolher o curso?

R: tem algumas possibilidades, mas atuar com a Educação Infantil só tem essa

c) Que cursos tem feito?

R; sempre tem curso sobre alfabetização e letramento, brincadeiras, matemática na educação infantil, sempre que é possível eu faço.

d) O que Aprendeu de interessante nesses cursos

R: aprendi como executar as minhas ações na sala de aula, e aprendi a origem, a historia por exemplo da matemática, do brinquedo.

e) Foi importante fazer essa formação? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: lógico que sim. Muito importante. Eu aprendi alguns conteúdos e algumas abordagens que eu não vi nem na Pedagogia nem no Magistério.

f) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: todos os momentos foram marcantes, pela aprendizagem, pelos professores e pelos colegas e mais as mudanças das minhas ações na sala de aula. Dessas que eu já relatei

g) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: lógico que não. Eu viveria numa retoma de vidro bem limitada, acreditando em achismos, ora dos pais ora das pessoas que trabalham comigo.

h) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez essa formação?

R: mudou minha pratica, eu acho que o fato de eu não olhar mais para eles como uma mãe e uma babá já foi um bom passo.

i) Você acredita que essa Formação mais a formação Inicial são suficientes para te dar conhecimentos para que você tenha uma boa prática em sala de aula?

R: não, infelizmente não. Não se isso é bom ou ruim. Eu tive a oportunidade de fazer a pós entre outros cursos, mas as pessoas que não tem essas oportunidade igual esse povo lá do sertão eles acabem tendo uma formação que não dá conta da sala de aula, por lado eu tivesse uma formação maravilhosa, com que eu faria essas trocas.....enfim é isso.

Professora C

Roteiro de Entrevista

Bloco A: Dados Biográficos Gerais

19) Fale um pouco sobre a escola que estudou.

R: a escola que eu estudei foi no interior. Eu sou de Rio Verde. Era uma escola pequena. Eu conhecia todas as pessoas. Eram meus vizinhos, meus amigos. A escola era continuação das coisas que aconteciam na minha casa, na minha rua, no meu bairro. Isso foi muito bom.

20) Quais lembranças você tem das professoras que passaram pela sua vida?

R: só tenho lembranças boas. Minha primeira professora era a esposa do dono da padaria e ela sempre levava guloseimas. Quem acertava o ditado ganhava o sonho de chocolate. Quem acertava o ai, oi, ia, eu, ganhava sonho de creme e era sempre assim. Entre bolos e doces ocorriam a aprendizagem bem SKINER.

Minha segunda professora era bem boazinha, mas não lembro o nome dela.

Depois eu só lembro que do professor de matemática. Gente como é difícil aprender essa disciplina. Eu sofri muito para aprender o básico da matemática para eu conseguir concluir o ensino médio. E esse foi o motivo que levou para Pedagogia, não muita matemática. E em Rio Verde eu fiz o magistério e depois eu fui para Campo Grande por motivos de doença na família. Comecei a trabalhar e fiz Pedagogia.

21) O curso de Pedagogia foi sua primeira escolha?

R: eu me imagina uma medica, mas tinha matemática, não pura, mas tinha disciplina que precisava de matemática. Como eu fiz o magistério eu vi física, química, sociologia....essas disciplinas do segundo grau.

22) Quando e porque você começou a fazer Pedagogia?

R: eu trabalhava, na podia parar para estudar o melhor foi aperfeiçoar em algo que eu já fazia. Então Pedagogia.

23) Você gostaria de fazer outro curso? Qual?

R: eu queria ser médica, vestir branco, mas não tinha condições nem de passar no vestibular, nem parar de trabalhar para estudar e aqui estou....

24) E hoje você continua querendo ser professora ou tem vontade de mudar de profissão?

R: gosto de ser professora e quero ser a melhor professora. Como naquele filme escritores da liberdade. Fico cheia de mim quando alguma mãe faz questão que seu filho fique na minha sala.

Bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários

- 6) Percebi que aparece nos seus diários uma preocupação com alimentação das crianças. Porque isso é tão importante para você?

R: a alimentação é algo que me preocupa muito, perdi dois irmãos por falta de nutrição. Eu comia pão com óleo quando era pequena. E feijão no café da manhã. Não quero que meus fiquem mal por falta de uma alimentação adequada. Não quero também que eles se enchem de bobageiras.

- 2) Pude observar que sua rotina está envolvida por: música, cantigas, dança, texto, filme, historinha, cinema, banho de mangueira leitura, brincadeiras, desenhos e jogos.

R: uma aula que eu adoro fazer é a aula passeio. E gosto de teatro.

-Além disso, você realiza outras coisas que não aparecem aqui?

R; aula passeio e teatro

- De onde vem essa forma de organizar o seu dia (lembra-la se foi da formação inicial , na continuada é da escola. Ou você viu alguém fazer dessa forma?

R; tem algumas da rotina que são impostas. Como os horários para o almoço, café da manhã, sono, mas as atividades sou quem decidi. A diretora faz algumas sugestões também.

- Desses atividades qual você acha fundamental?

R: eu acho que todas são fundamentais, mas gostaria de fazer mais aulas debaixo da arvore. Não gosto de ficar trancada na sala com as crianças.

- Ou ainda qual você não deixaria de fazer?

R: deixaria de usar a sala, queria uma sala junto do jardim, sentar na grama, ficar descalço, correr, fazer castelinhos de barro, por que aqui não temos areia rsrs

- 3) Como é realizada a escolha dos temas desses projetos, onde você aprendeu que isso é importante ou não?

R: o tema normalmente surge com a necessidade das crianças, no inicio do ano é praxe fazer algum trabalho que envolva as relações, depois a higiene e a alimentação. Só depois que conseguimos trabalhar as temáticas como os mamíferos que as crianças adoram e aprendem muito.

Ah!!! Nessa temática essas fazem muitas relações, é mais fácil aprender os nomes dos animais. Eu já trabalhei o projeto sobre as cores as crianças não gostam e é muito difícil e sofrido perceber a aprendizagem delas.

4) No seu diário aparece alguns recursos como: recorte colagem, elaboração de painel, cartaz, listas. Por que você utiliza esses recursos? Com quem você aprendeu a fazer um cartaz, listas?

R; eu utilizo por ser uma forma de organizar meu trabalho e organizar a estrutura para crianças.

Ahh!! No cartaz eu sistematizo os combinados, uma letra de uma musica, a seqüencia de um texto e ai a criança pode ir ate lá o tempo todo e olhar novamente a letra a e o b mais a fica BA e é o ba de baleia. É assim...

5) Esses espaços que você cita: ambiente virtual, parque, biblioteca, multimídia, biblioteca. Qual desses ambientes você mais gosta de trabalhar?

Por que?

R: eu gosto da multimídia, fico boba de como essas crianças sabem operar um computador. Eles são realmente da era da tecnologia digital.

Bloco C: A formação do professor

1) Você relatou que existem alguns horários que são para estudo e que são importantes. De que forma esses momentos tem contribuído na sua prática pedagógica?

R: aqui na escola é tudo muito rápido, esses momentos de estudo serve para compreendermos o que está acontecendo.

Outra coisa que eu acho importante é trabalhar com a nossa proposta que é a metodologia da problematização. Eu aprendi a dar aulas, depois aprendi seguir o livro didático, depois aprendi trabalhar com projetos agora eu tenho essa metodologia.aiaia

2) Do que você sente necessidade? O que faltou na sua formação.

R: entender a metodologia da problematização, rsrs

2) Como foi sua formação inicial?

R: foi boa, porém não foi suficiente. Eu estudava a distância na ULBRA. Estava passando por motivos de doença na família não podia trabalhar e estudar e ficar fora o dia todo. Então eu conciliava o momento que estava em casa cuidando do meu pai e estudava também. Sou brasileira e não desisto muito.

3) Fez Pedagogia onde? Por que você escolheu esta instituição? Você gostaria de ter estudado em outra Universidade?

R: eu fiz na ULBRA assim que começou esse movimento de educação a distancia. Era mais barato. O pessoal foi explicar como era um dia na creche e resolvi fazer. Já tinha algum tempo que eu pensava fazer o curso. Foi a união do útil com o agradável ou melhor necessário. Eu me formei em 2007.

4) No período do seu Curso quais foram seus maiores desafios?

R: ter que estudar, trabalhar e cuidar do meu pai em uma cidade em que eu não conhecia ninguém.

4) O que você aprendeu?

R; eu aprendi lidar com as pessoas, fiquei mais humana. Essa foi minha maior aprendizagem. Eu li muito. Tinha que ler um texto que levava em outro e outro e outro tinha dia que eu não dava conta de tanta leitura. Ai muitas vezes eu não entendia nada. Eu aprendi a ler, foi o período da minha vida que eu mais li.

5) Foi importante fazer Pedagogia? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: foi para eu ganhar mais e ler bastante, rsrs

6) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: como foi distancia, a falta de comunicação estou acostumada a gritar, falar, chorar e a distancia nada disso tem efeito e sentido. Essa de fato foi a experiência mais marcante.

7) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: acho que sim, ele me proporcionou muita leitura, mas não discuti com os colegas. Hoje eu acho que aprendo mais nesses cursinhos de capacitação.

8) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez Pedagogia?

R: nada, talvez tenha aprendido uma forma nova de proporcionar leitura para os meus alunos.

9) Onde você aprendeu a trabalhar com as crianças como você faz?

R: no magistério, as vezes faço algumas intervenções como as professoras que tive na minha vida. Quando eu vou para Rio Verde sempre pedia ajuda em algumas atividades, ou algo que eu gostaria que as crianças aprendessem....assim pedindo ajuda aqui e acolá.

10) A rotina da sala de aula, (aquilo que você faz a cada dia) é decidido por você, ou é sugerido pela escola, SEMED ou SAS?

R: a SEMED contribui dando algumas opções, eles tem vários formas de rotina, aqui na escola ora é a SEMED que faz nosso horário ora é a diretora. Tem aulas que eu posso mexer mas outras que eu preciso realizar conforme esta no horário senão eu atrapalho a outra turma.

Por exemplo meu horário de parque são duas vezes na semana na segunda e quarta das 9 horas as 10 horas. Se eu for as 11horas é tempo de outra turma e não dá para ficar no parque duas turmas. A sala de informática é assim também.

9) E a formação continuada?

R: fazer formação sempre é bom. O melhor congresso é quando tem um monte de professores falando de sua prática, claro que tem uns que só por Deus.

a) Esse curso foi custeado por você ou pela SEMED?

R: eu tenho pós em Educação Infantil e estou fazendo Pós em Educação especial. A primeira foi paga pelo meu chefinho o prefeito. Agora eu faço essa por necessidade, a minha necessidade. Tem muitas crianças portadoras de necessidades especiais e não dá mais para não entender-las e contribuir para formação delas.

b) Você tem a opção de escolher o curso?

R; quando é curso de capacitação sim, pós é só uma.

c) Que cursos tem feito?

R: tudo que tem haver com a criança eu procuro fazer. Fiz sobre matemática na Educação Infantil, alfabetização e letramento, fora isso tem congresso, seminários essas discussões sobre o professor que sempre contribui.

d) O que Aprendeu de interessante nesses cursos

r: aprendi a fazer, como trabalhar a matemática, esse conceito novo de letramento, como fazer isso na sala de aula.

e) Foi importante fazer essa formação? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: foi sim. Por exemplo esse conceito novo de letramento eu não conhecia. E você tem que estar disposta a aprender, tem um monte de professor que sai falando eu não aprendi nada. Eu acho impossível não aprender nada, também eu posso ser bem devagar, rsrs

f) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: as experiências mais marcantes são conceitos que a gente desconhece. E pra mim foi o conceito do letramento que ate então eu não conhecia.

g) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: não, aprende o conceito por exemplo de letramento mudou minha forma de ensinar, de trabalhar e explorar um texto. Antes lia por ler. Por que ler para eles era importante. Agora eu leo discuto o texto, vejo a visão a posição deles perante o texto e com isso eu consigo ajudar na formação deles. Por exemplo, com relação ao preconceito. Eu trabalhei o livro menina bonita do laço de fita. Se fosse antes eu só iria ler, mas agora eu discuti, perguntei e vi a forma como eles pensavam, procurei outras leituras para que quebrassem alguns estereótipos. É mais ou menos assim

h) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez essa formação?

R: essa forma de abordar a leitura e fazer junto com eles.

i) Você acredita que essa Formação mais a formação Inicial são suficientes para te dar conhecimentos para que você tenha uma boa prática em sala de aula?

R; não. Ainda mais eu que fiz formação a distancia. Acho que o contato olhar nos olhos é muito importante. Eu tenho aprendido muito nessas capacitações.

Professora D

Roteiro de Entrevista

Bloco A: Dados Biográficos Gerais

25) Fale um pouco sobre a escola que estudou.

R: eu estudei no Maria Constancia, depois eu fui para o Bem Fica e depois eu fui 11 de outubro. Fiz CEFAM no Joaquim Murtinho, fiz Pedagogia no Curso de férias na UCDB e fiz Pós em Educação Infantil na EGEA.

Tudo foi maravilhoso, a professora do pré me marcou muito, ela carinhosa, educada, linda. Teve outra professora que marcou. A professora de matemática Denise me marcou muito eu reprovei com ela. Eu não comprehendia bem a matéria. Eu não suportava trigonometria ela era muito Caxias. Eu fiquei com muita raiva dela, fiquei possessa. Mas no 2 ano eu peguei paixão por ela. Hoje eu me espelho nela. Ou você aprende ou você aprende. Eu não sou assim como

ela, mas eu acho que o mundo esta cobrando muito e eu cobro também. Meus alunos tem que saber.

26) Quais lembranças você tem das professoras que passaram pela sua vida?

R: eu lembro que as partes mais marcantes com as professoras era durante as festas comemorativas, a gente se organizava junto com a professora e tinha condições de mostrar o talento para professora e para os pais. Mas a única que eu lembro era da professora Claudia do Pré, o resto eu nem lembro. E essa professora de matemática do CEFAM.

27) O curso de Pedagogia foi sua primeira escolha?

R: Foi minha primeira escolha, eu sempre quis trabalhar com criança. Eu nunca pensei em fazer outra coisa. Eu sempre quis ser professora. Eu tenho uma tia que eu amo de paixão e eu me espelhei nela.

28) Quando e porque você começou a fazer Pedagogia?

R: eu comecei a fazer Pedagogia na UCDB, foi minha primeira escolha. Eu já dava aula os dois períodos e ai eu tive que fazer esse curso de férias. Se não tivesse esse curso de férias talvez eu não teria conseguido me formar. Era muito difícil eu ganhava 250 reais e ainda tinha que pagar o curso com um filho pequeno

29) Você gostaria de fazer outro curso? Qual?

R: não, mas já começo a pensar, pois os concursos estão muito difíceis. Eu já fiz 3 concursos e não consegui passar, mas estou tentando. Eu sempre vou bem no pedagógico, mas no português eu tenho muita dificuldade. Mas enquanto tiver escola para eu trabalhar eu vou trabalhar na educação.

30) E hoje você continua querendo ser professora ou tem vontade de mudar de profissão?

R: eu continuo querendo ser professora. É uma profissão que eu me realizo como professora é gratificante. As vezes eu estou com tanto problema ai eu entro dentro da sala e tudo acaba. É como se fosse uma terapia. Não tenho vontade mudar. Eu sou feliz na sala de aula. Mas acho que daqui um tempo se eu não passar no concurso não terei mas sala para dar aula.

Bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários

7) Percebi que aparece nos seus diários uma preocupação com alimentação das crianças. Porque isso é tão importante para você?

R: eu me preocupo em todo momento. As vezes a criança tem que se alimentar bem, mesmo porque a criança é difícil para comer, e ela para estudar tem que estar bem alimentada. Outra coisas que eu penso se ela esta aqui o dia todo, vai chegar em casa vai tomar banho e vai dormir. E ai fica sem comer. Saco vazio não para em pé.

8) Você relata que tem muita dificuldade com a segunda-feira, pois não consegue colocar as crianças na rotina. Fale mais sobre isso.

R: na prática eu tenho experiência, eu chegam com hábitos e costumes de casa e demora um pouco para entrar na rotina da escola. Ela atrapalha muito por que chegam aqui todos desorientado. Não é fácil coloca-los na rotina na segunda-feira.

3) Pude observar que sua rotina está envolvida por: brincadeiras.

-Além disso, você realiza outras coisas que não aparecem aqui?

R: música, dançar, cantar, atividade escrita, massinha, brincadeiras dirigidas, teatro, fantoche.

- De onde vem essa forma de organizar o seu dia (lembra-la se foi da formação inicial , na continuada é da escola. Ou você viu alguém fazer dessa forma?

R: vem do meu planejamento, agora as coisas que faço aprendi no magistério. Fazer cartaz com cores fortes, sem babado, sem desenhos. Mesmo sendo para criança a coisa tem que ser mais intencionada.

- Dessas atividades qual você acha mais importante?

R: depende do que. Por exemplo: dependo do eu quero. Se eu quero que ele aprenda o alfabeto é uma coisa, se eu quero que ele tenha boa convivência das crianças, por exemplo eu cantigas que levem as crianças a se abraçar. Mas a atividade é sempre intencional, dependo do que eu quero para eles.

- Ou ainda qual você não deixaria de fazer?

R: eu não ou melhor eu faria menos. Coisa que a criança tem que ficar concentrada, pedir atenção. Da muito trabalho para o professor e para criança mas dá resultado. Por exemplo se pedir para a criança pintar o b que em uma atividade. Ela pinta um, pinta dois e ai ela não quer mais. Eu acho que aprenderia da mesma forma com embalagens, com carvão, o problema é o registro.

4) Como é realizada a escolha dos temas desses projetos onde você aprendeu que isso é importante ou não?

R: eu escolho assim, no inicio do ano a gente sempre trabalha a questão da identidade. Depois a gente trabalha temas relacionados a sociedade, tipo: avó, tio, amigos etc.

Eu aprendi a trabalhar com projetos na Pedagogia, nas Capacitações, nos Pólos. No magistério nem se falava sobre projetos. Eu gosto de trabalhar com projetos eu acho interessante, as crianças se envolvem mais, parte da realidade dela.

5) No seu diário aparece algumas atividades como: leitura e escrita, seqüência numérica, adição, desenhar, pintar. Por que você realiza essas atividades? Com quem você aprendeu a escolher atividade de leitura e escrita.

R: eu aprendi no magistério, Pedagogia e nas capacitações. Tudo dependo do meu objetivo. O que que eu quero que eles saibam. Se eu quero que ele saiba a sequencia numérica, que um numero vem depois do outro e isso só acontece por que eu tenho que faze com que eles comprehendam que 1 2 3 4, só é assim por eu o 2 é o 1 mais o 1 e assim sucessivamente. Então eu tenho varias formas de fazer com que a criança perceba isso. O problema pra mim é só na hora do registro.

31) Quais os espaços físicos que existe no ceinf? Qual desses ambientes você mais gosta de trabalhar? Por que?

R: no salão, onde é o refeitório e tem um monte de cantinhos. Tudo nos fazíamos tudo é muito gostoso. As crianças tem mais escolhas de brincadeiras eles nem dão trabalho, a atividade fica mais divertida.

32) Você ressaltou no seu diário uma aula passeio. Você acredita que essa aula faz diferença na aprendizagem das crianças? Com quem você aprendeu fazer isso?

R: eu aprendi sobre as aulas passeio nos Pólos e troca de experiência. Alguém que fez e deu certo ai a gente arrisca a fazer eu acho que faz diferença, por que eles tem outra realidade de mundo. Nessas aulas eles voltam cheios de informações e a gente pode trabalhar um monte de coisa. E com a família eles também não tem oportunidade de fazer esse tipo de passeio.

Bloco C: A formação do professor

1) Você relatou que sente necessidade de estudar para dar aulas, o curso que fez não foi suficiente. Do que você sente necessidade? O que faltou na sua formação.

R: sinto. Porque todos os dias pra você conseguir fazer um bom trabalho, você tem que dominar muito bem os conteúdos, ai você tem domínio do restante, mas é preciso estar atualizado e estar estudando e trocando com os colegas.

2) Como foi sua formação inicial?

R: eu fiz Cefam no Joaquim Murtinho e Pedagogia de Férias na UCDB.

3) Fez Pedagogia onde? Por que você escolheu esta instituição?

R: UCDB, eu queria fazer e quando saiu o de férias eu resolvi fazer, se fosse de outra forma eu não faria. Claro que se não tivesse esse curso eu faria outro, mas seria mais difícil e complicado.

4) Você gostaria de ter estudado em outra Universidade?

R: não, eu amei tanto a UCDB. Eu nunca pensei estudar na Federal, é só para crânio.

5) No período do seu Curso quais foram seus maiores desafios?

R: era por que era férias, eu não tinha com quem deixar as crianças e a distancia.

9) O que você aprendeu?

R: eu aprendi muita teoria. Eu uso mais Piaget. Eu sempre lembro das fases do desenvolvimento da criança.

10) Foi importante fazer Pedagogia? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: foi muito, me condições para eu poder trabalhar, para você ser aceito no mundo do trabalho. E a teoria me ajuda, mas minha relação com aprendizagem eu vejo o problema da criança eu percebo que a criança tem fases e antes eu achava que a crianças a era mimada e hoje vejo com outros olhos

11) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: o tcc você tinha que defender banca, fazer o trabalho e depois tem que falar, isso é quanto o nervosismo. Agora as aulas eu amei as aulas da Denise, eram aulas dinâmicas e lúdicas.

12) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

13) R: trabalharia, mas o que eu exerço aqui é o magistério, as aulas de Pedagogia me deram condições para compreender o desenvolvimento da criança e como agir.

8) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez Pedagogia?

R: a organização, eu comecei parti mas para o lado teórico, trabalha mais atividades diferenciadas, diversificar o conteúdo e compreender a criança

9) Onde você aprendeu a trabalhar com as crianças como você

faz?

R: no magistério e passei a compreender a criança na Pedagogia

33) A rotina da sala de aula, (aquilo que você faz a cada dia) é decidido por você, ou é sugerido pela escola, SEMED ou SAS?

R: pela escola. Eu acho que é uma forma bem organizada e gosto de trabalhar assim, mas é muita informação.

9) E a formação continuada?

- a) Esse curso foi custeado por você ou pela SEMED?
- b) Você tem a opção de escolher o curso?
- c) Que cursos tem feito?
- d) O que Aprendeu de interessante nesses cursos
- e) Foi importante fazer essa formação? Em que sentido? Fez alguma diferença?
- f) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?
- g) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?
- h) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez essa formação?
- i) Você acredita que essa Formação mais a formação Inicial são suficientes para te dar conhecimentos para que você tenha uma boa prática em sala de aula?

Professora E

Roteiro de Entrevista

Bloco A: Dados Biográficos Gerais

34) Fale um pouco sobre a escola que estudou.

R: Eu sempre estudei no Joaquim Murtinho, naquela época que se fazia fila na frente da escola para conseguir uma vaga. Eu me lembro que minha mãe dormiu uma semana na fila. E quando eu consegui a vaga nós comemoramos em casa, como se fosse à salvação da minha vida, o melhor troféu da família.

Eu morava muito longe e era uma luta diária freqüentar essa escola. Cada dia era uma novela para eu chegar nessa escola.

Os professores eram maravilhosos. Eram tantas pessoas na escola. A escola era enorme.

Eu lembro que tinha muitas lendas, da loira do banheiro. Eu não ia ao banheiro sozinha de jeito nenhum.

Nessa escola eu iniciei e fiz até o magistério. Só não fiz curso superior por que não tinha, rsrs

Para minha família não havia a possibilidade de sair dessa escola.

35) Quais lembranças você das professoras que passaram pela sua vida?

R: eu amava as professoras. A minha primeira professora era linda. Ela era loira com uns penteados, sempre estava cheirosa, ela usava perfume da Avon. E eu ficava muito feliz quando ela passava um dedinho de perfume em mim.

Minha segunda professora tinha um nome bem engraçado, falava baixinho e combinava todas as roupas. Se a roupa fosse preto com branco os brincos também e os sapatos e bolsas também. Todos os dias nós ficávamos esperando para ver como ela iria chegar na escola. Ela era muito carinhosa. Eu lembro que ela fazia ditado e chamada oral. Ficava uma criança atrás da outra e uma de cada vez ia até sua mesa para ler para ela. Eu ficava tão nervosa, mas não podia desapontá-la.

A minha terceira professora adorava ler para nós e vivia cantarolando, ela era meio louca....ela enchia o quadro derrepente se virava de nós dava um susto com suas perguntas sobre os conteúdos.

Na quarta série eu não ao certo da professora de sala, a escola vivia em greve, paralização. Eu lembro que nós fazíamos passeata, íamos na 7 de setembro onde fica até hoje o sindicato dos professores, nós fechávamos a avenida Afonso pena, fazíamos pose para os jornalistas, e foi assim que passamos esse ano. Não lembro de ter aprendido alguma coisa nesse. Coisa não. Conteúdo.

Já na quinta serie não lembro de todos os professores. Mas me recordo muito do professor de matemática, eu não conseguia aprender nada do que ele ensina e amava as aulas de Educação física, nossa professora nós levávamos para fazer aula no Belmar Fidalgo e natação no SESC. Ela era muito dedicada e nela eu grudei até a 8 série. Adorava os jogos, os campeonatos, eu ia para escola aos sábados e domingos para treinar. Ela conseguia uns lanches para nós. Tipo: pão com mortadela, refrigerante, frutas, era sempre muito divertido e prazeroso. E sofrimento com a matemática sempre existiu e continua até hoje, rsrs

36) O curso de Pedagogia foi sua primeira escolha?

R: eu queria fazer Educação Física para trabalhar com as crianças, ai eu fiz magistério e alem de trabalhar com o movimento eu pude trabalhar com artes. Ai vi que seria interessante poder trabalhar nas áreas que dão mais prazer e hoje eu tento fazer isso com os conteúdos que tenho ensinar as crianças.

Eu posso ensinar cantando, dançando, brincando e assim eu entro na sala e saio muito feliz.

37) Quando e porque você começou a fazer Pedagogia?

R: eu fiz magistério e durante meu estágio a diretora me convidou para trabalhar. Eu já tinha seu emprego garantido e o salário não era ruim para uma pessoa que não tinha nem 18 anos. Ai veio um movimento, um bafafá que quem tivesse Pedagogia iria ganhar mais e trabalhar menos. Eu fazia o que eu gostava. Resolvi fazer, vai que realmente isso fosse acontecer. A prefeitura abriu com convenio com a UEMS e eu fiz o curso, fiz concurso e estou ate hoje aqui...

38) você relatou que não se sente profissionalmente realizada e nem reconhecida.

Você gostaria de fazer outro curso? Qual?

R: hoje parece que ser professora não é mais nada, ou é qualquer coisa. Qualquer um diz entender ser professor, todos metem o bedelho no seu trabalho e isso eu não gosto e me irrita muito.

Eu tenho vontade de fazer artes e educação física, mas gosto muito do que faço, mesmo por que posso ser professora de artes e educação em todas as atividades que desenvolvo, rsrs

39) E hoje você continua querendo ser professora ou tem vontade de mudar de profissão?

R: por mais que eu faça educação física e artes é para dar aula. Então quero ser sempre professora. Não sei se é porque eu amo ou se é porque me acomodei. Mas tenho um salário bom e sempre, tenho boas condições de trabalho, tenho convenio medico pela prefeitura e meus direitos. Não é tão ruim assim.

Eu tenho exemplo na minha família de pessoas que fizeram direito e ate hoje não ganha o que eu ganho, vivem frustrados, mal conseguem realizar os sonhos. Eu trabalho com criança elas são lindas, puras, engraçadas.

Tem dia que entro na sala chateada com alguma coisa, tipo briga com o marido e eu olho para elas e tudo acaba, elas me dão um beijo e choram que dói aqui ou ali e eu esqueço todos os meus problemas. Ser professora pra mim é mais que uma profissão é uma terapia é uma realização.

Bloco B: Observação das atividades relatadas nos diários

14) Percebi que aparece nos seus diários uma preocupação com alimentação das crianças. Porque isso é tão importante para você?

R: as crianças normalmente comem muito mal, eu acho que as crianças tem que estar bem alimentadas para poder aprender. Não todos mas muitos dos meus alunos só comem carboidratos e as vezes querem mamar o dia todo, eles não comem verduras, legumes, sucos, frutas. Essa é a minha preocupação como eles não tem contato com esses alimentos eles não tem vontade de comer. Eu acho que eu devo fazer essa parte de oferecer e insistir que pelo menos aqui eles comam melhor. Afinal, essa também passou a ser minha função como professora.

15) Você relata que se preocupa com a segurança das crianças. Em que sentido (integridade física, emocional...). Porque isso é tão importante para você?

R: realmente eu sou meio neurótica com essas coisas, os pais me confiaram seus filhos, então eu devo devolve-los da mesma forma no final do dia. Apesar de muitas vezes eu acabo fazendo muito mais do que eles.

Não me sinto bem de ter que entregar um filho para mãe e dizer que ele se machucou e eu não vi, que alguém mordeu eu não consegui fazer nada, é mais ou menos por esse caminho.

Ah!!! Outra coisa que me assusta é essa onda de pedofilia, ai meus Deus. Deus me livre se acontecer algo com minhas crianças. Eu gosto deles além, eu sei que não é profissional eu dizer isso. Mas eu amo essas crianças eu chego em casa e fico pensando, será que fulano tomou o remédio, será que a febre baixou, será que o pai bêbado não vai nele..... e assim por diante.

3) Você fala da importância de se ter respeito, sensibilidade, carinho e atenção para lidar com as crianças, você acredita que esses cuidados faz diferença no aprendizado da criança e você acredita ou observa que esses cuidados não estão presentes na prática das suas colegas?

R: eu acredito muito nisso, não sei faço algumas coisas para compensar minha infância antes da escola. Quero ser uma professora como foi muitas das que tive. Não quero que meus alunos se recordem de mim de forma ruim, quero que eles sintam saudades, que eles queriam vir para escola. Por que sabe que vai encontrar alguém que os respeita.

Acho que se eu tivesse ido para escola antes da primeira série e tivesse encontrados professores bons não seria assim. Eu tive uma babá muito ruim, me dava resto de comida e mistura tudo parecia uma lavagem. Me colocava de castigo debaixo da mesa

como um cachorro ou atrás da porta. Só eu ficava as filhas dela não....e isso eu não quero para minhas crianças.

Eu já vi muitas colegas tratar as crianças muito mal, e eu sempre falo espero que a professora de seus filhos e netos os tratem da mesma maneira.....é o suficiente.

4) Você relatou que: o momento da troca de fralda é um momento que se pode brincar e ainda realizar a troca sem constranger as crianças, mas essa atividade é realizada pela monitora. Você gostaria de realizar essa atividade junto a criança?

R: gostaria sim, mas as vezes eu acho até bom. Principalmente quando estou desenvolvendo alguma atividade ai parar para trocar uma criança sei lá mas quando o momento não está tão interessante eu gostaria de trocar.

4) Pude observar que sua rotina está envolvida por: roda, dança, história, relaxamento, oração, música, brincadeiras, poesias, canções, parque, desenho, soninho, filmes e tv.

-Além disso, você realiza outras coisas que não aparecem aqui?

R: agora que me lembro só teatro que eu não falei antes.

- De onde vem essa forma de organizar o seu dia (lembra-la se foi da formação inicial , na continuada é da escola. Ou você viu alguém fazer dessa forma?

R: acho que nas duas, mas sempre me lembro de como a minha professora de Educação Física dava aula e sempre me inspirou nela.

- Desses atividades qual você acha fundamental?

Depende do meu objetivo. Se tenho problemas de relacionamento uma roda, uma musica vai bem. Se é para que eles aprendam seu nome, recorte, colagem, aula expositiva.....enfim depende do que eu quero

- Ou ainda qual você não deixaria de fazer?

Nenhuma, pois depende do que eu quero que eles aprendam.

5) Como é realizada a escolha dos temas desses projetos onde você aprendeu que isso é importante ou não?

R: eu aprendi a trabalhar com projetos na faculdade, mas só fui entender mesmo quando eu vim aplicar na creche. Só entendi sua aplicabilidade quando decidi trabalhar com projetos na creche.

Eu escolho a partir de uma necessidade. Por exemplo as crianças não estão comendo bem, e só comem arroz com feijão, ai eu entro com o projeto sobre alimentação e dali e parto para os conteúdos, ensinar as letras e as quantidades por exemplo.

40) você relatou que se sente mal com a cobrança dos pais e com a participação dos mesmos, fale mais sobre isso. Porque te incomoda, eles influenciam na sua prática em sala de aula?

R: me irrita e muito. Por que eles falam muitas besteiras e reclamam de nada e não conseguem ver o que realmente a gente faz, coisas que nem eles fazem.

Bloco C: A formação do professor

1) Você relatou que sente necessidade de estudar mais, o curso que fez não foi suficiente. Do que você sente necessidade? O que faltou na sua formação.

R: sinto falta de estudar mais. As vezes essas crianças me perguntam coisas que não sei responder. Coisas dos conteúdos. Ai eu vejo que falta muito. Essas crianças são muito inteligentes.

2) Como foi sua formação inicial?

R: minha formação foi boa e como eu estava em sala fui resolvendo meus problemas e colocando em prática o que viu e discutia na faculdade.

3) Fez Pedagogia onde? Por que você escolheu esta instituição? Você gostaria de ter estudado em outra Universidade?

R; eu fiz Pedagogia na UEMS, por que teve um convênio. Nunca pensei sobre isso. Só queria não precisar pagar, meu salário não pagaria esse curso, rsrs

4) No período do seu Curso quais foram seus maiores desafios?

R: ler e escrever, rsrs. Ai quebrei minha cabeça para conseguir fazer uma resenha. Comprar livros também foi um desafio financeiro muito grande, tanto é que só consegui comprar alguns.

4) O que você aprendeu?

R: eu aprendi tanta coisa. A fazer projeto rsrs. Passei entender como as crianças se desenvolvem, qual é minha função como professora, aprendi que brincar é importante e por meio dele as crianças também aprendem os conteúdos. A história da educação, meus direitos de professora. Sei lá ...muito mais....

5) Foi importante fazer Pedagogia? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: foi sim. Eu conheci muitas pessoas, troquei muitas experiências, aprendi muito com as colegas de sala. Aprendi tanta com os professores. As fases do desenvolvimento das crianças, o papel quando eu penso sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, o que eu posso fazer para contribuir com aprendizado dessas crianças. A transposição didática,

como eu posso fazer para criança entender de fato o é 2 mais 2. Sei lá foram tantas coisas.

6) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: ter que ler e escrever, não foi fácil, cada coisa que esses professores pediam que não sabiam nem por onde começar, e as informações não eram tão fáceis como agora. Faça um relatório e você na net e lá um monte de modelo. Eu tinha vergonha de falar que não sabia fazer um resumo.

7) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R: não eu só conhecia o mundinho que eu vivia, as atividades eram ditadas pelas outras pessoas que ali estavam. Dormir é bom, mas tem a quantidade certa não é tarde toda, e muitas vezes eu fiz isso junto com todas e isso é mais uma que não acontece, eu não deixo mais a criança dormir muito, comer muito, só atividade de papel, só brincar e posso discutir sobre isso por que aprendi na faculdade.

8) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez Pedagogia?

R: eu que determino minhas ações fundamentada na teoria que na faculdade, antes eu executava a ordem dos outros a partir do nada. Tipo assim, a criança tem saber ler por que na escola tal todas as crianças de 4 anos lêem. Mas sei que elas não são felizes, ou fazem isso por que tem uma família de ajuda nesse processo, mas sei também que se forçar isso essas crianças podem ser as mais frustradas também, então eu vou ate onde eu acho que consigo ir e que as crianças conseguem ir. Claro que eu não trato elas como um monte incapaz, mas é ter bom senso de ate onde devemos chegar.

9) Onde você aprendeu a trabalhar com as crianças como você

faz?

R: eu não sei. Pode ter sido no magistério, na pedagogia, na infância que eu não tive, e me espelhando com minhas professoras principalmente de Educação Física

10) A rotina da sala de aula, (aquilo que você faz a cada dia) é decidido por você, ou é sugerido pela escola, SEMED ou SAS?

R: a SEMED tem um quadro de sugestões, mas não é para ser seguido a risca. Eu faço muitas coisas que tenho vontade, tem vezes por eu quero tesar alguma coisas, tem vezes que determinado pela diretora e assim as coisas vão acontecendo, mas acho que todos nós queremos o melhor para crianças.

9) E a formação continuada?

R: já fiz pós em Educação Infantil

a) Esse curso foi custeado por você ou pela SEMED?

R: esse eu fiz pela SEMED. O Neslsinho que pagou rsrs.

b) Você tem a opção de escolher o curso?

R: tenho, mas não tem muita opção, no caso da Pós. Agora tem outros como: brincadeiras na educação infantil e coisas do gênero. São cursos bem rapidinhos que sempre dá para apresnder alguma coisa.

c) Que cursos tem feito?

R: tenho feito cursos para trabalhar com a criança. Quando aparece eu sempre faço, desde que o din din de para pagar.

d) O que Aprendeu de interessante nesses cursos

r: uma metodologia ou outra. Como fazer para trabalhar um desenho, um filme, como fazer intervenção coisas assim

e) Foi importante fazer essa formação? Em que sentido? Fez alguma diferença?

R: foi sim, eu volta com idéias novas, o povo fala bastante e conheço o trabalho e coisas que estão dando certo em outras sala de aula.

f) Qual foi à experiência mais marcante desse curso?

R: as experiências da outras pessoas. Aprender as coisas com eles. Pro exemplo eu uso a musica para uma finalidade e fulana vai lá e mostra outra forma de fazer a mesma coisa. Ou como eu não consegui explora uma situação que outra pessoa conseguiu.

g) Se não tivesse feito esse curso, trabalharia da mesma forma com as crianças?

R; não que seja fundamental, mas acho que contribuiu, melhorou minha pratica.

h) Olhando pra trás, o que você acha que mudou na sua sala de aula depois que você fez essa formação?

R: eu não que mudou eu acho que melhorou, contribui para eu continuar algumas coisas e parar com outras, que as vezes não davam certo. Tipo assim, eu achava que para criança aprender a escrever o nome eu deveria uma folha e ela escrever mil vezes. Ela aprende, mas tem outras formas de fazer isso. Um dia eu posso da recorte e colagem, outro eu posso dar uma atividade no papel, outro eu posso tirar a letra da historia e associar com seu nome e assim vai.

i) Você acredita que essa Formação mais a formação Inicial são suficientes para te dar conhecimentos para que você tenha uma boa prática em sala de aula?

R: não. As coisas estão mudando com muita rapidez, eu acho que eu preciso estar sempre me atualizando e escutando as experiências dos outros. E fazendo os cursos que a melhor parte é a troca de experiência.

ANEXO 6
Termo de Consentimento Livre Esclarecido

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Katyuscia Oshiro, Pedagoga e Pesquisadora, vinculada ao Programa de Pós -Graduação de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco UCDB portadora do CPF 287.550.378-28, RG 36.107.653-8, residente na Rua Coronel Zózimo, 220 bloco K-02, CEP 79010-340, na cidade do Campo Grande – MS, cujo telefone de contato é (67) 9295-371, vou desenvolver uma pesquisa intitulada **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INFÂNCIA EM CAMPO GRANDE/MS: A MUDANÇA DE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES APÓS A HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**, Sob a orientação da Profª Drª Leny Rodrigues Martins Teixeira. Este estudo tem como objetivo retratar a formação de professores para a Educação Infantil e analisar as contribuições e implicações da habilitação específica para a prática docente do “educador” atuante na rede de ensino municipal de Campo Grande/MS. A sua participação nesta pesquisa é voluntária. E os instrumentos que serão utilizados serão: a escrita de um diário de bordo e uma entrevista semi – estruturada. Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), situado na AV. Tamandaré, 6000 – Jardim Seminário. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outras pessoas, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes. O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar. Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através da dissertação de mestrado, artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação. Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado à respeito do estudo “**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INFÂNCIA EM CAMPO GRANDE/MS: A MUDANÇA DE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES APÓS A HABILITAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os instrumentos de coleta de dados a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordei voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Assinatura do informante Data _____ / _____ / _____

Nome: _____ RG _____
Endereço: _____ Fone: () _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) Data _____ / _____ / _____